



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO E HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO AIRES**

**PONTO DE VISTA NARRATIVO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS POR  
MORTE VIOLENTA: RELATOS DE RUPTURA BIOGRÁFICA**

**FORTALEZA**  
**2023**

MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO AIRES

**PONTO DE VISTA NARRATIVO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS POR  
MORTE VIOLENTA: RELATOS DE RUPTURA BIOGRÁFICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte de requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Professora Dra Sandra Maia Farias Vasconcelos.

FORTALEZA  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A255p Aires, Maria Neurielli Figueiredo Cardoso.  
Ponto de vista narrativo de mães que perderam seus filhos por morte violenta: relatos de rupturas biográficas / Maria Neurielli Figueiredo Cardoso Aires. – 2023.  
153 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

1. Narrativas. 2. Ponto de Vista. 3. Rupturas biográficas. 4. Morte. I. Título.

CDD 410

MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO AIRES

**PONTO DE VISTA NARRATIVO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS POR  
MORTE VIOLENTA: RELATOS DE RUPTURA BIOGRÁFICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte de requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Aprovada em: 27/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra Sandra Maia Farias Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup> Dra Maria Leidiane Tavares Freitas  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof<sup>a</sup> Dra Lia Matos Brito de Albuquerque  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof<sup>a</sup> Dra Dannytza Serra Gomes  
Universidade Federal Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup> Dra Cécile Fontaine  
Université de Lille

---

Prof Dr. Júlio César Rosas de Araújo (UFC)  
Suplente Interno

---

Prof<sup>a</sup> Dra Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi (UFRN)  
Suplente Externo

Ao meu porto seguro, marido e filho: Renan e Renê.  
A todos que tiveram suas narrativas de vida interrompidas pela Covid-19,  
em especial ao meu amigo, grande mestre, torcedor tricolor Alex Ferraz.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Neuma e Iran, por todos os ensinamentos e sacrifícios que foram essenciais para formar meu caráter e minha sede em estudar cada dia mais e nunca desistir. Amo vocês.

A minha irmã, Neuriane, pelo companheirismo, amizade e amor que compartilhamos desde sempre e para sempre. Te amo.

Ao meu marido, Renan, por todos os momentos de descontração e pelo apoio e incentivo diários para não me deixar nunca desistir. E por me dar, também, o melhor presente que eu poderia pedir: nosso amado Filho, meu Renê, nosso menininho, que chegou para iluminar meu caminho, em meio à escrita de uma tese e uma pandemia desenfreada e avassaladora que assolou nossas vidas. Amo vocês!

Aos meus compadres, Raquel e Ismael e meus queridos meninos: Pedro Ismael e Theo e a princesa Maria Helena, por toda cumplicidade, companheirismo e amor compartilhado, mesmo à distância.

A minha orientadora, Professora Sandra Maia, minha mãe acadêmica que acompanha minha trajetória na Universidade desde 2007, por toda paciência que raramente alguns orientadores possuem e pela confiança depositada em todos esses anos.

Aos meus queridos companheiros do GELDA, por todas as reuniões, conselhos e conversas que ajudam tanto um pesquisador em formação a crescer e se descobrir na Academia. Minha família acadêmica.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Rosemeire Selma Plantin, que teve a empatia de resolver ajustes em meu período tão conturbado de gestação e em nome de quem eu estendo meus sinceros agradecimentos a todos os professores do PPGL/DLV, os quais contribuíram de maneira inestimável para a minha formação, desde que comecei, em 2007, a Graduação em Letras na UFC.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), especialmente à Valdirene, Antônia e Rodrigo, pela atenção, gentileza e competência com as quais nos apoiam.

A banca de defesa, composta pelas professoras Dannytza Serra, Maria Leidiane Tavares, Lia Matos, Cécile Fontaine e Conceição Passeggi, e professor Júlio César, que gentilmente aceitaram avaliar esse trabalho e realizaram contribuições tão significativas para os ajustes finais.

As professoras Dannytza Serra e Maria Leidiane Tavares, que me acompanham desde o período de Graduação em Letras e aceitaram participar desde minha banca da qualificação até à banca de defesa sempre com

contribuições e lições que nortearam a escrita desta tese. Meus mais sinceros agradecimentos.

Aos professores, amigos e colegas que conviveram comigo, ensinando-me e contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisadora durante esses mais de 15 anos de vivências na Universidade Federal do Ceará. Meu muito obrigada!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento, o qual foi fundamental para minha dedicação a essa pesquisa.

## RESUMO

Na presente tese tivemos como objetivo de analisar o ponto de vista narrativo de mães enlutadas que perderam seus filhos por morte violenta levando em conta a ruptura (MAIA-VASCONCELOS; 2022). Utilizamos como *corpus* narrativas autobiográficas de mães que perderam seus filhos de maneira traumática. Este *corpus* foi cedido por Silva (2015), e para isso pedimos autorização de duas mães por meio de um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) para que pudéssemos proceder nossas análises. Para tanto, estabelecemos, como objetivos específicos: a) analisar o posicionamento narrativo do sujeito ao contar sua história considerando a noção de Ponto de vista (PDV) de Rabatel; b) descrever a distinção entre o luto por morte violenta e por não violenta levando em conta as circunstâncias do evento e a iteração das ocorrências na narrativa; c) analisar o funcionamento das narrativas autobiográficas observando a noção de ruptura segundo Maia-Vasconcelos (2022) e Bury (1982). O alicerce teórico no qual fundamentamos esses objetivos procede da conjuntura teórica que elaboramos de reflexões sobre discurso à luz das perspectivas teóricas de Bakhtin (2003) e interdiscurso sob o viés de Maingueneau (2008), Bourdieu (2003) e Maia-Vasconcelos (2022); o conceito de narrativa à luz das teorias de Pineau (1996), Maia-Vasconcelos (2005; 2018; 2022), Jerome Bruner (2014); a noção de PDV sob a perspectiva de Rabatel (2016) e Genette (1989) e aspectualidade à luz de reflexões de Castilho (1968), Godoi (1992), Lima (2009) e Travaglia (2016). Os resultados mostraram uma tríade que representa estruturalmente uma narrativa analisada no âmbito dos estudos em HIVI. Conforme demonstramos na tese, essa tríade é composta: pela narrativa da mãe, pela violência contra o filho e pela a ruptura marcada na perda do filho. Na narrativa da mãe encontramos o que chamamos na presente tese de PDV narrativo-vivido, pois a partir desse PDV que conseguimos analisar o posicionamento desse sujeito que narra sua história. Na outra ponta dessa triangulação, a violência é marcada pela circunstancialidade, que desencadeou essas narrativas e como a iteração se mostra peça fundamental nesse tipo de narrativa. Por fim, a construção do PDV e da noção de iteração que essas narrativas apresentam só é possível devido ao que chamamos na tese de rupturas biográficas, momento chave da vida do sujeito que vai constituir a estrutura em que o evento será narrado. Esses resultados nos permitem concluir que as análises de narrativas autobiográficas marcadas por uma ruptura precisam levar em consideração os aspectos de ponto de vista narrativo, bem como noções de aspectualidade verbal, além de poder contribuir para uma abordagem mais plural do estudo narrativo na área da Linguística.

Palavras-chaves: narrativas; ponto de vista; rupturas biográficas; morte.



## ABSTRACT

This thesis will aim to analyze the narrative point of view of bereaved mothers who lost their children to violent death, considering the issue of rupture (MAIA-VASCONCELOS; 2022). We used as corpus autobiographical narratives of mothers who lost their children in a traumatic way. This corpus was provided by Silva (2015), and for that we asked authorization from two mothers through an TCLE (free and informed term of commitment) so that we could proceed with our analyses. For that, we established, as specific objectives: a) to analyze the narrative positioning of the subject when telling his story considering the notion of Point of View (PDV) of Rabatel; b) describe the distinction between mourning for violent and non-violent death taking into account the circumstances of the event and the iteration of occurrences in the narrative; c) analyze the functioning of autobiographical narratives observing the notion of rupture according to Maia-Vasconcelos (2022) and Bury (1982). The theoretical foundation on which we based these objectives comes from the theoretical context that we elaborated from reflections on discourse in the light of Bakhtin's (2003) theoretical perspectives and interdiscourse under the bias of Maingueneau (2008), Bourdieu (2003) and Maia-Vasconcelos (2022) ; the concept of narrative in light of the theories of Pineau (1996), Maia-Vasconcelos (2005; 2018; 2022), Jerome Bruner (2014); the notion of PDV from the perspective of Rabatel (2016) and Genette (1989) and aspectuality in the light of reflections by Castilho (1968), Godoi (1992), Lima (2009) and Travaglia (2016). The results showed a triad that structurally represents a narrative analyzed within the context of HIVI studies. This triad, as we demonstrate in the thesis, is composed: by the mother's narrative, by the violence against the child and by the rupture marked by the loss of the child. In the mother's narrative we find what we call in this thesis a narrative-lived PDV, because from this PDV we can analyze the position of this subject who narrates his story. At the other end of this triangulation, violence is marked by circumstantiality, which triggered these narratives and how iteration proves to be a fundamental part of this type of narrative. Finally, the construction of the PDV and the notion of iteration that these narratives present is only possible due to what we call biographical ruptures in the thesis, a key moment in the life of the subject that will constitute the structure in which the event will be narrated. These results allow us to conclude that the analyzes of autobiographical narratives marked by a rupture need to take into account aspects of the narrative point of view, as well as notions of verbal aspectuality, in addition to being able to contribute to a more plural approach to the narrative study in the field of Linguistics.

Key words: narratives; point of view; biographical ruptures; death.

## RÉSUMÉ

Cette thèse visera à analyser le point de vue narratif des mères endeuillées qui ont perdu leurs enfants de mort violente, en considérant la question de la rupture (MAIA-VASCONCELOS ; 2022). Nous avons utilisé comme corpus des récits autobiographiques de mères ayant perdu leurs enfants de manière traumatisante. Ce corpus a été fourni par Silva (2015), et pour cela nous avons demandé l'autorisation de deux mères par le biais d'un TCLE (moment d'engagement libre et éclairé) afin que nous puissions poursuivre nos analyses. Pour cela, nous nous sommes fixé comme objectifs spécifiques : a) d'analyser le positionnement narratif du sujet lorsqu'il raconte son histoire en considérant la notion de Point de Vue (PDV) de Rabatel ; b) décrire la distinction entre le deuil d'une mort violente et non violente en tenant compte des circonstances de l'événement et de l'itération des occurrences dans le récit ; c) analyser le fonctionnement des récits autobiographiques en respectant la notion de rupture selon Maia-Vasconcelos (2022) et Bury (1982). Le fondement théorique sur lequel nous fondons ces objectifs provient du contexte théorique que nous avons élaboré à partir de réflexions sur le discours à la lumière des perspectives théoriques de Bakhtine (2003) et sur l'interdiscours sous le biais de Maingueneau (2008), Bourdieu (2003) et Maia -Vasconcelos (2022) ; le concept de narration à la lumière des théories de Pineau (1996), Maia-Vasconcelos (2005 ; 2018 ; 2022), Jérôme Bruner (2014) ; la notion de PDV du point de vue de Rabatel (2016) et Genette (1989) et l'aspectualité à la lumière des réflexions de Castilho (1968), Godoi (1992), Lima (2009) et Travaglia (2016). Les résultats ont montré une triade qui représente structurellement un récit analysé dans le contexte des études sur le VIH. Cette triade, comme nous le démontrons dans la thèse, est composée : par le récit de la mère, par la violence contre l'enfant et par la rupture marquée par la perte de l'enfant. Dans le récit de la mère, nous retrouvons ce que nous appelons dans cette thèse un PDV vécu narratif, car à partir de ce PDV nous pouvons analyser la position de ce sujet qui raconte son histoire. À l'autre extrémité de cette triangulation, la violence est marquée par la circonstantialité, qui a déclenché ces récits et comment l'itération s'avère être un élément fondamental de ce type de récit. Enfin, la construction du POV et la notion d'itération que présentent ces récits n'est possible qu'en raison de ce que l'on appelle des ruptures biographiques dans la thèse, un moment clé de la vie du sujet qui constituera la structure dans laquelle l'événement sera raconté. Ces résultats nous permettent de conclure que les analyses des récits autobiographiques marqués par une rupture doivent prendre en compte des aspects du point de vue narratif, ainsi que des notions d'aspectualité verbale, en plus de pouvoir contribuer à une approche plus plurielle de la l'étude narrative dans le domaine de la linguistique.

Mots-clés: récits; point de vue; ruptures biographiques; mort.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Quadro de Lejeune: Pessoa Gramatica X Identidade.....	30
Figura 02: Introdução ao Gênero Biografia.....	31
Figura 03: Caracterização didática do Gênero Biografia.....	32
Figura 04: Exemplo do gênero Biografia.....	33
Figura 05: Trecho do livro “O diário de Anne Frank”.....	34
Figura 06: DIAGRAMA DE CARDOSO (2009).....	38
Figura 07: Concepção Cíclica da Narrativa, Holanda (2020).....	47
Figura 08: Rupturas biográficas.....	58
Figura 09: Quadro das categorias de aspecto proposta por Travaglia.....	70
Figura 10: Diagrama PDV “vivido”.....	80
Figura 11: Disposição dos sujeitos participantes.....	88
Figura 12: Disposição dos sujeitos narrativos da pesquisa.....	89
Figura 13: Linha temporal da narrativa de SN01.....	98
Figura 14: Linha temporal da narrativa de SN02.....	98
Figura 15: Segunda linha temporal da narrativa de SN02.....	99
Figura 16: Segunda linha temporal da narrativa de SN02.....	99
Figura 17: Linha temporal com a presença da Ruptura Biográfica .....	108
Figura 18: <i>Iteração</i> nas rupturas biográficas.....	110
Figura 19: Circuito Narrativo.....	111

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADC – Análise de Discurso Crítica

ATD – Análise Textual dos Discursos

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

GELDA – Grupo de Estudo em Linguística e Discurso Autobiográfico

HIVI – História de Vida

LT – Linguística Textual

NAVI – Narrativa de Vida

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PDV – Ponto de Vista

UFC – Universidade Federal do Ceará

UECE – Universidade Estadual do Ceará

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 DISCUSSÃO TEÓRICA</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Buscando a essência: a autobiografia</b>	<b>23</b>
<b>2.1.1 Concepções sobre Discurso</b>	<b>24</b>
<b>2.1.2 A escrita biográfica</b>	<b>27</b>
<b>2.1.3 A nomenclatura na escrita biográfica</b>	<b>37</b>
<b>2.2 A primazia pela narrativa</b>	<b>41</b>
<b>2.2.1 A importância da narrativa: contextualizando</b>	<b>41</b>
<b>2.2.2 História de Vida (HIV)</b>	<b>48</b>
<b>2.2.3 A ruptura biográfica</b>	<b>55</b>
<b>2.2.4 O luto e a questão da violência</b>	<b>59</b>
<b>2.2.4.1 Mortes violentas x Mortes não violentas</b>	<b>62</b>
<b>2.3 A aspectualidade e o Ponto de Vista PDV em narrativas autobiográficas</b>	<b>66</b>
<b>2.3.1 Categoria aspecto: definição</b>	<b>66</b>
<b>2.3.2 O PDV narrativo-vivido</b>	<b>73</b>
<b>3 DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>82</b>
<b>3.1 Aspectos Metodológicos da pesquisa</b>	<b>82</b>
<b>3.2 A virada hermenêutica</b>	<b>82</b>
<b>3.3 O Método (auto)biográfico</b>	<b>84</b>
<b>3.4 Abordagens e procedimentos</b>	<b>84</b>
<b>3.4.1 Caracterização da pesquisa</b>	<b>84</b>
<b>3.4.2 Procedimentos metodológicos da coleta de dados</b>	<b>85</b>
<b>3.4.3 Procedimentos e categorias de análise</b>	<b>89</b>
<b>4 INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS</b>	<b>91</b>
<b>4.1. A caracterização da vida</b>	<b>91</b>
<b>4.1.1. Narrativa de SN01</b>	<b>91</b>
<b>4.1.2. Narrativa de SN02</b>	<b>93</b>
<b>4.2. A caracterização da aspectualidade: SN01 e SN02</b>	<b>96</b>
<b>4.3. A caracterização do PDV: SN01 e SN02</b>	<b>102</b>
<b>4.4. Resultados</b>	<b>107</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES</b>	<b>113</b>
<b>REFERENCIAS</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA DE SN01</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA DE SN02</b>	<b>131</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“O homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão” (CAMARA JR, 1999)

Por ser uma escrita minha, mesmo que compartilhada com minha orientadora, tomarei esta seção para utilizar a 1ª pessoa, ora do singular, ora do plural, para que haja uma melhor familiarização do tema que será desenvolvido nas próximas páginas deste trabalho.

A escolha de um tema de pesquisa está quase sempre relacionada à história de vida do sujeito-pesquisador. Em concordância com a afirmação de Maia-Vasconcelos (2003, p. 25) que “o tema de uma pesquisa nunca será anódino”, acredito que o sujeito que escreve um texto científico, o faz devido a algo que o impulsionou e este fato, na maioria das vezes, está relacionado à sua vida e às suas escolhas.

Em minha pesquisa de mestrado (CARDOSO, 2015) argumento que mesmo na escrita acadêmica, a qual julgamos ser objetiva, o sujeito-pesquisador se apresenta em seu texto e mostrei que este processo ocorre na seção *Introdução* de teses de doutoramento, pois é nesta seção que o sujeito-pesquisador explicita o porquê de escrever sobre um dado tema, apresenta seu ponto de vista relativo a um assunto e, principalmente, assume a responsabilidade daquilo que está sendo discutido.

Fiz a escolha do estudo supracitado em decorrência de um questionamento: o que eu escrevia legitimava minha pessoa discursiva e, também, contribuía para uma produção intelectual acadêmica? Além disso, estudiosa de história de vida, que venho tentando ser, inquietava-me saber se ao escrever um texto, que exige uma objetividade acadêmica, eu deixava transparecer minhas escolhas, ou até mesmo, minhas frustrações. Com as análises, pude perceber que sim, pois as escolhas e as experiências de cada autor são peças fundamentais no processo de escrita do gênero tese. Posso me atrever a dizer que, nesta seção, há uma narrativa pessoal familiar e profissional e, sobretudo, sem esta narrativa o desenvolvimento da pesquisa não teria sido o mesmo, tampouco o engajamento, a escolha do objeto a ser analisado.

Sobre a escolha por uma narrativa pessoal na escrita de um gênero compreendido pela maioria acadêmica como objetivo, Barthes (2011, p.19) afirma que: “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não existe, nunca houve em lugar algum povo algum sem narrativa[...]”, essa afirmativa me faz pensar que a escrita de uma tese precisa cruzar com a história de vida do sujeito-pesquisador que irá escrevê-la.

Consoante a este pensamento, posso afirmar que a narrativa permeia minha vida desde muito pequena. Aprendi a ler com pouca idade, pois comecei a estudar antes dos 4 anos e sempre gostei de fingir que lia livros e, principalmente, gostava de ouvir histórias. Quando maiorzinha adorava ouvir as histórias contadas pela minha avó. Ora sobre sua vida na plantação de algodão, de como era um trabalho difícil e de como aquilo lhe machucava as mãos; ora suas histórias de juventude, de quando, com as outras moças, esquentavam a ponta da agulha e furavam levemente o buço no cantinho direito para fazer ‘um sinal de beleza’ e ela contava essa história sempre olhando pra mim e dizia: “Sorte a sua, pretinha, você já nasceu com o seu prontinho, por que eu tive que fazer o meu, apontando para o sinal em seu rosto”.

Costumo dizer que a narrativa faz parte da existência do ser humano. O narrar é tão essencial quanto à linguagem propriamente dita. Temos a necessidade de narrar, de contar histórias, de mostrar que fizemos grandes feitos, que vencemos preconceitos e, nada pode parar essa vontade de contar. Seguimos narrando até mesmo quando não é um fato alegre ou inspirador, contudo narramos, pois é preciso falar e não só para superar, porque vivemos e o vivido sempre será narrável.

Não vou dizer que a vontade de escrever esta tese surgiu do nada, nem poderia, seria hipocrisia de minha parte. Mas que não foi fácil chegar até aqui, isso não foi. No início de meus estudos acadêmicos na Universidade Federal do Ceará (UFC) pesquisei sobre narrativas contadas por mães que perderam seus filhos em situações traumáticas e no começo ouvir repetidas vezes: “Uma menina tão jovem envolvida com temáticas tão assombrosas”. A morte, talvez, nunca será uma temática cultivada em nossa cultura, e nem será essa discussão que pretendo desenvolver; mas sempre o que me interessou foi perceber a construção dos discursos que esta temática trazia à tona. Pude vivenciar este fato em meu percurso de vida, pois perdi uma tia muito amada para o Câncer há 13 anos. Escutei e ainda

hoje escuto falarem para as minhas primas frases do tipo: “Sua mãe iria gostar se fosse viva...”, “Tenha calma, um dia essa dor passa”, “A gente precisa lembrar dela em vida.” E por muitas vezes, tive vontade de falar que a dor não ia passar, que elas jamais esqueceriam o que aconteceu, mas não seria compreendida, pois o ser humano não aceita bem as perdas, e também faço parte dessa premissa.

Ouvi e li narrativas de pais que viveram a dor de perder um filho e pude perceber como este fato os modificou estes sujeitos de uma forma irreparável. Eles, provavelmente, jamais voltariam às suas vidas e nem a suas rotinas normais. E durante esses anos de pesquisa sobre História de Vida (doravante HIVI) me inquietava não conseguir provar que os estudos com e sobre narrativas constituem uma área de pesquisa na Linguística. E percebi que não era uma inquietação somente minha, mas também de grandes pesquisadores como Gaston Pineau que descreveu sobre esse árduo trabalho, que vem sendo desenvolvido a passos lentos, mas eficazes. Talvez nem seja necessário provar essa inquietação, mas sinto que preciso ajudar a pensar em como analisar as narrativas que constituem o universo das Histórias de vida.

E após algumas frustrações na escrita desta tese, minha orientadora me fez repensar e revisitar leituras anteriores e posso dizer que esta tese não foi nem de longe fácil de escrever, mas um pesquisador não abandona uma inquietação, pode até deixá-la adormecida, mas abandonar nunca.

Encerro minha singular fala na primeira pessoa do discurso para conceder a voz à pesquisadora que habita em mim.

\* \* \*

Iniciamos a presente tese com um questionamento que possivelmente surgirá em discussões futuras e que só será respondido ao final da escrita deste trabalho: precisamos de mais uma tese sobre narrativa? Já antecipamos que sim e explicaremos ao longo da tese porquê.

Como dito em linhas anteriores, um objeto de pesquisa estará sempre relacionado a uma inquietude do pesquisador em querer entender como aquele objeto pode modificar a vida, ou seja, a história de um sujeito ou de uma coletividade. Pensando em um sujeito que constrói sua pesquisa sem se distanciar



da sua história de vida é que discutiremos as bases que fundamentaram a presente tese de doutorado.

Tal modo de construir ciência é adotado pelo Grupo de Estudo em Linguística e Discurso Autobiográfico (GELDA), registrado no diretório de grupos do CNPq, desde 2008, alocado na Universidade Federal do Ceará, junto ao Programa de Pós Graduação em Linguística, é coordenado pela Profa. Dra. Sandra Maia-Vasconcelos. Esse grupo vem desenvolvendo várias pesquisas e projetos com alunos de graduação e pós-graduação, entremeando ensino, pesquisa e extensão com temas, que envolvem narrativa autobiográfica, linguística e discurso. Os pesquisadores, que estão engajados nesse grupo, buscam compreender as nuances da História de Vida (HIVI). A meta do GELDA é compreender como são construídas as narrativas orais ou escritas, espontâneas e/ou colhidas em situação controlada de pesquisa.

Como foi dito acima, o GELDA é liderado pela Profa Dra Sandra Maia-Vasconcelos, que começou a desenvolver pesquisas com HIVI em 1997 na Universidade Estadual do Ceará (UECE) com pesquisa em hospitais. Em 2003, com sua tese de doutorado intitulada: *Penser l'école et la construction des savoirs: Etude menée auprès d'adolescents cancéreux au Brésil*, apresentada na Universidade de Nantes, Maia-Vasconcelos inicia as discussões, que anos mais tarde serviriam de base para criar e edificar os estudos do GELDA. Todas as pesquisas desenvolvidas neste grupo, que atua em Fortaleza-CE na Universidade Federal do Ceará (UFC), se relacionam ao uso de textos narrativos para explicar algum fenômeno relacionado à área de pesquisa em HIVI, discurso e linguística tentando fortificar estas áreas de estudo. E desde o início dos estudos várias nomenclaturas foram utilizadas para tentar dar conta do universo de textos narrativos que compõem a área de estudo em HIVI.

Em 2010, Cardoso e Maia-Vasconcelos desenvolveram um diagrama que ajudou a abrir novas perspectivas sobre o estudo e abordagem de nomenclaturas e este foi visitado, revisto e até reformulado em outros estudos, tais como Viana (2012) que trabalhou com *récit de vie*. Neste estudo, Viana (2012) buscou enquadrar os textos autobiográficos no âmbito dos estudos linguísticos e para isso se apropriou da teoria estrutural de Roland Barthes para estudar os *récits de vie*.

Outro trabalho basilar nas pesquisas desenvolvidas com HIVI é o de Serra (2014), pois a autora inaugura no grupo um método que anos mais tarde seria de grande contribuição metodológica, a entrevista narrativa dialogada. Nesta pesquisa, Serra (2014) trabalha com a formação profissional de professores surdos utilizando os preceitos teóricos sobre HIVI de maneira nuclear para construir seu objeto de pesquisa e utilizando a teoria da Análise da Conversação. Contudo o grande diferencial da pesquisa repousa no fato de a pesquisadora não se inserir no trabalho de entrevista entre os sujeitos, haja vista que foram dados tópicos para que os sujeitos surdos desenvolvessem por si só a interação.

Nos demais estudos que serão apresentados a seguir, podemos perceber o uso de gêneros de cunho autobiográfico também sendo utilizados no desenvolvimento da base teórica sobre HIVI no âmbito da linguística. Desta maneira, Siqueira (2014) estudou os fenômenos de ortodoxia e heterodoxia em boletim de ocorrência da Delegacia da Defesa das Mulheres em Fortaleza e em relatos no site [www.leimariadapenha.com.br](http://www.leimariadapenha.com.br) de mulheres que sofrem violência doméstica.

Em sua tese, Silva (2015) trabalhou com narrativas autobiográficas de luto de mães que perderam seus filhos de forma traumática. Esse estudo revelou que discursos narrativos autobiográficos dessa natureza apresentam especificações no que diz respeito à sequencialidade, à temporalidade, ao uso de princípios de estruturação e à elaboração semântico-discursiva.

Freitas (2015) em sua tese analisou as autoconstruções dos sujeitos nas redes sociais, mais especificamente, no Twitter. Nesta pesquisa, a autora trouxe à tona a importância de como o contar a própria história e narrativizar o percurso da própria experiência como elementos dessa autoapresentação é importante e pouco estudado na esfera das redes sociais.

Outro estudo pertinente foi o de Maia (2016) que trabalhou com narrativa (tecno)autobiográfica de docentes. Esse estudo revelou que o *ethos* docente emerge na narrativa (tecno)autobiográfica no desvelar de um jogo discursivo no qual a configuração narrativa, na mesma proporção que o relato da práxis pedagógica corrobora para ressignificação e constituição da imagem de si.

Santos (2019), em sua pesquisa de doutoramento, estudou narrativas de desapropriação de sujeitos que residiam na Estância Jaraguá. Esse estudo revelou que as narrativas de vida sobre a desapropriação revelam três modos singulares de

significar o vivido: o enunciador desterritorializado, o enunciador territorializado, o enunciador multiterritorializado.

Mais recente, Holanda (2020) defendeu em sua tese, que o discurso em narrativas de si hierofônicas de evangélicos pentecostais, conhecidas como testemunho evangélico, é construído por meio de um *ethos* discursivo. O autor explicou que as narrativas de vida precisam levar em consideração os aspectos de dinamicidade e alteridade na construção do *ethos*, evitando tentar enquadrá-lo em imagens estáticas, e que o estudo das narrativas de vida de evangélicos pode contribuir para uma abordagem mais plural dos discursos religiosos.

Podemos perceber que em todos os trabalhos mencionados acima, houve uma preocupação de como nomear o seu objeto de estudo e se tivermos tempo para ler cada um, poderíamos perceber que há também o árduo percurso trilhado para chegar a um objeto de estudo e este percurso sempre esteve relacionado à trajetória de vida de cada pesquisador. As pesquisas desenvolvidas por este grupo apresentam, sem medo de mostrar, que há sempre um sujeito que viveu, que sentiu e que optou por escrever tudo o que foi dito. E foi pensando em todos os trabalhos que já foi e nos que ainda serão desenvolvidos no grupo GELDA, que resolvemos tentar diminuir um pouco a tensão causada devido à problemática que se faz presente nos estudos com HIVI e como construir o objeto de pesquisa no âmbito da Linguística e elaborar uma a presente tese a partir do estudo do PDV e da aspectualidade analisados de narrativas autobiográficas de luto de mães.

Em uma pesquisa anterior, argumentamos (MAIA-VASCONCELOS & CARDOSO, 2010) que um sujeito ao passar por uma situação traumática, isto é, aquela em que o sujeito se encontra em posição de crise, irá articular um discurso diferente do que proferiria em uma situação corriqueira ou cotidiana. O que defendemos na presente tese é que a estrutura de uma narrativa produzida em situação traumática não deve ser analisada como são analisadas narrativas ficcionais, por exemplo. E para que possamos analisar as primeiras é necessário trazer para a discussão duas categorias que serão chaves para nossa pesquisa: aspectualidade verbal e ponto de vista.

Sabemos que narrar é assumir responsabilidade pelo que é dito e não somente no âmbito acadêmico, mas na vida. Consoante ao pensamento de Rabatel

(2016), faz-se necessário na área dos estudos linguísticos-discursivos nos interessarmos pelo “homem que conta” e não apenas nos fixarmos em estruturas e análises de termos. Sobre esse interesse no “homem que conta” e o faz por meio da narrativa, acreditamos que a construção escrita ou oral autobiográfica captura do tipo narrativo seus princípios de organização, pois é a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas; é a narrativa que constrói as circunstâncias, as ações, as causas, o próprio enredo, enfim “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossas vidas”. (DELORY-MOMBERGER, 2008: 37)

No entanto, o momento de narrar-se não é um momento qualquer. O dinamismo da vida é possivelmente o fator decisivo sobre o momento da escolha. Que parte da vida deverá ser contada? Em que tempo verbal deve ser o relato? O passado é inelutável, por representar o já dito, o já feito, o *déjà-vu*. Ainda que essas representações pareçam insustentáveis. O presente pode parecer, muitas vezes, difícil de ser narrado, embora pareça ser o que há de mais concreto, a realidade, o agora, a situação e a verdade ao alcance da mão. Trata-se do cotidiano, da vida que se expõe no momento presente. O futuro é a alternativa antes de acontecer, que parece permanecer no mundo dos sonhos, de caminhos a percorrer ou a fugir.

Sobre esse momento do narrar, Pineau e Le Grand (2012), explicam que a verbalização do que foi vivido faz advir uma temporalidade específica. Advogamos por esta ideia que temporalidade não se relaciona somente ao tempo (passado, presente e futuro), mas também ao modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), e, sobretudo à noção de aspectualidade. Pineau e Le Grand (2012) citando Gusdorf (1990, p.192) concordam que “o vetor temporal da autobiografia não é retrospectivo, nem projetivo, mas incoativo”, e com essa afirmação compreendemos que aquele momento escolhido para narrar inicia um processo de mudança de estado, do *tornar-se...*, de (re)construção de si, do que MAIA-VASCONCELOS (2021) chama de *retextualização de si* pela narratividade. Daí por que o estudo sobre aspectualidade em narrativas (auto)biográficas se torna original e de grande relevância. Colocamos os parênteses no prefixo (auto) haja vista que a biografia pode ser escrita por diferentes mãos e ainda assim se tratar de uma biografia de uma só pessoa. Aquele que conta uma história, autoral ou não, modifica-a, reinicia-a, transforma-a a todo momento e segundo seu crivo. Como se diz no ditado popular: “quem conta um conto, aumenta um ponto”, embora na origem se tratasse

dos contos de réis, derivou para as histórias narradas, entrando no imaginário como a possibilidade do reinventar sobre o inventado.

Não somente a actualidade, com foco na iteração, se faz necessária no desenvolvimento deste estudo, pois a preocupação também com esse “homem que conta” nos parece ser pertinente para desenvolvermos a presente tese. Como vimos anteriormente, os vetores temporais partem sempre do olhar do sujeito que conta para o narratário. Daí nos questionamos: Que olhar teriam as mães, ao narrarem suas histórias de luto com e após a morte violenta de seus filhos, considerando a estrutura de seus relatos e a categoria interposta por MAIA-VASCONCELOS (2022) de circunstancialidade. Assim, com base no que foi dito acima e impulsionadas por nossas inquietações, levantamos alguns questionamentos que nos guiaram em nossa escrita para possíveis reflexões:

- I. Como o sujeito que conta sua história se posiciona narrativamente a fim de mostrar seu Ponto de Vista (PDV) em suas narrativas?
- II. Como se caracteriza circunstancialmente o luto considerando a distinção entre morte violenta e não violenta nas narrativas?
- III. De que maneira o estudo do aspecto verbal contribui para a construção de sentido e estrutura do ponto de vista em narrativas (auto)biográficas de mães enlutadas?

A fim de podermos responder as questões aqui colocadas, construímos os seguintes objetivos:

### **Objetivo Geral**

Analisar o ponto de vista narrativo de mães enlutadas que perderam seus filhos por morte violenta considerando a questão da ruptura e a distinção entre morte violenta e não violenta (MAIA-VASCONCELOS; 2022).

Para desenvolvê-lo partimos dos seguintes objetivos específicos:

- a) analisar o posicionamento narrativo do sujeito ao contar sua história considerando a noção de PDV de Rabatel;
- b) descrever a distinção entre o luto por morte violenta e por não violenta levando em conta as circunstâncias do evento e a iteração das ocorrências na narrativa;
- c) analisar o funcionamento das narrativas autobiográficas observando a noção de ruptura segundo Maia-Vasconcelos (2022) e Bury (1982).

Nossa hipótese é que o procedimento analítico de narrativas (auto)biográfica proferidas em situação traumática, assim como nas designadas, isto é, em situações que o sujeito articula sua história vivida movido por uma demanda interna ou externa, advinda de uma ruptura, é constituído por elementos que configuram sua especificidade circunstancial (FREITAS, 2010). Freitas destacou essa categoria em cartas de viajantes, especificamente a de Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da fragata de Pedro Álvares Cabral. Caminha não era, como as mães não o são, um escritor de profissão, mas um escritor designado por ordem do Rei Dom Manuel. A partir daí, o *trauma* da responsabilidade formulou uma ruptura com seu cargo de escrivão, dando-lhe o estatuto de escritor, o que Freitas denominou de biografia circunstancial. Maia-Vasconcelos retoma o conceito em outros estudos, porém o traz em relevo em obra recente (MAIA-VASCONCELOS, 2022) dando ao conceito o lugar de categoria da narrativa em qualquer contexto, defendendo que a categoria circunstancial está, de maneira relativa, para a narrativa assim como o contexto está para o discurso.

Então poderíamos nos perguntar: por que criar a mesma "coisa" com outro nome? O que incide sobre essa categoria que distingue do contexto em especial? Sobre essa especificidade, destacamos o ponto de vista narrativo de quem conta: em nosso estudo, mães que perderam seus filhos por morte violenta, pois é a partir desse olhar do sujeito que narra, e com base nas categorias de circunstancialidade e iteração que o discurso dessas mães configuram um campo de estudos em História de Vida. O contexto não necessariamente parte do sujeito do discurso tal como acontece com o sujeito que narra (MAIA-VASCONCELOS et al, 2023).

Deste modo, na busca pela resolução dos problemas citados anteriormente, o caminho trilhado nesta tese apresenta-se textualizado da seguinte maneira:

Logo após a Introdução, no capítulo intitulado: "Da fundamentação Teórica" apresentamos nosso referencial teórico dividido em duas partes essenciais: Discurso e Narrativa. Abordamos inicialmente caracterização de discurso e de escrita biográfica; a importância da narrativa como objeto de estudo e os autores que balizam nossa abordagem da narrativa (auto)biográfica; também discutimos a

importância da categoria aspecto verbal na construção de um método analítico de narrativas autobiográficas, bem como a importância do PDV nesse tipo de texto.

O segundo capítulo denominado: “Dos procedimentos teóricos-metodológicos” foi destinado à explicação da metodologia que utilizamos na pesquisa, explicitando os métodos de abordagem e procedimento, além dos critérios para escolha do corpus.

No capítulo que intitulamos: “As narrativas (auto)biográficas de luto das mães”, apresentamos as nossas análises, obtidas a partir do cotejo das categorias analíticas e dos procedimentos para a manipulação do corpus, à luz da teorização empreendida sobre narrativas (auto)biográficas, luto, PDV e aspectualidade e das escolhas metodológicas explicitadas nas seções anteriores;

Por fim, na seção dedicada às considerações finais, fizemos uma síntese do trabalho, elencando quais perguntas de pesquisa não conseguiram serem respondidas ou tiveram o seu alcance extrapolado, e quais questionamentos surgiram, porém não puderam ser respondidos, dada a limitação espacial dos contornos desse trabalho em específico.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

“A primeira tarefa da pesquisa biográfica seria a de apreender mais exatamente o que constitui seu campo de investigação e de fabricar instrumentos terminológicos e nocionais que lhe sejam apropriados [...] o espaço do *biográfico* não se reduz às narrativas de vida; o *discurso autobiográfico* [...] se enraíza numa atitude mais fundamental do ser humano que consiste em *configurar narrativamente* a sucessão temporal de sua experiência”.

Christine Delory-Momberger<sup>1</sup>

Neste capítulo, procederemos à revisão de alguns conceitos que orientarão a nossa reflexão sobre o texto biográfico e mais especificamente sobre a estruturação das narrativas (auto)biográficas. Discutiremos as teorias de base das quais lançaremos mão para fundamentar nossa pesquisa, a saber: no que tange a concepção de discurso e interdiscurso: BAKHTIN (2009), BOURDIEU (2003), MAIA-VASCONCELOS (2022); concepção e estudos da narrativa: PINEAU (1996), BRUNER (2014), MAIA-VASCONCELOS (2005, 2018); discussão sobre a teoria do Ponto de Vista (RABATEL) e estudos sobre aspecto verbal (CASTILHO (1968), GODOI (1992), LIMA (2006), TRAVAGLIA(2016).

### 2.1 Buscando a essência: a (auto)biografia

Antes de tecermos comentários sobre a estruturação da autobiografia, apresentaremos algumas concepções de discurso. A razão de trazer tais concepções, ainda que de maneira não exaustiva, se deve ao fato de que tivemos como pretensão na escrita desta tese desenvolver um estudo discursivo e aspectual do PDV em narrativas (auto)biográficas. Por isso, achamos pertinente deixar clara a concepção de discurso adotada por nós no desenvolvimento do texto, a saber, a concepção bakhtiniana de discurso.

---

<sup>1</sup> Christine Delory-Momberger, 2005, p. 14. (Tradução nossa, grifos da autora).



### 2.1.1 Concepções sobre o Discurso

O termo discurso tem sido foco dos mais variados estudos científicos no Brasil e no mundo. E, ainda que haja diversos estudos, não podemos afirmar que haja uma definição única que dê conta de todas as formas de se entender o que é discurso. Para uma caracterização a respeito de como o termo foi retratado neste trabalho, abordaremos, não de modo exaustivo, algumas contribuições teóricas de estudiosos da linguagem.

Percebemos durante uma pesquisa bibliográfica executada por nós, que nos autores selecionados e lidos para construir a presente discussão, a noção de discurso está bastante envolvida à noção de enunciado/enunciação.

Para iniciarmos, acreditamos que não há como pensar a noção de discurso sem citar os estudos de Mikhail Bakhtin, uma vez que este autor parece-nos ser o autor mais destacado nos estudos que envolvem a linguística da interação ou a "análise da fala viva". Retomando e fazendo uma crítica à concepção saussureana, Bakhtin (2009) defende que a língua não deve ser concebida como um sistema monológico e sim como um fenômeno social de interação verbal. Para este teórico, a noção de enunciado contempla a de movimento, palavra que dará origem ao termo discurso; porém, no enunciado, está presente, além da materialidade linguística, a "parte presumida", que se refere não só ao contexto pragmático imediato, mas a uma "miríade de conexões como o contexto extraverbal".

Percebemos, dessa maneira, que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem para o autor supracitado e sendo assim uma análise de um texto não se deve prender a aspectos puramente linguísticos. Concordamos com Brait (2015) quando esta autora menciona em seus estudos sobre os pressupostos de uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), nos quais estariam as obras de Bakhtin e os demais autores do Círculo de Bakhtin, que o método dialógico supera materialidade linguística:

Deve-se reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2015, p. 88).

Nesse sentido, a noção de enunciado, para o autor supracitado, é “a unidade da comunicação discursiva, de maneira que o uso da língua efetua-se por meio de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2009, p. 261). Segundo o autor, todo enunciado se constitui pela alternância dos sujeitos e por sua relação com a realidade extraverbal, bem como por sua relação com os demais enunciados, o que garante seu posicionamento sobre a concepção dialógica da linguagem. Desse modo, precisamos entender que cada enunciado é visto como um elo na cadeia verbal. Sobre isso o autor explica:

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros.[...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2009, p. 297)

Resumindo, para Bakhtin, o discurso está ligado ao enunciado, haja vista que “o discurso só pode existir na forma de enunciações concretas proferidas por sujeitos do discurso”.

Para Foucault (2008) a palavra “discurso” parece ser um termo flutuante e por isso opta pela associação ao termo enunciado, definindo então discurso como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva. Dessa forma o autor nos faz pensar o conceito de discurso como uma relação de sentido construída entre locutor e interlocutor. E esta relação não é algo simples que possa ser simplesmente estruturada, vai além de “palavras e coisas”. Assim o autor explica:

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p.55)

Nesse sentido, é nesse "mais" a que o autor se refere, que podemos perceber que os estudos sobre discurso devem partir do próprio discurso, até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não se encontram na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (Foucault, 2008, p.69). Podemos então tentar traçar uma definição

de discurso, à luz da teoria foucaultiana, como um objeto sócio-histórico no qual o linguístico está pressuposto, desta maneira os discursos não devem ser tratados como um conjunto de signos, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos levando em consideração o contexto discursivo no qual os locutores estão inseridos.

Para Pêcheux (1997), que construiu sua teoria alicerçada na filosofia marxista e na noção de ideologia: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo”, ou seja, o discurso é moldado de acordo com posições ideológicas que são construídas em um processo sócio-histórico de produção. O autor concebe o estudo do discurso em um terreno que intervêm apontamentos teóricos relativos à ideologia e ao sujeito.

Para concepções à luz dos estudos franceses, o discurso deriva de situações de condições de produção e implica um sujeito situado social e historicamente.

Além da perspectiva francesa, podemos citar os estudos da escola de Análise de Discurso Crítica (ADC) que tem, principalmente, Fairclough (2001) como seu maior representante. Nesta concepção, o discurso é concebido como a linguagem em uso, uma prática social que produz e reproduz ação e representação. Para Fairclough (2001) o discurso é moldado e circunscrito pela estrutura social, dentro de condições de produção. Assim, de modo resumido, o discurso passa a ser visto como um modo de ação, uma maneira de as pessoas agirem sobre o mundo e sobre o outro, ou seja, o discurso é uma forma de poder na sociedade contemporânea.

A concepção de discurso adotada pela ADC está diretamente relacionada à ideologia, logo a linguagem é uma forma material de ideologia. Sobre isso, Fairclough (2001, p. 117) considera que as ideologias são “significações/construções da realidade [...] que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”. Não sendo este autor foco do presente estudo, embora sejamos conscientes de que suas teorias seriam de grande valor, nossa escolha permanece nas contribuições teóricas de Bakhtin.

No próximo tópico trataremos a discussão sobre a escrita biográfica, ora vista como tipo de texto ora classificada com gênero, pelas escolas de ensino

fundamental, por exemplo. E apresentaremos nosso posicionamento sobre essa escrita biográfica.

### **2.1.2 A escrita biográfica**

Iniciamos este capítulo com uma epígrafe de Momberger (2005) e enxergamos a importância desse trecho, haja vista pretendermos com esta tese confirmar a pesquisa autobiográfica como um campo disciplinar em Linguística, como já defende Maia-Vasconcelos (2005; 2010; 2022) e para isso dependerá, como sugere Momberger, aqui na epígrafe, que o ponto de partida da pesquisa biográfica seria o de apreender seus princípios epistemológicos, teóricos, metodológicos, e “fabricar instrumentos terminológicos e nocionais que lhe sejam apropriados”

Não podemos neste estudo dar início aos conceitos sem nos remetermos aos pioneiros nos estudos biográficos Lejeune (2014) e Pineau e Le Grand (2018). Sem dúvida é por meio de suas obras, recentemente traduzidas em português, que temos desenvolvido pesquisas que vêm sendo publicadas e divulgadas por todos os integrantes do Grupo de Estudo GELDA.

O termo “biográfico” nos remete quase que instantaneamente a um universo de gêneros discursivos relacionados à vida. São as biografias, as autobiografias, as confissões, as memórias, os diários íntimos que há pelo menos mais de dois séculos dão conta de tecer um rastro, deixar um registro de vida, uma busca por uma singularidade. Roland Barthes defende que nunca, em nenhum lugar do mundo se viu nenhuma civilização que não tivesse uma história, uma narrativa, por mais remota que seja. É intrigante a afirmação de Barthes, mas ainda que muitas histórias se tenham perdido com a tradição oral, alguns registros puderam ser coletados e guardados a fim de se articularem os fios do tempo (BARTHES, 2011).

Sem estar na contramão do que defende Barthes, mas conectando-se a uma perspectiva mais subjetiva, ou menos coletiva barthesiana, Lejeune (2014) define a palavra *biografia* sob três prismas em que, ele acredita, se enquadram os textos que são escritos para este gênero. Para o autor a biografia pode ser: 1) a história de um sujeito, na grande maioria das vezes alguém célebre, contada por

outrem. Este sendo o sentido mais comum e mais antigo para o termo; 2) a história de um sujeito, em geral obscuro, contada por ele próprio oralmente a outra pessoa que o levou a construir essa narrativa para estudá-la. Este é o método utilizado nas ciências sociais que trabalham com textos biográficos; 3) a história de um sujeito contada por ele mesmo a outra(s) pessoa(s) que o ajudam a se orientar na vida. Esta seria a (auto)biografia realizada no âmbito da formação.

Ainda nos apropriando dos conceitos do autor supracitado, em sua obra "*L'autobiographie em France*", Lejeune (2014), introduz uma discussão, que mais tarde ganhou seguidores nas Ciências Humanas e Sociais, sobre o termo "autobiografia" como substituto para um termo utilizado na década de 1971: "memórias", defendendo que o termo memória não dava mais conta de explicar o significado pretendido.

Uma das obras mais antigas que nos remete ao início dos estudos biográficos foi escrita entre o final da Idade Média e o início do Renascimento, *Confissões de Santo Agostinho*. Nela o santo se dirige aos seus fiéis como 'testemunhas' e fica claro que seu intuito durante a sua narração é passar a mensagem de salvação para que as outras pessoas possam encontrar a mesma alegria e admiração que ele possuía por seu Deus tudo por meio da fé.

O uso do biográfico como objeto de estudo tem seu despertar nas Ciências Sociais com a busca por uma renovação metodológica que não separasse a classe sujeito-objeto de maneira objetiva. Sobre isso, Ferrarotti (2010) explica que o método biográfico tinha como principal objetivo atribuir à subjetividade um valor de conhecimento e para isso era preciso estudar a realidade social por meio do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado, o que o distancia de Lejeune.

Gonçalves (2012, p.21) citando Foucault (1970, 1978) afirma que este autor já profetizava que "a autobiografia, a biografia, a história de vida e o testemunho pessoal se tornariam uma moda nas ciências humanas, uma vez que o ocidente tornou-se uma sociedade confessional desde a Idade Moderna". Podemos compreender nesta proposição como Foucault defendia a ideia de sujeito enquanto construção social.

Não é primeira vez que traremos este pensamento na escrita desta tese, mas é importante sempre trazer à tona o desejo que os seres humanos sentem em contar histórias. Quando se conta algo, vários aspectos são mobilizados: vida,

família, trabalho, perdas e, estas sempre são marcadas como grandes acontecimentos na vida de um sujeito.

Silva (2015, p.33) citando Benjamin (1994) explica que “a narrativa de um acontecimento não é apenas uma lembrança acabada de uma experiência, mas uma reconstrução da experiência vivida”. Desta forma, é por meio da narrativa que conseguimos nos aproximar da experiência vivida pelo sujeito que a conta. Para Silva (2015, p.33) a narrativa constitui-se “como uma expressão fenomenológica e existencial” materializada verbalmente.

Ao tratar sobre a estética da criação, Bakhtin (2003) defende que para que um gênero se materialize é preciso que este apresente uma *estrutura composicional, um conteúdo temático e um estilo*. Ao analisarmos gêneros que compõem o universo biográfico, podemos observar essas características presentes, uma vez que para construir biografias, autobiografias, diários íntimos, entre outros é possível observar que a estrutura adotada acaba sendo recorrente: o uso da primeira pessoa, verbos utilizados no tempo passado, uso de marcadores de tempo e dependendo sobre o que é contado, o uso de adjetivos e adjuntos para enfatizar as cenas vividas. Quanto ao conteúdo temático, sempre é a vida, ou um momento específico dela que vem à tona e que é colocado em evidência e detalhado como evento. E o estilo é bem singular, pois hoje temos biografias de pessoas seletas, mas também temos obras de pessoas que simplesmente resolveram contar sua história vivida. Provavelmente é essa a razão pela qual alguns autores de livros didáticos classificam como Gênero Biográfico, como veremos mais adiante.

A escrita propriamente dita de um texto biográfico também apresenta suas particularidades, que podem ser distinguidas por questões tais como: Quem conta? O que aconteceu? Onde? Quando? Sobre os usos das pessoas do discurso, Leujene (2014), em seus estudos sobre o termo *autobiografia*, na obra *o Pacto Autobiográfico*, desenvolveu um quadro interessante (Figura 01) sobre as pessoas gramaticais e a identidade do sujeito que supõe a escrita de uma autobiografia. Apresentamos o quadro agora e depois faremos uma breve discussão sobre o uso da 1ª e da 3ª pessoa nesse tipo de gênero.

Figura 01: Quadro de Lejeune: Pessoa Gramatical X Identidade

Pessoa Gramatical \ Identidade	EU	TU	ELE
Narrador= personagem principal	Autobiografia clássica [autodiegética]	Autobiografia em segunda pessoa	Autobiografia em terceira pessoa
Narrador≠ personagem principal	Biografia em primeira pessoa (narrativa de uma testemunha) [homodiegética]	Biografia endereçada ao modelo	Biografia clássica [heterodiegética]

Fonte: retirada do livro *O Pacto Autobiográfico*, p. 21; 2ª ed. 2014 de Philippe Lejeune.

O autor explica nesse quadro sobre os usos do EU, TU e ELE na escrita biográfica. E afirma que é preciso dissociar o problema da pessoa do problema de identidade, pois é essa dissociação que permite dar conta da complexidade de modelos que existem na escrita desse gênero.

A escrita biográfica também nos permite chegar aos mais jovens por meio do ensino. Na nossa área de atuação trazê-la para o currículo escolar é de grande interesse. Fazer nossos jovens refletir sobre a vida e sobre si por meio da sua escrita ou oralidade é importante não só para a bagagem escolar, mas também para a vida pessoal. Pensando nisso, resolvemos trazer a forma como a escrita autobiográfica vem sendo trabalhada em sala de aula. Para exemplificar de maneira mais didática, selecionamos um material de um livro didático do 8º ano do Ensino Fundamental II<sup>2</sup> que define essa escrita de si como um gênero, a Biografia. A introdução do capítulo (Figura 02) já inicia atribuindo a devida importância ao gênero biografia explicando que este gênero possui uma função social. Em seguida apresenta algumas características do gênero estudado (observar a figura 2) e por fim ilustra com uma biografia de Fernando Pessoa (observar a figura 3). Há também o estudo da gramática por meio do conteúdo sobre vozes verbais, e da produção

<sup>2</sup> CORDEIRO, L. *Língua Portuguesa em Contexto* 2ªed. Recife: Construir, 2016.

textual; contudo não abordaremos tais itens nesta discussão. Desta maneira, observemos as imagens a seguir.

Figura 02: Introdução ao Gênero Biografia



Fonte: CORDEIRO, L. Língua Portuguesa em Contexto 2ªed. Recife: Construir, 2016, pp. 86-87

Na Figura 02, percebemos a preocupação, como foi mencionado, que o autor do livro teve em destacar como a Biografia possui um papel social importante na sociedade. Além disso, aciona os conhecimentos prévios do aluno por meio de perguntas pertinentes ao trabalho com o gênero e por fim apresenta de quais autores que serão estudadas as biografias. As duas figuras a seguir (Figuras 06 e 07) ilustrarão as características e o exemplo que mencionamos.



Figura 03: Caracterização didática do Gênero Biografia

O gênero de texto que conta a história da vida de alguém se chama biografia (*bio*, vida e *grafia*, escrita). É um gênero de narrativa não ficcional. Os fatos podem ser contados em ordem cronológica; isto é, do nascimento à morte, ou por temas (amores, derrotas, traumas etc.). A biografia trata da interpretação subjetiva da trajetória da própria vida de uma pessoa. A biografia não apenas inclui o local dos acontecimentos, mas também a sua opinião, os motivos, planos para o futuro, assim como a percepção/interpretação do passado (BORN, 2011).  
 Fonte: <http://portaldoProfessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016802.PDF>. Acesso em 23/03/2015.

Fonte: CORDEIRO, L. Língua Portuguesa em Contexto 2ªed. Recife: Construir, 2016, p.93.

Na figura 03, o autor trouxe mais algumas características do gênero que ele julgou pertinente à discussão desenvolvida no livro, frisando o fato de ser um gênero não ficcional, pois contará a vida de um sujeito real. Além de não precisar ser um gênero escrito em ordem cronológica, pois o sujeito pode escolher narrar um fato específico. Exatamente como serão as narrativas que serão analisadas por nós nesta tese.

Importante mostrar aos estudantes que qualquer pessoa pode escrever sua história, contar sua vida, inclusive eles. E que essa escrita pode acontecer em diversos momentos da vida e através de vários gêneros: diário, romance, relatos. E o que nos mostra a BNCC<sup>3</sup> quando fala sobre a habilidade **EF69LP07**<sup>4</sup>, que consiste

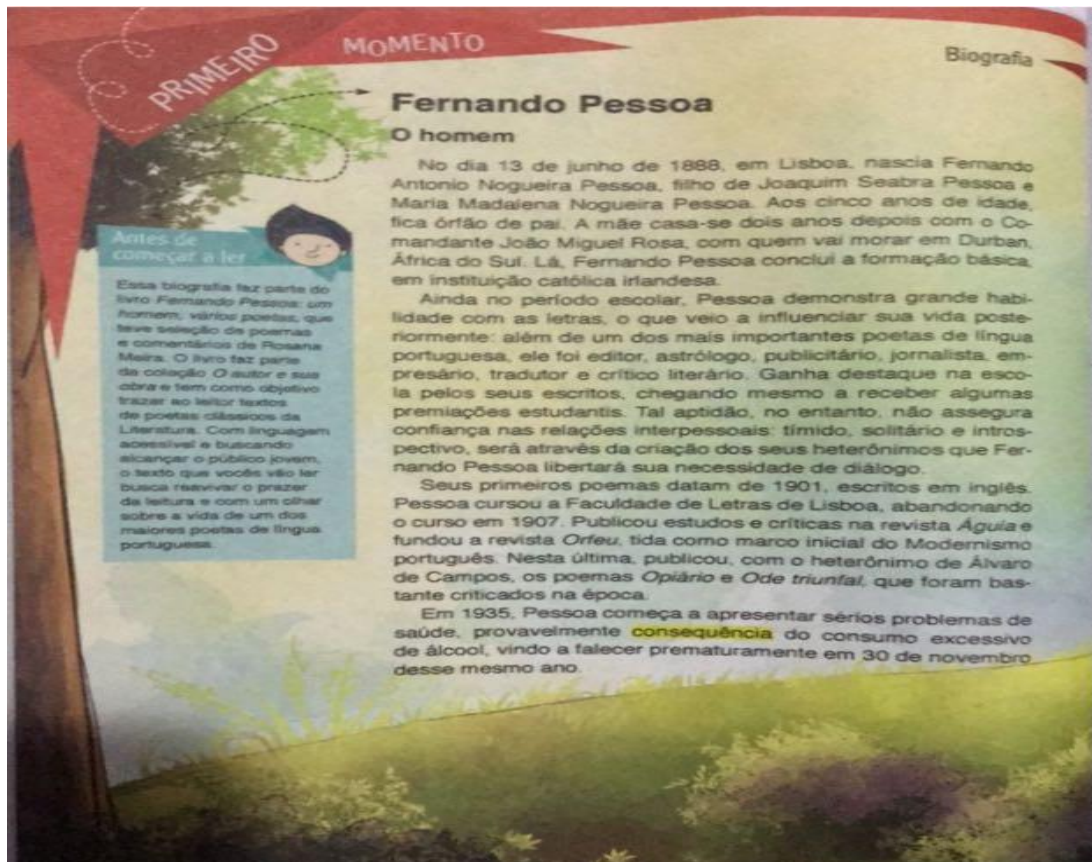
<sup>3</sup> Base Nacional Comum Curricular

<sup>4</sup> Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e / ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita / redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando / alterando efeitos, ordenamentos etc.

em produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação.

A seguir veremos um exemplo de uma biografia, ainda nos padrões clássicos, mas que pode ser utilizada para desmistificar o fato de que qualquer pessoa pode escrever sobre si.

Figura 04: Exemplo do gênero Biografia



Fonte: CORDEIRO, L. Língua Portuguesa em Contexto 2ªed. Recife: Construir, 2016, p.88.

Já na figura 04 acima, é apresentado um exemplo de uma biografia do autor Fernando Pessoa, como podemos observar. Uma biografia clássica escrita em 3ª pessoa, heterodiegética como denominou Lejeune (2014) em seu quadro. Além das informações didáticas que contêm em livros. Podemos perceber a estrutura composicional mencionada por Bakhtin, no caso, para um texto biográfico clássico ortodoxo (MAIA-VASCONCELOS).

Ainda mostrando como essa escrita biográfica vem se apresentando nas mais diversas áreas do conhecimento, mostraremos a estrutura e um exemplo de um diário. Selecionamos um trecho do livro “O diário de Anne Frank” (Figura 08) para que possamos apresentar a constituição dessa escrita biográfica que denominamos nesta seção.

Figura 05: Trecho do livro “O diário de Anne Frank”

Domingo, 14 de junho de 1942

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Pudera! Era dia do meu aniversário. É claro que eu não tinha permissão para levantar àquela hora, e por isso tive de reprimir a minha curiosidade até as quinze para as sete. Aí então não agüentei mais e corri até a sala de jantar, onde recebi as mais efusivas saudações de Moortie (a gata).

Logo depois das sete fui dar bom-dia à mamãe e ao papai, e, depois, corri à sala de estar para desembulhar meus presentes. O primeiro que me saudou foi você, possivelmente o melhor de todos. Sobre a mesa havia também um ramo de rosas, uma planta e algumas peônias; durante o dia chegaram outros.

Ganhei uma porção de coisas de mamãe e papai e fui devidamente presenteada por vários amigos. Entre outras coisas, deram-me um jogo de salão chamado Câmara Escura, muitos doces, chocolates, um quebra-cabeça, um broche, os Contos e lendas dos Países Baixos, de Joseph Cohen, Daisy e suas férias nas montanhas (um livro espetacular) e algum dinheiro. Agora posso comprar Os mitos da Grécia e Roma — que legal!

Lies veio então apanhar-me para irmos à escola. No recreio, distribuí biscoitinhos doces para todo mundo, e então tivemos de voltar às aulas.

Agora preciso parar. Até logo. Acho que vamos ser grandes amigos.

Fonte: Trecho do livro; O diário de Anne Frank da Editora Círculo do Livro; São Paulo - SP. <sup>5</sup>

Podemos observar a partir da leitura do trecho, as características que elencamos nas páginas anteriores com base no que Bakhtin expõe sobre a composição dos gêneros: o uso da 1ª pessoa do discurso; usos de verbos no tempo passado, uso de marcadores de tempo e principalmente a questão do conteúdo temático, falar sobre a vida, ou eventos vividos. Além das características mencionadas, o gênero diário possui outros traços que o faz se desenvolver melhor, como por exemplo, o uso de datas no início da escrita, bem como a personificação do diário como quem o autor estabelece uma conversa. Além disso, levando em

<sup>5</sup> Disponível no site: [https://youtruth.weebly.com/uploads/1/3/1/8/1318459/o\\_diario\\_de\\_anne\\_frank\\_-\\_portuguese.pdf](https://youtruth.weebly.com/uploads/1/3/1/8/1318459/o_diario_de_anne_frank_-_portuguese.pdf). Acesso em 03 de novembro de 2020.

consideração o quadro proposto por Lejeune (2014) esse modelo de escrita se enquadraria no modelo homodioegético, texto biográfico escrito em primeira pessoa.

Trazer esses modelos de escrita biográfica se faz necessário para mostrar o porquê de nossas narrativas possuírem um tratamento diferenciado para o qual foi preciso escrever esta tese para conseguir explicá-lo. Haja vista que na presente pesquisa não analisamos textos ficcionais, e sim com narrativas reais, e por isso a estrutura e como estas serão analisadas irá fugir um pouco ao que está sendo exposto e explanado aqui, e nosso intuito é mostrar que esta estrutura, por ser diferente, precisa ser analisada por um viés diferente.

Quando entramos no universo das narrativas reais, escrita por sujeitos que vivenciaram aquele momento e resolveram contá-los, percebemos algumas particularidades na estrutura desses textos. A seguir apresentaremos alguns trechos de duas (hetero)biografias que analisamos em trabalhos anteriores<sup>6</sup> para continuar mostrando essa materialização da estrutura composicional de uma escrita biográfica. Escolhemos duas narrativas, uma de uma celebridade: “*Cazuza, só as mães são felizes*” na qual a vida de Cazuza é contada pela sua mãe, Lucinha Araújo. Já a segunda obra “*Salvando meu filho*” um pai conta a história da perda de seu filho. Os trechos que selecionamos de ambas narrativas foram usados para apresentar uma composição estrutural neste estilo de escrita biográfica. Observemos a estrutura da primeira narrativa:

*“Talvez o auge de minha obsessão por fazer de meu filho um gênio da raça tenha sido a ideia fixa que me levou a procurar o Colégio Santo Inácio, de padres jesuítas, em 1963, quando Cazuza tinha 5 anos. Se aquela era a melhor escola do Rio de Janeiro, era ali que meu filho iria estudar...” (p.73)*

No trecho acima destacamos com um traço o uso da primeira pessoa, com um círculo o tempo verbal usado com mais frequência, o passado; e o uso de marcadores de tempo com um quadrado. Contudo, precisamos destacar que por se tratar de uma (hetero)biografia, isto é uma terceira pessoa contando a história de vida de alguém, o uso da 3ª pessoa também pode aparecer com certa frequência na narrativa alternando com o uso da 1ª pessoa. Podemos observar esse fato no trecho a seguir:

---

<sup>6</sup> Relatório Pibic 2008-2010.

*“Ele já havia rasgado e jogado no lixo (a prova), longe do meu alcance. Não sei como, porque eu vasculhava todo o seu material, remexia em tudo, sem constrangimento algum. Ao mesmo tempo, Cazuza, fazia coisas perigosas, mais desafiadoras, como cabular aula e voltar para casa no horário certinho, para eu sequer desconfiasse...” (p.91)*

Os trechos destacados na narrativa acima comprovam o que observamos em nossa pesquisa anterior sobre a alternância do uso da 1ª e da 3ª pessoa quando analisamos uma (hetero)biografia.

A segunda narrativa escolhida não se trata da história de vida de uma personalidade. E a escolha por mostrar uma de cada, atende ao propósito de apresentar essa composição estrutural que atende aos princípios de materialização discursiva como bem apresenta Lejeune (2014) e Bakhtin (2003). Contudo, a presente tese pretende acrescentar a essa materialização, por meio da discussão sobre PDV e aspectualidade através de narrativas autobiográficas, que as duas categorias elencadas são fundamentais para estruturar essas narrativas no âmbito dos estudos em HIVI. Mas vamos continuar analisando a segunda (hetero)biografia. Observemos o trecho a seguir:

*“Esta é a história do modo como uma família- minha família- primeiro enganou a morte e em seguida flertou com ela durante dez dias. A história é contada basicamente a partir dos meus próprios pensamentos e lembranças, por isso não é mais do que um lampejo da situação de um pai lidando com a desgraça de um filho.” (p.7)*

No trecho acima destacamos como foi feito na primeira narrativa, com uma linha o uso da 1ª pessoa e com um quadrado o uso dos verbos no tempo passado. Dessa maneira, nos parece importante destacar nesse momento, que o sujeito, o uso da 1ª pessoa e o verbo, marcado por temporalidade caracterizam a escrita biográfica produzida no âmbito dos estudos em HIVI.

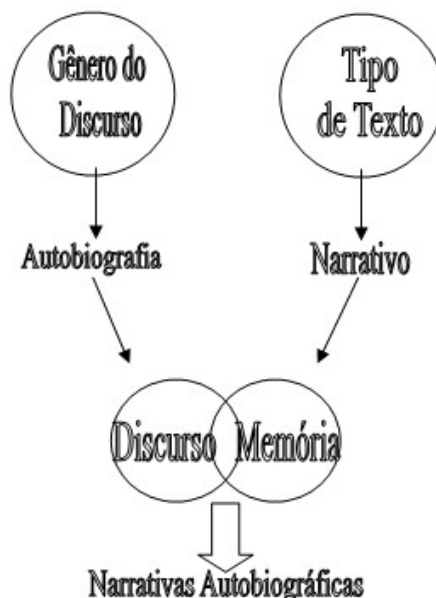
### 2.1.3 A nomenclatura da escrita biográfica

Continuando a discussão que pretendemos tecer nesta pesquisa, percebemos que os estudos sobre/com textos biográficos vêm se mostrando cada vez mais promissores na área das ciências da linguagem e do discurso e apresentamos várias pesquisas na Introdução desta tese. Contudo, talvez o grande problema ainda encontrado, diz respeito à nomenclatura utilizada na abordagem teórica ou metodológica destes estudos e a análise da estrutura deste tipo de texto. Dessa maneira, as fontes autobiográficas, constituídas por narrativas de vida, relatos orais, autobiografias, depoimentos, confissões, memoriais, escritas escolares, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. E o que queremos é ajudar a resolver esse problema analítico que tantos autores encontram ao estudar textos com características biográficas, e o tentamos fazer por meio da nossa abordagem de análise de narrativas autobiográficas que desenvolvermos nesta tese. Mas antes disso, discutimos alguns dos problemas analíticos e de nomenclaturas encontrados em pesquisas no âmbito dos estudos com História de Vida por outros pesquisadores.

Em estudo anterior, Cardoso et al. (2010) propõem uma distinção teórico-diferencial entre os termos: histórias de vida e relatos de vida. Para os autores, nos relatos, a escrita sobre si pode se dar de forma artificial, forçada por um terceiro, sem salientar a subjetividade; já nas histórias de vida, a realização da narrativa surge de um desejo íntimo do sujeito. Os autores utilizaram um diagrama desenvolvido por Cardoso (2009) para explicar a estruturação das narrativas autobiográficas. Observemos a imagem a abaixo e a explicação sobre a elaboração do diagrama pela autora.



Figura 06: DIAGRAMA DE CARDOSO (2009)



Fonte: Retirado do Relatório Pibic da autora desta tese.

No diagrama acima, pode-se observar, por um lado, que a autobiografia está inserida em um campo maior, que é o gênero do discurso; de outro, infere-se que o tipo de texto, usado com maior frequência na estruturação do gênero autobiográfico, é o narrativo. Logo abaixo são identificadas duas categorias que estão interligadas: o discurso, que remete ao gênero autobiografia, pois é característica da autobiografia a utilização de estratégias identitárias e da subjetividade para falar/escrever sobre si (posicionamento narrativo); e a memória, a qual está relacionada ao tipo de texto, pois há a retomada das lembranças para auto-relatar-se, e assim, a partir desse processo de composição surgem as narrativas autobiográficas.

Muito embora a ligação entre as categorias 'discurso' e 'memória', possam causar certa estranheza, quando se propõe que uma está ligada ao gênero e a outra ao tipo – considerando-se que ambas possuem características semelhantes e que poderiam estar inseridas, em princípio, em ambas as designações mais gerais (gênero e tipo)–, isso se explica pela própria estrutura do diagrama. A pesquisadora poderia, por exemplo, ter optado por separar, em dois círculos distintos, as categorias, mas optou por uma figura que representasse a ideia de que as categorias podem estar juntas, como frequentemente estão para compor a narrativa autobiográfica.

Considerando o que já foi exposto, pode-se perceber, em relação ao diagrama proposto, uma articulação específica entre narrativa e autobiografia para falar de si. Na presente tese, retomaremos ao diagrama de Cardoso (2009) modificando e aperfeiçoando para discutir e explicar como as categorias ponto de vista e aspecto verbal podem ser vistas como peças chave para analisar narrativas autobiográficas em uma perspectiva social-discursiva. Compondo, desta maneira, o estudo sobre/da narrativa no âmbito das pesquisas em história de vida, contribuindo assim para esta área que se mostra promissora para ciências humanas e sociais.

Em concordância com o que foi dito acima, Maia-Vasconcelos (2011) afirma que “embora a relação entre tipo narrativo e gênero autobiográfico seja de inclusão tipológica, decorrente de seus elementos, essa relação também se organiza sob forma de contraste”. Torna-se possível a consideração de que a categoria de gênero siga imediatamente a de tipo, podendo afirmar que a classe narrativa abranja em todos os seus limites as histórias de vida, contudo sua análise não deverá ocorrer seguindo os métodos tradicionais, haja vista, a história de vida não obedeça a prototipicidade de uma narrativa comum.

Concordamos com Maia-Vasconcelos (2011) quando a autora afirma que a relação entre tipo e gênero seja de inclusão tipológica, por isso resolvemos nesta tese reformular o diagrama elaborado por nós em 2010, uma vez que, a visão de análise que temos hoje é muito mais abrangente, já que atualmente consideramos haver um gênero *alfa* que nomeamos de biográfico e este se faz presentes em subgêneros como: relatos de vida, narrativas autobiográficas, depoimentos e testemunhos, entre outros.

Becker (1997), ao falar de história de vida, salienta a dificuldade de delimitar esse gênero, que

tampouco é ela [a história de vida] uma autobiografia convencional, ainda que compartilhe com a autobiografia sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva. Certamente, não é ficção, embora os documentos de história de vida mais interessantes tenham uma sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conseguir. (p. 101 e 102)

Sobre essa prototipicidade que, de certa forma contribuir para os diversos tipos de nomenclaturas dados nesse campo de estudo, podemos explicar que a narrativa prototípica conhecida em toda a literatura por sua estrutura linear, como já trouxemos na seção anterior elaborada por Adam (1992) e resumida por nós no esquema: **situação inicial** → **enredo** → **clímax** → **desfecho** → **moral**, quase



nunca se concretiza em uma história de vida, tendo em vista que, o sujeito escolhe o fato que ele quer contar e não se preocupa com a temporalidade deste evento, pois o que importa não é quando aconteceu, mas como e por que aquilo aconteceu e de que forma este fato ainda reflete na vida desse sujeito.

Além das contribuições de Cardoso et al (2010), podemos apresentar algumas autores que também mostraram a diferença na nomenclatura nos estudos sobre narrativas que falam sobre si. Bertaux (2010), por exemplo, apresenta uma diferença entre história de vida (HIVI) e narrativa de vida (NAVI). Explica que enquanto HIVI trata da história *realmente* vivida por uma pessoa, a NAVI trata da narrativa que o sujeito faz sobre sua vida ou sobre determinados momentos desta. O teórico ainda propõe a distinção entre narrativa de vida e autobiografia. Para ele, a autobiografia sugere uma reflexão sobre a vida total do sujeito; já a narrativa de vida ocorre quando o sujeito faz um relato acerca de sua experiência de vida.

Bolívar et al. (2001) citam a distinção feita por Goodson (1996) entre relatos de vida (*lifestory*) e história de vida (*lifehistory*). Segundo ele, *lifestory* é o relato inicial que uma pessoa tem de sua vida; já *lifehistory* é um relato triangular, sendo um dos pontos desta tríade o *lifestory*; os outros dois pontos são: os testemunhos de outras pessoas e as fontes documentais relacionadas à vida em questão. Desta forma, enquanto *lifehistory* tem como função compreender os padrões de relações, construções e interações sociais, *lifestory* é sempre parcial.

Maia-Vasconcelos (2005) também faz uma diferença entre HIVI e relato de vida. Para a autora, a vida contada de forma artificial não será uma história de vida, mesmo que se constitua num relato de vida. Assim, se o falante não se engaja no projeto de falar/escrever sobre si, se ele não deseja fazê-lo, o relato jamais se tornará uma narrativa da qual poderemos tirar proveito na análise de discurso. Dessa maneira, o pesquisador engajado em um trabalho com classe narrativa e escrita de si deve provocar no seu interlocutor o desejo de organizar os fatos a serem narrados em forma de discurso narrativo autobiográfico, consciente de seu papel de relator de sua história.

Retomando Bertaux (2010), o autor afirma que há narrativa de vida, quando há uma descrição, sob forma de narrativa, de um fragmento da experiência vivida. Mais adiante, o autor aprofunda-se ao afirmar que “a narrativa de vida, como testemunho da experiência vivida traz, entre outras, a dimensão temporal,

diacrônica, que é também a articulação concreta, na ação, de “fatores” e de mecanismos muito diversos” (BERTAUX, 2010, p.30).

Essa discussão sobre as diversas nomenclaturas encontradas ao produzir pesquisas em HIVI também nos fez refletir que havia uma necessidade de estruturar melhor a análise dos textos nesta área. Em virtude de questões metodológicas utilizaremos nesta tese o termo **narrativa autobiográfica** quando nos referirmos ao *corpus*, uma vez que este já foi nomeado por Silva (2015) desta forma. Mas com a consciência que estas estão dentro do âmbito maior de pesquisa que diz respeito a um *corpus* formado por testemunhos, relatos, memórias que se inscreve no domínio do que foi chamado de Histórias de vida (HIVI) por Pineau e Le Grand (1993).

A seguir tecemos alguns comentários que abordaram os estudos com HIVI e de como se faz necessário discutir sobre a importância dos estudos da narrativa relacionando-os ao domínio dessa área que ganha cada vez mais espaço nas pesquisas em Linguística e Educação. Mas antes de entrarmos no universo da HIVI, é de grande importância trazemos a discussão sobre narrativa.

## **2.2. A Primazia pela narrativa**

### **2.2.1 A Importância da Narrativa: contextualizando**

O conceito do termo “narrativa” aparece no dicionário Houaiss (2001, p. 308) como “história, conto, narração, o por fim, modo de narrar”. Palavra “narrativa” deriva do verbo “narrar”, cuja etimologia provém do latim *narrare*, que remete ao ato de contar, relatar, expor um fato, uma história. Para Benjamin (1997), a palavra “narrativa” traz em si um significado histórico-sociológico.

As narrativas estão presentes em todos os momentos da vida do ser humano, desde uma conversa simples na sala de casa até os cânones da literatura. Passamos toda nossa vida narrando acontecimentos, experiências e opiniões. Quem nunca, em uma conversa informal, proferiu as seguintes palavras: “*Minha vida ultimamente está bem complicada*” e ouviu do seu interlocutor: “*É porque você não sabe a metade da minha, deixa eu te falar...*”.

## Segundo Barthes (2011)

[...] a narrativa começa com a própria história da humanidade; não existe em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas; a narrativa está aí, como a vida. (p. 19).

A pesquisa com narrativa não é um estudo recente, tampouco um estudo simples. Os primeiros estudos da narrativa começaram a partir da Poética de Aristóteles, escritos em torno do ano de 335 a.C. A profundidade analítica desenvolvida pelo autor no estudo foi tão bem desenvolvida que até os dias atuais a discussão é trazida à tona.

A problemática da narrativa foi retomada por Vladimir Propp (1983) em que o autor se propõe a desenvolver uma morfologia dos contos de fada russos lançando, desta maneira, os alicerces da narratologia atual. O autor entende morfologia como uma descrição dos contos com base em suas partes constitutivas e as relações destas entre e si e como o conjunto da obra, ou seja, para o autor o texto narrativo é composto com uma ação e por personagens que desenvolvem funções diferentes. Assim, o autor propõe um estudo a partir das funções das personagens e afirma que “no estudo do conto, a questão de saber o que fazem as personagens é a única coisa que importa; quem faz qualquer coisa e como o faz são questões acessórias” (PROPP, 1983, P.59).

Contudo, somente a partir do século XX que a narrativa passa a ser vista como objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais, fato que ficou conhecido como a “virada narrativa”. Para Bastos (2005, p.74)

esse interesse de diferentes disciplinas das ciências humanas e sociais pela narrativa – a chamada virada narrativa – ocorre no contexto de uma mudança de paradigma científico, que critica, por exemplo, metodologias mais tradicionais de pesquisa (a formalização, a experimentação, a quantificação), pautadas em modelos das ciências exatas. A pesquisa pós-positivista, de natureza qualitativa e interpretativista, sustenta que a complexidade envolvida nos fenômenos sociais não pode ser atingida com o aparato metodológico tradicional.

Concordamos com Bastos (2005) quando a autora afirma que a complexidade que envolve os fenômenos sociais e, aqui estendemos para os fenômenos linguísticos também, não podem simplesmente desenvolver suas análises levando em consideração unicamente um método tradicional, formal e

engessado de enxergar e analisar o texto narrativo seja oral, seja escrito. Para Guy de Villiers (1993, p.147) a narrativa é o núcleo do método biográfico.

Em sua tese, Oliveira (2013) traça um panorama para explicar sobre o contexto histórico da virada narrativa. Segundo a autora, há uma divergência sobre a real precisão de início do movimento, se no começo ou no fim do século XX. Mas o que fica claro é o fato de que a virada narrativa é, com certeza, o gatilho principal para os pesquisadores das ciências humanas e sociais conseguirem um afastamento de práticas controladas pelos modelos quantitativos.

Desta forma, consoante Oliveira (*apud* Riessman, 2008, p.17),

qualquer que tenha sido o início, o estudo analítico da narrativa pode ser encontrado agora virtualmente em todo campo e disciplina das ciências sociais. O movimento é internacional e interdisciplinar, não se encaixando dentro das fronteiras de um único campo de estudo ou nação. A virada narrativa entrou na história, antropologia e folclore, psicologia, sociolinguística, comunicações e sociologia.

Hoje podemos acrescentar que a virada narrativa também fincou raízes na Linguística e na Educação. Ciências estas que usam a narrativa ora como *corpus* de pesquisa, ora como *método*. Ainda é de interesse por parte das autoras da presente tese explicar esta situação de usos da narrativa, contudo não seria possível neste trabalho, talvez em uma pesquisa futura de pós-doutoramento retomemos a temática. O que nos importa é que os estudos com/de/sobre narrativa, hoje, também são do domínio da Linguística.

Dessa forma, as abordagens sejam metodológicas ou teóricas com o estudo da narrativa, vêm se desenvolvendo progressivamente nos últimos anos. Desde estudos com viés mais estruturalista como o de Roland Barthes (1973; 2011), passando pela narrativa conversacional de William Labov (1972) até chegarmos ao viés da História de Vida, Narrativa e Formação que estudam Gaston Pineau (1996), Sandra Maia-Vasconcelos (2005; 2018), Conceição Passeggi (2011) Jerome Bruner (2014).

Se inicialmente o interesse no estudo das narrativas era centrado em como estruturá-las, hoje, algumas décadas depois dos estudos estruturalistas de Roland Barthes e Tzvetan Todorov, procura-se compreender por que as narrativas são tão presentes em nosso cotidiano, o que significa contá-las, por que contamos e como contamos. Desta maneira, um amplo arcabouço teórico e metodológico foi sendo edificado para coletar e analisar narrativas.

Falar sobre o estudo da narrativa como foi dito acima nos remete primeiramente aos estudos barthesianos. Segundo Barthes (2011), à luz de uma visão estruturalista sobre a narrativa, precisamos compreender que o ato de ler, de escrever ou de escutar uma narrativa não “é somente passar de uma palavra à outra: é também passar de um nível a outro” (p. 27). É dessa forma que o autor nos apresenta sua maneira de compreender uma narrativa, a partir de níveis, entre eles: (1) o nível das funções, o qual está ligado à própria funcionalidade dos elementos na narrativa, a sua significação; (2) o nível das ações, que é composto pelo estudo das personagens, e (3) a narração, que é a própria história narrada.

Os estudos barthesianos estiveram desde sempre relacionados ao âmbito de obras literárias. Por ser um autor que desenvolveu seus escritos em uma época na qual o Estruturalismo surgiu, podemos perceber que o intuito de Barthes foi propor categorias que analisassem de forma ampla as narrativas literárias e ficcionais.

Ainda com um olhar estrutural, podemos mencionar os estudos de Labov (1972) que também adota uma visão formal a respeito da estrutura das narrativas, pois com base no posicionamento do autor, a narrativa caracteriza-se como um método de recapitular experiências passadas, fazendo corresponder uma sequência verbal de cláusulas (sequências de sentenças) à sequência de eventos que, efetivamente, ocorreram.

Já nos afastando um pouco desta construção de um modelo estrutural a ser utilizado para analisar narrativas, podemos citar Passeggi (2011). Sobre o fazer analítico, a partir de narrativa e, coadunado ao que expomos sobre a virada narrativa, a autora nos apresenta seu posicionamento, no qual afirma que, após o declínio dos grandes paradigmas, tais como: estruturalismo, marxismo e behaviorismo, a linguagem como prática social, o cotidiano e o saber do senso comum passaram a ocupar um lugar de destaque na composição das relações entre indivíduo/sociedade. A partir disso, a atenção dos pesquisadores volta-se para as noções de reflexividade, representações, sentido, crenças e valores, voltando-se para a historicidade do sujeito e das aprendizagens.

Para Maia-Vasconcelos (2003; 2015), a construção de uma análise narrativa pode ocorrer com base em duas categorias: a ortodoxia e a heterodoxia. A ortodoxia indica a construção da narrativa a partir da divisão clássica: introdução,

desenvolvimento e desfecho. O que nos remete aos dois autores estruturalistas supracitados. Já a heterodoxia remete-se à inserção dos aspectos vividos na produção da narrativa que ultrapassa a classificação ortodoxa, pois cada fato pode ser anunciado sem necessariamente obedecer a uma sequência.

Ainda em consonância ao pensamento da autora, Maia-Vasconcelos (2018) explica que os conceitos de *narração* e *narrativa* na língua francesa são claramente diferenciados, por isso a autora usa a base dessa língua em seus estudos. Em francês *narração* é o ato de narrar o produto; *narrativa(o)* é um atributo de um nome, um adjetivo. Diferentemente de nossa língua portuguesa, o francês não se utilizará do termo *narratif* ou *narrative*, salvo para as posições de adjetivo – atributo de um nome. Nesta tese, consideramos para efeito de compreensão que a *narração* é um movimento de escrita, é o próprio ato de narrar. Por outro lado, consideramos *narrativa* como o produto dessa *narração* que nos é oferecida, produto este que servirá de *corpus* da presente investigação.

Outro autor da atualidade que nos ajuda a refletir sobre a importância da narrativa e a própria existência e que serviu de aporte teórico na presente tese foi Jerome Bruner que desenvolve suas pesquisas na área da psicologia social. Para Bruner (2014), a narrativa é nosso modo preferido de expressarmos nossas aspirações e nossas escolhas, definição que também nos parece coerente, uma vez que a primeira coisa que apreendemos depois de falar é contar histórias. Desta forma, quando narramos nossas histórias não apenas relatamos os fatos, mas também impomos uma realidade envolvente sobre aquilo que experimentamos e pensamos. O autor ainda declara que

O dom da narrativa parece ser o nosso modo natural de usar a linguagem para caracterizar aqueles desvios do estado esperado de coisas que caracteriza a vida dentro de uma cultura humana. (...) é através da narrativa que nós criamos e recriamos a individualidade (BRUNER, 2014, p. 96).

Outro ponto que merece ser destacado em Bruner (1997) é que para o autor a narrativa é a “forma típica de esquematização da experiência”, sendo assim nossas experiências são alteradas na memória para se adaptarem às “representações canônicas do mundo social” (BRUNER, 1997, p. 54-55) o que nos faz concordar com o autor que concebe as narrativas de vida como uma prática social. Para os nossos estudos, veremos na sequência das análises o quanto a

preparação dos eventos se torna relevante na narrativa para construção do significado narrado pelos sujeitos.

Em Charaudeau (2014a, p. 153), que assume uma abordagem sociodiscursiva, o verbo contar desempenha um papel central em sua definição de narrativa, de maneira que o autor assume que para conceber uma narrativa não basta haver simplesmente uma “sequência de acontecimentos”, mas também é preciso haver um contexto, isto é, alguém com a intenção de transmitir algo, um narrador (“uma certa representação da experiência do mundo”) a alguém que tem interesse em ouvir, um destinatário, enfatizando a importância da interação. O autor também caracteriza a narrativa como uma atividade linguageira, que forma em meio a tensões e contradições, situando-se entre as oposições ficção-realidade e unicidade-pluralidade.

Sobre a narrativa ser elemento primordial para podermos criar, recriar e dar sentido ao ser humano enquanto ser pensante, Bolívar et al. (2001), no que tange ao conhecimento narrativo, explica que a linguagem não se limita apenas a representar a realidade, mas baseia-se nas formas como os seres humanos dão sentido às suas vidas e ao mundo. Os autores apresentam algumas características do discurso narrativo:

- O conhecimento narrativo está embasado em uma epistemologia construtivista e interpretativa. A língua media a experiência e a ação;
- A narrativa é uma estrutura central no modo como os humanos constroem o sentido. O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração;
- A trama argumental configura o relato narrativo;
- Temporalidade e narração formam um todo: o tempo é constituinte do significado.
- As narrativas individuais e as culturais estão inter-relacionadas. (BOLÍVAR et al., 2001, p. 22). (Tradução livre).

Vimos até agora, a importância de estudos desenvolvidos com o uso de narrativas. Com o intuito de afunilar nossa discussão, pois nosso interesse de pesquisa é a narrativa de vida teceremos alguns comentários sobre esse tipo de texto que será objeto de análise na presente tese.

Com a queda desses grandes paradigmas, a narrativa de vida passa a ser um parâmetro psicológico, sociológico e linguístico, principalmente na década de 1980. A identidade se constrói pela narrativa. O ser humano se compreende ao interpretar-se e o modo como ele se interpreta é o narrativo.

As ambiências narrativas apontam para um lugar

[...] de um dialogismo incessante, foro onde se entrecruzam e se respondem as falas do outro, [...] é ao mesmo tempo o lugar de uma apropriação da fala para si. A produção do sentido em ação na narrativa revela a atividade propriamente hermenêutica do narrador que ordena cada um dos elementos de sua experiência segundo a percepção totalizante que ele tem de si mesmo e do desenrolar de sua vida: como no círculo hermenêutico onde o todo e as partes estão numa relação de significação recíproca, o Eu da narrativa põe em forma os acontecimentos e as experiências, e entre eles, os outros e a pluralidade de seus discursos, e torna visível o processo de individuação e de formação pelo qual o sujeito constrói seu ser social singular (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 291, grifo da autora).

A última e a mais recente discussão que traremos sobre narrativa é a cunhada por Holanda (2020). O autor em sua tese desenvolve uma concepção pertinente aos estudos que estamos desenvolvendo na escrita do presente trabalho, haja vista o autor conceber a narrativa em três âmbitos: linguageiro, discursivo e social-histórico. Holanda (2020, p.109) afirma que quando um sujeito recorre às narrativas com a intenção de contar sua própria vida, “ele entrelaça identidade social e individual (ou discursiva). Sobre isso, Maia-Vasconcelos e Oliveira (2019) afirmam que “somos sempre atravessados pela vida social e a atravessamos o tempo inteiro”. Para explicar a postura que o autor assume diante da caracterização da narrativa trouxemos um esquema sobre a concepção cíclica que ele desenvolveu.

Figura 7 – Concepção Cíclica da Narrativa, Holanda (2020)



Fonte: HOLANDA, Samuel Freitas. O discurso em narrativas de vida hierofânicas: construção do ethos em testemunhos de evangélicos pentecostais, Fortaleza, 2020, p.109.



O autor ao propor representar a narrativa de vida como um evento que se relaciona com esses três domínios de maneira cíclica, assume a postura que precisamos adotar ao trabalhar com HIVI, levando em consideração que em cada narrativa apresentará em seu interior as dimensões citada por Holanda (2020), isto é, signos verbais, as pressões discursivas e o dimensionamento social. Para o autor, “estudar as narrativas de vida, portanto, requer que articulemos o linguístico, o discursivo e o social de maneira que possamos aprender esse processo de maneira mais heterogênea e acurada” (HOLANDA, 2020, p. 110).

Todas as pesquisas apresentadas neste ponto foram utilizadas em nossa tese como base para explicar a importância de se estudar o texto narrativo e principalmente o homem que narra, pois estes são elementos basilares das pesquisas em história de vida, haja vista não parecer coerente evocar a questão dos modelos biográficos sem abordar a questão da narrativa como vem sendo discutido na presente tese, que, mesmo não sendo o único, é um dos principais meios de escrita da vida e de construção identitária. No próximo ponto discutimos com mais profundidade os estudos com HIVI.

### **2.2.2 História de Vida**

A modalidade de investigação científica que reúne um corpus formado por testemunhos, relatos, memórias se inscreve no domínio do que foi chamado de histórias de vida (PINEAU e LE GRAND, 1993). A decisão de falar de si, tomar a palavra e fazê-la ganhar significação, não leva nenhum sujeito a saber se colocar diante de sua própria fala e não determina suas escolhas linguísticas. Tampouco lhe dá a consciência de estar operando em um gênero textual específico.

De maneira bem geral sobre o surgimento de estudos com histórias de vida e a utilização delas como metodologia de pesquisa surgiu e difundiu-se pelos anos 20 e 30 do século XX com a chamada Escola de Chicago, que assumiu técnicas antropológicas inovadoras e diferentes métodos de abordagem do material biográfico, para compreender os fenômenos sociais. A partir daí, surge, entre outras, a obra *The Polish Peasant in Europe and America*, entre 1918 e 1920, de Thomas e Znaniecki. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais.

Mas foi na década de 80 que os estudos ganharam novos direcionamentos. Pineau e Le Grand (2012) discutem uma proposta apresentada por Lejeune, quando este autor percebe que o termo autobiografia não dava conta do universo de textos que estavam sendo produzido para falar sobre si. Os autores explicam que novas expressões começavam a surgir no discurso para tentar expressar as novas realidades escritas e orais que surgiam e uma delas tomada por Lejeune (1980) foi o “relato de vida”. Sobre o termo:

Pode-se também utilizar essa indecisão (do relato de vida) para designar, não um gênero ambíguo, ainda que particular, mas a totalidade do campo biográfico, abrangendo simultaneamente heterobiografia, autobiografia e gêneros mistos, ou seja, todos os textos referenciais que contam a vida de alguém que existiu. O contexto permite determinar em quais sentidos a expressão é empregada (LEJENE, 1980, p.230)

A discussão proposta por Pineau e Le Grand (2012) fortalece a proposta teórica que estamos apresentando na presente de tese, haja vista compreendemos que as narrativas autobiográficas pertencentes ao campo do biográfico, que aqui assumimos como o gênero “guarda-chuva” que engloba todos os outros subgêneros. E será no contexto de uso que identificaremos as características destes. No caso da pesquisa em questão, assumimos que este gênero “guarda-chuva” possui duas categorias que o permite analisar como maior propriedade as narrativas estudadas no âmbito das pesquisas em HIVI.

Essa mudança de posição a cerca da leitura e interpretação dos textos autobiográficos discutida por Pineau e Le Grand (2012) e Lejune (1980) está diretamente relacionada à questão que levantamos sobre a “virada narrativa”, pois é nesta época em que os pesquisadores da sociologia, psicologia, história, entre outras áreas, percebem a expressão das singularidades a partir da discursividade numa perspectiva crítica das histórias colhidas. Além disso, e um ponto extremamente importante nos estudos sobre HIVI, é a noção de sujeito. Na década de 80, o sujeito não é mais visto como um ser assujeitado e submisso às regras sociais. Os indivíduos permitem-se condicionamentos, mas não determinismos. Neste momento nasce um sujeito com margens de liberdade, pois, é um sujeito com representações, com crenças, com valores. E quando este sujeito fala, ele ressignifica.

Sobre isso, Passeggi (2011) afirma que, após o declínio dos grandes paradigmas, tais como: estruturalismo, marxismo e behaviorismo, a linguagem como

prática social, o cotidiano e o saber do senso comum passaram a ocupar um lugar de destaque na composição das relações entre sujeito/objeto, indivíduo/sociedade, determinismo/emancipação e inconsciente/ consciência. A partir disso, a atenção dos pesquisadores volta-se para as noções de reflexividade, representações, sentido, crenças e valores, voltando-se para a historicidade do sujeito e das aprendizagens.

Quando falamos em história de vida, parece nos remeter a episódios que escolho contar para alguém sobre mim. Utilizamos com muita frequência a expressão “história de vida”, no dia a dia, em noticiários, em livros, e em vários outros lugares. Também parece que quando uso essa expressão é para mostrar algo na vida foi superado e vencido e por isso faz parte da história da vida de um sujeito e merece ser contada. Consideramos que todos têm algo para contar e todos querem ser ouvidos. Sendo assim, a História de vida é aqui definida como busca e construção de sentido com ajuda de fatos temporais. É um método muito utilizado para desenvolver pesquisa em Sociologia e Antropologia, contudo na área da Linguística que parte da premissa que a língua é um objeto social, a estes textos não são creditados o valor devido.

Na obra *Imagine*, em que Júlia Baird relata a biografia de seu irmão John Lennon esta inicia seu prefácio com a seguinte passagem:

Escrever uma história é uma maneira de entender o sentido de sua vida, tentando dar forma e significado a ela. Colocar a caneta no papel, transformar pensamentos impalpáveis em palavras legíveis, nos permite tanto perceber nosso mundo corajosamente quanto dar forma ao nosso lugar naquele mundo (BAIRD, 2008; 19).

A presente citação ilustra o que já afirmamos no decorrer dessa escrita, que qualquer pessoa pode contar sua história, mas para que esta história se torne um objeto a ser analisado discursivamente, o falante precisa está engajado e não se sentir forçado a falar sobre sua vida. Como já discutimos antes quando apresentamos o problema com as nomenclaturas, a vida contada de forma artificial não será uma história de vida, mesmo que se constitua num relato de vida.

Na construção epistemológica da HIVI por meio discurso biográfico, se faz necessária uma abertura de espírito para a compreensão de que não é obrigatório e nem indispensável que se estudem os aspectos formais da língua para se ter um estudo linguístico. Os aspectos formais muitas vezes fornecem um rico material para

análise, contudo não devemos prender o olhar científico somente a esta substância quando analisamos textos que fazem parte do universo da HIVI.

O que estamos trazendo para discussão na presente tese é a questão de que a formação do discurso narrativo, já discutido anteriormente, numa abordagem de história de vida passa além das construções programadas, repetidas, é um discurso com sinais de descontração, nascido da experiência e de um estímulo de valorização da palavra. Os relatos de vida são uma prática ao mesmo tempo semântica e sintática. Pineau e Le Grand (1996) afirmam que “encontrar a forma de expressão é inseparável do conteúdo a exprimir”. Há no desafio da estruturação discursiva todo um conjunto de elementos práticos que serão utilizados na formação ideológica. O sujeito do discurso será dependente do seu objeto, ou seja, os sentidos serão vinculados às palavras no discurso, porque o sujeito será ao mesmo tempo autor e ator da sua vida.

Pineau (2012) nos explica que desde 1971 com a publicação do livro *L'Autobiographie em France*, Philippe Lejeune foi um dos pesquisadores que se centraram no estudo da autobiografia tanto no campo da literatura, quanto no da linguística. E esses estudos foram se desenvolvendo mais ainda com o passar dos anos quando a narração passou a ser vista como objeto de estudo com a virada narrativa, ponto que já explicado e problematizado anteriormente.

Para Pineau e Le Grand (1996) as histórias de vida devem ser consideradas como uma ponte entre história e vida, mantida como tempo e subjetividade. Maia-Vasconcelos citando Pineau e Le Grand explica sobre essa busca de significado para construir essa ponte entre história e vida:

A busca pelo significado é encontrada nesse meio, onde emoções e tempos se cruzam, quando o sujeito também toma o lugar do objeto, em busca de vida. Os autores revelam os fatores “palpáveis e visíveis” das expressões da história de vida. (MAIA-VASCONCELOS p.87)<sup>7</sup>

Os autores acima também nos apresentam a dificuldade em trabalhar com as práticas de HIVI, pois sempre é questionado o fato de a vida não ser uma história, isto é, um “conjunto ordenado e dotado de sentido” (PINEAU E LE GRAND, p.108), nessa visão a narração seria apenas uma reconstrução subjetiva e arbitrária carente de qualquer objetividade, logo sem rigor científico. Para esses autores:

---

<sup>7</sup> Texto original: La recherche de sens se trouve dans entre-deux, où se croisent les motions et les heures, ou le sujet prend la place aussi de l'objet, a la recherche de la vie. Les auteurs font apparaître les facteurs «*palpables et visibles*» des expressions de récit de vie.

Esse argumento é forte, uma vez que se trata do “resquício”, muito persistente, de uma concepção positivista da história, que a vê como a reprodução, com um mínimo de deformação, de um objeto pré-construído no passado. (PINEAU E LE GRAND, p.108)

Contudo, os autores explicam que o objeto estudado, no caso a narrativa, não é em si preexistente, mas sim “um construto elaborado a partir de vestígios passados e de pontos de vista presentes” (PINEAU E LE GRAND, p.108) para que possam se fazer presentes como objetos históricos. E finalizam essa ideia, argumentando que são as rupturas, os acontecimentos que abalam a progressão de vida de um sujeito que os fazem querer contar e construir sentido na sua HIVI.

Quando trouxemos o discurso biográfico para a discussão dessa tese, iniciamos a exposição com *As confissões* de Santo Agostinho. Pineau e Le grand (2016) também foram buscar nesta autobiografia as marcas para compor a discussão sobre HIVI. Desta discussão precisamos ressaltar um ponto de grande valia para a presente pesquisa: o *tempo incoativo* que vai de encontro a nossa discussão sobre aspecto de verbo no próximo tópico. Os autores relatam que Gusdorf ao analisar *As confissões* detectou esse vetor temporal específico da autobiografia, isto é, o fato de ação narrada nem ser considerada retrospectiva, nem prospectiva, pois a cada ruptura contada, novos começos são inaugurados. Retomaremos essa discussão quando estivermos realizando nossas análises.

Concordamos com Josso (2004) quando a autora afirma que a história de vida tornou-se, há cerca de 30 anos, um material de pesquisa muito discutido no que a autora chama de “ciências do humano”. A autora elenca dois tipos de objetivos teóricos nos estudos desenvolvidos com histórias de vida: o primeiro remete ao processo de mudança do posicionamento do pesquisador diante do seu objeto de pesquisa em que são articuladas metodologias de pesquisa-formação à construção de uma história de vida. O segundo objetivo refere-se à delimitação de um novo território de reflexão abrangendo a autoformação e suas especificidades.

Ainda em concordância com a autora supracitada, enalteçemos como essa área de pesquisa teórica e metodológica tinha e continua tendo uma grande importância para os estudos da linguagem e do discurso:

“a necessidade de reivindicar e criar um espaço, de justificar sua fundamentação, dando legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção de saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores dos relatos”. (JOSSO, 2004 p. 23)

Outras autoras que também trazem contribuições pertinentes a nossa discussão são Spindola e Santos (2003). Para as autoras a pesquisa em/com história de vida é caracterizada como uma modalidade de estudo de abordagem qualitativa. Neste tipo de abordagem metodológica, o que conta é a narrativa que se faz da vida contada pela pessoa que viveu e do ponto de vista desse sujeito que relata. Para área da saúde, campo em que ambas atuam, esse tipo de abordagem é extremamente rica, pois o pesquisador tanto pode lidar com os sujeitos, como com textos oficiais. Sobre isso as autoras citam uma distinção que Denzin (1970) faz sobre os termos: *life story* e *life history*, para este autor:

*Life story* (a estória ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Quanto à *life history* (ou estudo de caso clínico), compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo. (SPINDOLA E SANTOS, 2003 APUD DENZI, 1970 p.121)

As autoras acima citadas continuam argumentando que o objetivo do estudo com história de vida é apreender e compreender a vida tal como ela é contada e interpretada pelo próprio autor/sujeito na sua posição de ator de sua história. Por isso reforçamos a importância do estudo do ponto de vista neste tipo pesquisa, haja vista as contribuições linguísticas e enunciativas serão de fundamental importância em nossa área para discorrer sobre a importância científica que há nos estudos em HIVI. Destacamos uma fala das autoras para enfatizar a importância dada ao sujeito de pesquisa e ao método nesse campo de estudo:

O método de História de Vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito. Assim esse método é necessariamente histórico (a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico), dinâmico (apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança) e dialético (teoria e prática são constantemente colocados em confronto durante a investigação. (SPINDOLA e SANTOS, 2003, p.121)

Outra caracterização relevante a respeito das pesquisas em HIVI e dos estudos autobiográficos é feita por Siqueira em sua tese (2014, p. 47):

Os estudos biográficos referem-se a relatos produzidos por indivíduos que vivenciaram os fatos e que, por isso, contam-nos a partir de suas lembranças resgatadas na memória. Sabemos que um acontecimento não é

apenas um fato pontual que ocorre e acaba. Por mais insignificante que pareça a uns, a outros relembrará e significará diferentemente. Toda a história de vida de um indivíduo é ancorada em histórias contadas desde antes de seu nascimento, podendo se estender até depois de sua morte. Isso porque o indivíduo relaciona as experiências vindas dos outros (familiares, amigos) e relaciona com os fatos que realmente se lembra, ou seja, que realmente vivenciou.

Concordamos com a autora sobre essa importância dada ao fato de o estudo com HIVI se preocupar com o sujeito que conta sua história e priorizar seu olhar sobre aquilo que é narrado, cabe ao pesquisador captar a importância e a relevância para seu estudo em meio essa subjetividade demonstrada pelo sujeito da pesquisa. Silva (2015, p.48) define bem o modelo de investigação em HIVI, pois para autora “A história de vida é um meio de investigação que valoriza os registros de conhecimentos acumulados na memória. É, pois, um momento em que a pessoa, com suas lembranças, expressa também seus sentimentos”.

Assim como todos os autores supracitados, compreendemos a HIVI como uma forma de expressão da qual o sujeito se apropria. Ao organizar e contar sua vida, o indivíduo adquire o reconhecimento de si perante o outro. Por meio deste movimento de “se contar”, o indivíduo toma consciência de si e de seu papel dentro do contexto, no qual está inserido, e desta forma poderá encontrar sentido para suas vivências, suas atitudes, suas escolhas e, conseqüentemente, construir sua própria identidade.

Contudo, as narrativas que foram analisadas fazem parte de um universo de análise diferenciado. O que queremos dizer é que o que motivou os informantes da pesquisa a falarem não foi um fato qualquer, mas um fato que o marcou de maneira que não tem como desfazer. O conceito que abordaremos agora faz parte da estrutura de narrativas desenvolvidas no âmbito da HIVI e este influenciou em nossas, pois foi nele que percebermos a materialização da aspectualidade que será explicada posteriormente, o conceito o qual vem sendo denominado de **ruptura**.

### 2.2.3 A ruptura biográfica

Para problematizarmos o conceito de ruptura na presente tese, é necessário ir buscar sua origem. Para isso, traremos para nossa discussão desde o conceito apresentado pela física até a forma como estudaremos este conceito em narrativas autobiográficas. Entre alguns autores, utilizaremos: Bury (1982), Proença (2001), Maia-Vasconcelos (2003) e Maia (2016), não necessariamente nesta ordem.

O conceito de ruptura cunhado pelos estudos da Mecânica na Física explica que todo material sólido corresponde ao esforço externo deformando-se e esse comportamento ocorre de acordo com determinadas propriedades mecânicas.

Maia (2016, p.102) em sua tese aponta

Dentre os mecanismos de deformações físicas, há dois tipos: as deformações elásticas e as permanentes. Estas não vêm acompanhadas de quebras das ligações internas. Todavia, quando há deformação, configura-se, então, a ruptura que pode ser de duas naturezas: microfissuras (da ordem de mm) e as microfissuras (da ordem de cm e as cavidades). Sendo assim, os mecanismos elementares de ruptura local são: a ruptura frágil e a ruptura dúctil, respectivamente, constituída por clivagem e por grandes deformações plásticas.

Sobre esse processo conhecido como desequilíbrio isostático, Proença (2001) explica que

No início da fase de ruptura as microfissuras se unem gerando fissuras macroscópicas; as novas deformações permanentes passam a ser acompanhadas de sensível variação de volume. A ruptura final resulta da união de várias microfissuras formando uma superfície de descontinuidade.

Podemos perceber que o conceito ruptura cunhado nas ciências exatas trata-se de um processo de descontinuidade e desequilíbrio que um objeto sofre ao receber uma determinada força externa. Interessa-nos pensar este conceito no âmbito da Física, haja vista quando trazido para as ciências humanas o conceito não perde a essência apresentada pelas ciências exatas.

O conceito de ruptura foi estudado e trazido para as ciências humanas com o passar dos anos. Um autor que ganhou grande destaque foi o médico Bury (1982). Este autor cunhou o conceito de **ruptura biográfica**. O médico propôs o conceito com o intuito de apresentar de maneira objetiva a série de mudanças pelas quais uma pessoa com uma doença crônica passa. Na perspectiva de Bury (1982,



p.169), uma doença crônica é uma espécie de ruptura e esta deve ser vista como uma experiência disruptiva ou utilizando o conceito de Giddens (1979), uma “situação crítica”.

Como dissemos acima, Bury (1982) desenvolveu o conceito com base em sua experiência com doenças crônicas, mas especificamente com a artrite reumatoide. Sobre essa situação crítica de que fala Bury (1982, p. 169) destacamos

A minha afirmação é que a doença, e especialmente a doença crônica, é precisamente esse tipo de experiência em que as estruturas da vida quotidiana e as formas de conhecimento que as sustentam são perturbadas. A doença crônica envolve um reconhecimento dos mundos da dor e do sofrimento, possivelmente até mesmo da morte, que normalmente são vistos apenas como possibilidades distantes ou a situação dos outros. Além disso, coloca os indivíduos, as suas famílias e as redes sociais mais vastas face a face com o carácter das suas relações de forma gritante, perturbando as regras normais de reciprocidade e apoio mútuo<sup>8</sup>.

Para Bury (1982), a doença crônica é uma experiência que rompe com as perspectiva da rotina e estruturas da vida cotidiana, representando assim uma descontinuidade na vida do indivíduo. Essa descontinuidade se mostra presente também nos estudos da Mecânica, na Física, como mostramos no início de nossa discussão.

O conceito desenvolvido por Bury (1982) que se encontra no título da presente seção desta tese, serve ao autor para explicar um conceito maior o de enfermidade crônica (EC). Para o autor, três aspectos compõem o conceito de EC: a *ruptura biográfica* causada pelas tentativas em lidar com as incertezas que essa pode trazer; o segundo seria o *impacto do tratamento* na vida do sujeito e por último a *adaptação e gerenciamento* da enfermidade.

Decidimos por manter a escrita **ruptura biográfica** como escreveu Bury, contudo o conceito na escrita de nossa tese irá por um viés diferente, pois enxergamos na ruptura biográfica não um aspecto de um conceito maior no caso enfermidade crônica, como foi abordado por Bury (1982), mas como um eixo

---

<sup>8</sup> My contention is that illness, and especially chronic illness, is precisely that kind of experience where the structures of everyday life and the forms of knowledge which underpin them are disrupted. Chronic illness involves a recognition of the worlds of pain and suffering, possibly even of death, which are normally only seen as distant possibilities or the plight of others. In addition, it brings individuals, their families, and wider social networks face to face with the character of their relationships in stark form, disrupting normal rules of reciprocity and mutual support. (Tradução Livre)

responsável pela descontinuidade biográfica de um sujeito, o fazendo mudar o sentido, o discurso e sua própria vida.

Além de Bury (1982) com os estudos no âmbito da medicina, Maia-Vasconcelos (2003) em seus estudos linguístico-discursivos com crianças com câncer em estágio terminal, também percebeu que o sujeito que passa por uma situação dessas, a qual a autora chamou de “situação traumática”, dificilmente articula seu discurso da mesma maneira que outro jovem em situação de plena saúde o faria. Desse modo, Maia-Vasconcelos (2003) conceitua o estado de ruptura:

A ruptura é um estado de vida que pode se repetir inúmeras vezes durante a vida. É um fenômeno que provoca uma sensação de perda constante por sua irreversibilidade, vez que o sujeito, submetido a uma ruptura, perde a segurança - estado ou zona de conforto - e passa por um vendaval subjetivo em que ele não se sentirá seguro em parte alguma (MAIA-VASCONCELOS, 2003, p.256,257).

O conceito de Maia-Vasconcelos (2003) é que mais nos interessa para discussão da presente tese, pois como a autora explicou esse estado de ruptura causa ao sujeito um sentimento de “perda contínua” devido a sua irreversibilidade. É exatamente o que encontramos nos discursos articulados pelas mães enlutadas.

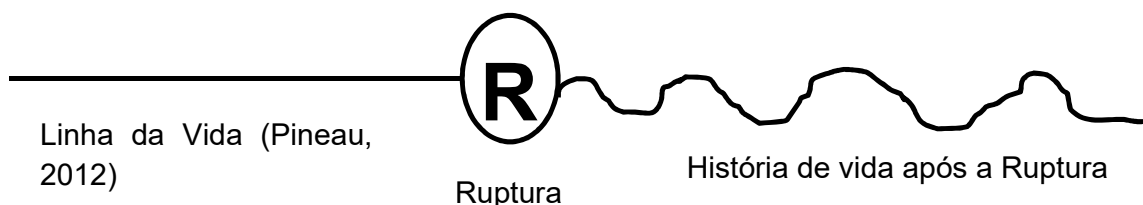
Este sentimento de “perda contínua” é o que estamos chamando de *iteração*. Travaglia (2012), explica que em língua portuguesa os tempos verbais: presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo são dados como tempos em que o tempo verbal se apresenta como algo que se repete. O autor chama de iteração “o aspecto variante”. Quando explicarmos sobre a aspectualidade e analisarmos esse aspecto iterativo, ficará mais claro como este recurso pode contribuir para desenvolver o PDV narrativo-vivido. A iteração nesta tese será abordada com base nos estudos da aspectualidade.

Ainda nessa manifestação de “perda contínua” que aparece nas narrativas, Maia-Vasconcelos (2022) usou o termo repetitibilidade para falar sobre esse fenômeno, em que a ruptura biográfica, é responsável pelo fato de mostrar que mesmo tendo passado dias, meses ou até anos da perda do filho, o fenômeno ainda será contínuo e representado como algo presente na vida dessas mães.

É importante explicar que a presente tese, como será mostrado posteriormente na seção Metodologia, desenvolveu suas análises utilizando um

*corpus* já coletado e utilizado em outra pesquisa<sup>9</sup>, por isso é importante a explicação que será apresentada a seguir, haja vista que para nossas análises o que importa é o que foi narrado a partir do estado de ruptura. Observemos a imagem desenvolvida na presente tese para explicar o fenômeno ruptura biográfica.

Figura 12: Ruptura Biográfica



Fonte: Desenvolvido pela autora da presente tese.

Para explicarmos a Figura 12 é necessário entendermos como a linha da vida é desenvolvida por Pineau (2012) levando em consideração os conceitos de vida, história e tempo. Pineau (2012, p.111) argumenta que querer fazer da sua vida uma história “é querer ter acesso à historicidade, ou seja, a construção pessoal de sentido a partir dos sentidos estabelecidos, dos não-sentidos e dos contra-sensos”. Com isso compreendemos que a experiência vivida confere ao sujeito o direito de historicizar os fatos. Por isso quando o autor explica que “a experiência vivida só tem acesso à história – a uma significação ordenada e datada – se for capaz de se exprimir e de se re-apresentar” (PINEAU, 2012 p.112), ele quer dizer que todos têm vida, bem como têm história, mas para ter História de vida é preciso contá-la.

Desta forma e consoante ao que Pineau (2012) explica, percebemos nestes anos de pesquisa com HIVI, que para construí-la é preciso constituir um terceiro-tempo histórico pessoal. O termo foi cunhado por Ricoeur (1985) e o autor explica que entre o tempo cósmico e o tempo biológico haveria um terceiro tempo. Este tempo estaria situado entre a particularidade e a universalidade.

Dessa forma o esquema acima desenvolvido, visa explicar que as narrativas que são analisadas no âmbito da HIVI ela são marcadas tanto por uma

<sup>9</sup> SILVA, G.R. O luto materno em narrativas de vida e de morte: uma abordagem sociológica da perda. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, 2015.

descontinuidade, mas também por uma irreversibilidade, a primeira, pois ocasiona uma quebra na linha da vida e a segunda porque a linha da vida daquele sujeito nunca mais será mesma, haja vista que ela terá de conviver com aquela dor, perda pelos restos de seus dias.

Com base no que foi explicado acima é que consideramos pertinente utilizar a categoria desenvolvida por Maia-Vasconcelos (2022), de circunstancialidade, bem como a iteração. Na primeira, temos a ideia que um sujeito se torna autor de sua história diante de uma circunstância específica e esta é advinda das rupturas biográficas sofridas por esse sujeito e esta será melhor discutida quando falarmos em mortes violentas. A segunda está relacionada ao fato desse sujeito sempre partir, ou melhor, reviver o momento de ruptura, para se posicionar narrativamente sobre sua perda.

Desse modo, como foi dito anteriormente, nossas análises partiram do estado das rupturas biográficas visando por meio da circunstancialidades (morte de forma violenta) e das rupturas biográficas (iteração), perceber como se configura a presença do PDV narrativo na constituição das narrativas das mães enlutadas.

Antes de explicarmos as categorias: PDV narrativo e aspectualidade, precisamos chamar atenção para os sujeitos de nossa pesquisa, a saber: mães que perderam seus filhos de maneira violenta. Por isso achamos necessário trazer uma seção na discussão da presente tese sobre o luto e a violência no Brasil e mais especificamente sobre mortes violentas e não violentas, uma vez que a forma como essas mães perderam seus filhos vai influenciar na construção de seu ponto de vista.

#### **2.2.4 O luto e a questão violência**

O termo luto deriva do latim *Luctus* e significa perda, morte, dor e pode ser definido como: “o processo de sentir ou expressar tristeza após a morte de um ente querido, ou o período durante o qual isto ocorre. Envolve tipicamente sentimentos de apatia e abatimento, perda de interesse no mundo exterior” (APA, 2010, p. 568). Este é o processo pelo qual um sujeito passa após perder algum ente querido.

Kugler-Ross (1997) no ano de 1969, definiu as fases pelo quais normalmente passam os doentes terminais e, também, as pessoas enquanto fazem o seu luto, as quais são: 1) negação; 2) ira; 3) negociação; 4) depressão; 5) aceitação. Já para Sanders (1999), o luto é um termo utilizado para descrever emoções e experiências que ocorrem após a perda de alguém querido. De acordo com esta autora, o processo de luto tem cinco fases: 1) choque; 2) consciência da perda; 3) conservação-retirada; 4) cura; 5) renovação. Há outros tantos autores que tentam esquematizar o processo do luto. Contudo, não é nosso intuito nos prendermos a esse detalhe. O que queremos neste ponto da escrita da tese, é mostrar que há uma diferença no discurso de uma mãe que perde seu filho por morte violenta e uma mãe que perde por morte não violenta.

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), *coping* ou enfrentamento é definido como um conjunto de "esforços cognitivos e comportamentais que mudam constantemente e possui o objetivo de manejar (minimizar, evitar ou tolerar) demandas específicas internas e/ou externas que são avaliadas como sobrecarga ou como excedendo os recursos pessoais" (p. 141). Por isso a sociedade diz que cada pessoa "vive o luto" de acordo com suas emoções.

Dessa maneira, o enfrentamento perante a perda mudará conforme algumas variáveis e uma delas é a forma da morte. Consideramos para a presente tese esta variável como peça fundamental para a constituição das narrativas das mães, pois é por meio dela que a ruptura biográfica se instaura no discurso dos sujeitos da presente pesquisa.

Diante do que foi exposto acima e entendendo que não é nosso foco de pesquisa descrever o processo de luto, voltaremos a falar sobre a temática para responder um de nossos objetivos que perpassa luto pela morte de forma violenta. Mas antes, precisamos discutir sobre a questão da violência. Porém, não iremos distinguir com amplitude sobre as causas da violência no Brasil não é o intuito da presente tese, contudo precisamos falar sobre a temática, haja vista, as narrativas que foram analisadas neste trabalho são narrativas de vida marcadas pela violência.

De acordo com Minayo (2009), a *violência* é uma questão social que ocorre nas inter-relações humanas e nas suas criações (Estado, organizações

sociais, instituições, etc.) e por ser um fenômeno social tem seu comportamento moldado pela sociedade.

Desta maneira é possível concluir que a violência muda de acordo com o período histórico pelo qual a sociedade passa e sobre isso o sociólogo Wiewiorka (1996) afirma que as transformações sofridas na sociedade nas décadas de 1960 e 1970 caracterizam um novo paradigma de violência no mundo contemporâneo. Porém não será nosso foco falar sobre todos os tipos de violência; Para nosso trabalho, é interessante destacar as violências ocorridas no contexto urbano e mais especificamente os homicídios.

No que tange o contexto urbano, é importante destacar que as mães pertencentes ao *corpus* da presente tese são residentes da zona urbana da cidade de Fortaleza e perderam seus filhos em contexto de violência urbana. Sobre o conceito violência urbana, Misse (2010) afirma que:

A violência urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos (que nem sempre apontam para o significado mais forte da expressão violência) que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles na modernidade. Esses eventos podem reunir, na mesma denominação geral, motivações muito distintas, desde vandalismos, desordens públicas, motins e saques até ações criminosas individuais de diferentes tipos, inclusive as não intencionais como as provocadas por negligência ou consumo excessivo de álcool ou outras drogas.<sup>10</sup>

Em concordância com o que foi dito acima, acreditamos que a violência urbana é um dos problemas sociais mais críticos do Brasil desde muito tempo. Habitamos em cidades brasileiras e nestas vivemos, constantemente, com medo de sofrermos algum tipo de violência ao sairmos de casa. Cobramos do poder público, mas este ainda se mostra ineficiente para combater e controlar essa violência.

Já no que diz respeito ao homicídio, cabe nos fazer pensar sobre o que é considerado homicídio na sociedade brasileira. Para o direito, sem usar jargões da área, é a conduta que se encaixa na previsão da lei, isto é, quando alguém tira a vida de outra pessoa. Então para a justiça brasileira não há diferença se o homicídio foi praticado por motivos de vingança, ou se foi por motivo passional, por exemplo.

---

<sup>10</sup> Fonte: Blog Direito e Paz. Disponível em:<<http://pazedireito.blogspot.com.br/2010/04/violencias.html>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Falar sobre esta visão é pertinente, pois é recorrente no discurso das mães a forma como seus filhos foram mortos e como a sociedade não se importa.

Como dissemos os sujeitos da presente pesquisa são residentes da cidade de Fortaleza-Ce e, essa cidade, apesar de uma redução no número de casos de homicídio no ano de 2022, ainda sofre com muitos casos. No balanço de novembro de 2022 o número de homicídios na cidade caiu cerca de 10% comparado a novembro de 2021, contudo ainda são 2.722<sup>11</sup> casos contabilizados pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do estado do Ceará. São muitos casos, são muitas mães que perdem seus filhos para a violência em um único ano.

Silva (2015) ao apresentar em sua tese o *corpus* da sua pesquisa, o qual foi utilizado por nós em nossa pesquisa, explica que a maioria dos filhos assassinados das mães entrevistadas eram adolescentes ou jovens de até 22 anos de idade e usa seu lugar de fala como professora para justificar como essa faixa etária é vulnerável:

Pelo que conhecemos desta realidade, como professora da periferia de Fortaleza, a maior parte dos homicídios está ligada a um fator preponderante: o tráfico de drogas. Jovens que se inserem neste contexto vivem diante de um meio social complexo, anônimos do espaço político que ocupam e expostos a diferentes tipos de ameaças da vida cotidiana.

Dessa maneira, os dados apresentados acima nos fazem refletir sobre o impacto no discurso de um sujeito que perdeu um ente querido de forma violenta e outro sujeito que perdeu por circunstâncias naturais, por exemplo, isto é, de maneira não violenta.

#### 2.2.4.1 Mortes violentas x Mortes não violentas

Buscando materiais bibliográficos para compor essa temática das mortes violentas e não violentas nos deparamos com uma reportagem publicada no site BBC News Brasil intitulada: “Unidas pela dor: mães que perderam seus filhos para a

---

<sup>11</sup> Dados retirados da página: <https://www.ceara.gov.br/2022/12/01/fortaleza-apresenta-reducao-de-232-nas-mortes-provocadas-por-crimes-violentos-em-novembro-de-2022/> Acesso em 24 jan 2023.

violência”<sup>12</sup> e começamos a perceber uma recorrência no discurso dessas mães ao falar do filho que foi tirado delas, assim como no discurso das mães que analisamos no presente trabalho.

Há um depoimento que nos chamou bastante atenção. Elisângela, de 45 anos, teve seu filho, Iago, de 16 anos, morto por policiais em uma operação em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro em 2016. Segundo as informações contidas nos jornais, o jovem atuava em uma facção criminosa, mas para a mãe ele era “praticamente uma criança”. A mãe afirmou: *“Ele era viciado? Era. Fumava maconha? Fumava. Estava em má companhia? Estava. Eu preferia que eles prendessem, não matassem. Os policiais falaram que, se prendessem o meu filho, ele ia sair da cadeia e matá-los. Mas ninguém tem o direito de tirar a vida de alguém”*.

O discurso de Elisângela se repete em uma das falas reproduzidas por uma das mães da nossa pesquisa: “não precisava matar o filho, pois ninguém tem o direito de tirar a vida de outro ser humano”. A escolha por trabalhar com esse *corpus*, em que o homicídio é a causa da perda de nossos sujeitos da pesquisa, ocorre devido considerarmos que o fato de perder um filho por assassinato marca e particulariza a maneira como a mãe (sujeito informante) narra a trajetória de sua vida marcada pela dor, por uma ruptura como já explicamos anteriormente e voltaremos a explicar em nossas análises.

Conforme o Atlas da Violência 2021, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), apontam que o homicídio é a principal causa de mortes não naturais e violentas entre os jovens. Verificou-se um importante aumento das mortes violentas por causa indeterminada no ano de 2019, que traz, entre outros pontos que serão tratados, implicações para a comparabilidade entre os anos do período analisado.

Falar sobre mortes violentas reflete diretamente na forma como é apresentando discursivamente essa dor. Segundo Moura (2006), um dos fatores mais significativos, quando se trata da vivência do luto, refere-se à forma como a morte ocorreu. De acordo com a autora, o modo de morte influencia as reações de

---

<sup>12</sup> Ver o site: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43915337>



luto que acometeram o enlutado, sua intensidade e frequência. Por isso que para o presente texto resolvemos apresentar

Maingueneau (2021) em uma entrevista concedida à revista *Entreletras* explica sobre o termo violência discursiva, mostrando como o discurso pode ajudar a construir ou desmistificar a violência. Por exemplo, percebemos em nossa pesquisa que quando uma mãe que teve seu filho morto de maneira violenta ela tende a proferir um discurso de culpa, ou seja, “eu poderia ter orientado meu filho melhor” ou “não sei onde eu errei, pois os outros não fizeram nada de errado”; e nesse discurso a sociedade é a culpada pelas transgressões que seus filhos fizeram.

Dessa maneira, podemos perceber que a forma como ocorre a perda de alguém vai influenciar no discurso proferido por esse sujeito. Seja pela culpa sentida, seja pela culpa atribuída. Diferentemente do discurso de alguém que perde alguém de forma não violenta, ou por morte natural. Sobre esta, entendemos como aquela em que não ocorre nenhum um fator externo como causador do óbito.

Não queremos entrar aqui na discussão de que a dor de perder alguém é menos importante quando a morte é natural e este não é o momento para tal assunto. Contudo, utilizando as narrativas das mães analisadas aqui, percebemos que essa diferença é colocada por elas em seus discursos: “não é a ordem natural das coisas uma mãe enterrar seu filho”, “meu filho não merecia uma morte daquela maneira”. Ainda na página da BBC, uma mãe que buscou ajuda no grupo de mães para tentar superar a perda de seu filho descreveu: “uma mãe ir identificar o corpo de um filho com tiro bem no meio da cara não é algo humano, se ele tivesse morrido de uma doença ou algo assim...”.

De acordo com Sanders (1999), os pais tendem a descrever a morte de um filho como sendo contra a natureza das coisas e não apresentam, claramente, um senso de que a idade é um fator importante, só afirmam que a experiência é devastadora. Já para Hunt e Greeff (2011), pais que perdem seus filhos ainda crianças, a dor é mais forte e incessante.

Ao trazermos a discussão sobre a morte violenta e a morte não violenta, algumas ideias emergem do discurso no luto parental, para descrever a distinção entre ambas, é necessário falarmos de duas dessas ideias: o sentimento de culpa e

a responsabilização pessoal/outrem. Quando um filho morre, os pais se sentem culpados, (Miles & Demi) e a sua identidade enquanto protetores dos filhos se mostra ameaçada (Young & Papadatou, 2003). Em uma pesquisa anterior (Cardoso, 2009), percebemos em algumas das narrativas analisadas, como em *Bruno e os elefantes marinhos* (DEL RE, 2006), quando o pai narra a perda de seu filho que foi atingido por um raio enquanto brincava em um rio, que perder um filho em um acidente ou por causas naturais não traz uma culpa tão intensa, pois o discurso apresentado é: “Deus levou, meu Bruno. Não era o momento, mas foi vontade dele.” (DEL RE, 2006, p.17). A culpa é atribuída a alguém, no caso em questão a Deus. Já nas narrativas das mães que analisamos nesta tese, bem como nas narrativas das mães que deram entrevista à página da BNCC que mostramos nesta pesquisa, o sentimento da culpa é próprio. A mãe, muitas vezes, chega a se questionar por que deve sobreviver, já que o filho morreu antes dela.

Para Hunt & Greeff (2011), os pais podem se sentir culpados, e a depender de como o luto ocorreu, no caso, a causa da morte, também podem manifestar uma necessidade de responsabilizar alguém pela morte do filho, sendo frequente os pais culparem uma entidade divina, a igreja, o cônjuge, a própria criança que morreu, ou ainda o pessoal médico.

Ainda sobre como aconteceu a morte do filho, e estas nas narrativas as quais analisamos ocorrem por meio uma morte violenta, emerge desse ponto a categoria de circunstancialidade defendida por Maia-Vasconcelos (2022) em que o sujeito, no caso do estudo em questão as mães, se tornam autor de sua história diante de uma circunstancia específica e a partir desta, elas passam a narrar os fatos como uma “designação de sua própria vida”. (MAIA-VASCONCELOS, 2022, p.58)

A discussão acima apresentada será retomada e poderá ser visualizada por meio de trechos das narrativas analisadas na presente tese e ficará claro, posteriormente nas análises, como esse discurso da perda de maneira violenta faz diferença na construção do que estamos chamando de ponto de vista narrativo, PDV “narrativo-vivido”.

## **2.3 A aspectualidade e o Ponto de vista (PDV) em narrativas autobiográficas**

### **2.3.1 A categoria aspecto**

Dentre as categorias que trabalham a semântica no português, uma das mais complexas é a de aspecto. Muitos estudos têm prosperado e proliferado informações, definições, exemplos, sem ter chegado a um consenso para estabelecer de maneira sólida esta categoria. E a presente tese não terá como objetivo estabelecer um conceito concreto sobre a categoria aspecto. Nosso interesse em estudá-la em consonância com a categoria PDV é perceber como esta pode contribuir na construção do PDV narrativo em narrativas autobiográficas. Contudo, para que possamos nos apoiar em alguns conceitos que serão pertinentes às nossas discussões, apresentaremos a seguir alguns posicionamentos, de maneira não exaustiva, de autores na área da descrição linguística para posteriormente o uso desta noção de aspecto na construção do PDV narrativo.

Segundo Comrie (1976), o aspecto verbal é uma categoria que descreve a estrutura temporal interna de uma ação, expressando o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. O autor explica que mesmo que seja mencionada a ideia de tempo, não devemos confundir a noção de aspecto com a noção de tempo, pois este marca a relação entre o tempo da ação e algum tempo de referência. Já aquele diz respeito à estrutura interna do fato verbal.

Mesmo tendo introduzido a discussão com um autor anglo-saxônico, buscamos realizar nossa revisão da literatura sobre aspecto verbal levando em consideração apenas estudos de autores brasileiros, haja vista o assunto não ser de nosso domínio de estudo. O primeiro que traremos para discussão e considerado o pioneiro nos estudos sobre aspecto verbal é Castilho (1968). O autor apresenta verbo com sendo uma palavra, e por palavra este autor distingue duas espécies: nomes e verbos; sendo assim, o verbo pode exprimir as modalidades de um processo ou estado por meio de mudanças de forma. Além disso, o verbo, segundo o autor, pode ser dimensionado de seis diferentes formas por meio de categorias verbais as quais são: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número. Para a construção da presente tese, nos debruçaremos sobre a noção de aspecto como já foi mencionado no parágrafo anterior, mas mostraremos a seguir de forma bem sucinta cada uma das categorias citadas acima.

Desta forma, para Castilho (1968, p. 14)

A função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, assunto) e quantidade dessas entidades (número).

Podemos perceber a partir das categorias citadas acima que cada uma é essencial a seu modo para o estudo do processo verbal, mas a noção de aspecto não é tão discutida como as noções de tempo e modo, por exemplo. Contudo alguns estudiosos da linguagem desenvolveram estudos sobre essa categoria comparando-a ou até mesmo opondo-a à categoria de tempo. Castilho (1968) que já começamos a tecer comentários, Godoi (1992); Lima (2009) e Travaglia (2016) são alguns dos autores que traremos para a discussão do assunto no presente texto.

Nos estudos brasileiros sobre aspecto, o trabalho de Castilho (1968) pode ser considerado o pioneiro, pois o autor apresenta os meios dos quais a língua portuguesa dispõe para a expressão dessa categoria. Para o autor, “o aspecto é uma categoria que se reporta aos graus de realização da ação” (p.41), isto é, o aspecto tem relação direta com o desenvolvimento do processo expresso pelo verbo. Sobre esse processo, Castilho (1968) nos explica que ações que não tendem a um fim, por exemplo, verbos como: *viver, escrever, mastigar, andar, etc.* são expressas por verbos chamados atélicos, que são aqueles que não apresentam um limite temporal bem definido. Já os verbos télicos são aqueles em que a ação verbal tende a um fim, como *morrer, cair, etc.* Partindo dessas noções o autor elabora quatro valores aspectuais básicos: duração, completamento, repetição e neutralidade. E cada valor desses equivale aos quatro tipos de aspecto apresentado pelo autor para a língua portuguesa, os quais são: imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado.

Simplificando, podemos dizer que Castilho pensou a aspectualidade da seguinte maneira: os verbos télicos atualizam o aspecto perfectivo e os verbos atélicos atualizam o aspecto imperfectivo. Já o aspecto iterativo pode ser perfectivo ou imperfectivo dependendo do tipo de ação – pontual ou durativa –; E por fim, o aspecto indeterminado nem pode ser classificado como perfectivo e nem como imperfectivo, esse é caracterizado por frases atemporais ou verdades gerais, como as encontradas em provérbios.

Como já foi dito nos parágrafos acima, a categoria aspecto em nossa língua possui uma grande complexidade em definição e categorização e, por conseguinte, em seus estudos. Castilho (1968, p.52) menciona sua opinião sobre essa dificuldade encontrada em seus estudos:

“A tipologia do aspecto é bastante controversa e a razão disto estará na variedade de métodos e interpretações que o aspecto conheceu. Além disso, não raros são os casos que em um mesmo termo apresenta variações conceituais ao longo de um mesmo trabalho.”

O aspecto, diferentemente do tempo, não é considerada uma categoria dêitica, isto é, não tem função de localizar o fato verbal com relação ao outro momento. O aspecto tem o intuito de focalizar o interior do fato verbal, estando mais relacionado à duração da ação verbal e as diferentes formas de se considerar a constituição interna desta ação verbal. Sobre isso Travaglia (2016) que utilizou os estudos de Castilho (1968) como ponto de partida para desenvolver suas pesquisas, define aspecto como

“...uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.” (TRAVAGLIA, 2016, p.43)

Para Travaglia (2016) o aspecto deve ser compreendido como uma categoria que indica o espaço temporal ocupado pelos eventos e marcam a sua duração e, por isso, muitas vezes é confundido com a categoria tempo, mas o autor deixa claro que ambas não devem ser confundidas, pois:

\* a categoria de **tempo** situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação;

\* a categoria de **aspecto** não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz Comrie (1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a **constituição temporal interna da situação**, sua duração. Assim para efeito de distinção podemos dizer que o **tempo** é “um TEMPO externo à situação” e o **aspecto** é “um TEMPO interno à situação”.

Assim como Castilho (op.cit.), Travaglia faz sua classificação aspectual com base na *telicidade*, Porém, considera o aspecto como uma categoria meramente verbal, não levando em consideração as relações semântico-lexicais para identificação dessa categoria. Para isso também elenca categorias de análises. Contudo, enquanto Castilho (1968) nomeou quatro categorias aspectuais, Travaglia

(2016) nomeou quatorze conforme dois critérios de classificação como fica claro no esquema deste autor apresentado na próxima página:

Figura 09: Quadro das categorias de aspecto proposta por Travaglia

Noções Aspectuais		Aspectos
I - Duração	1. Duração	
	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada
	B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada
	2. Não duração ou Pontualidade	Pontual
II - Fases	A. Por começar	Não começado
	1. Fases de realização	
	A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma opção temporal)	
	B. Começado ou não começado	Começado ou não acabado
	C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma opção temporal)	
	C. Acabado	Acabado
	2. Fases de desenvolvimento	
	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	Inceptivo
	B. Meio	Cursivo
	C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	Terminativo
3. Fases de cumprimento		
A. Completo	Perfectivo	
B. Incompleto	Imperfectivo	
Ausência de noções aspectuais		Aspecto não atualizado

Fonte: retirado de Travaglia (2016, p.84)

Outra autora que revisitou os trabalhos de Castilho (1968) e de vários outros autores foi Godoi (1992) que desenvolveu sua tese de doutorado intitulada *Aspectos do aspecto* para explicar essa categoria tão pouca estudada e quando estudada apresentada por meio de várias abordagens. A autora citada desenvolveu sua abordagem de análise com base nos seguintes conceitos: tempo de referência e tempo de evento, da classe aspectual, do intervalo de tempo e da propriedade-EP (*end points*). Não nos detivemos a explicar cada um dos termos, pois não seria importante para nossa pesquisa neste momento, contudo como é um trabalho riquíssimo na área em questão não podíamos deixar de citá-lo.

Costa (1997), em seus estudos, apresenta que a conceituação e as possibilidades semânticas do aspecto em língua portuguesa podem ser divididas em dois blocos, *perfectivo*, não marcado para a constituição temporal interna e o *imperfectivo* que marca claramente a constituição temporal interna.

Além dos autores citados acima, Lima (2009) também contribuiu para os estudos sobre o aspecto. A autora, em sua tese, apresentou as noções aspectuais de maneira bem didática dialogando com vários autores e explica que:

As propostas são diversas (cf. DIETRICH, 1983) e procurar levar a termo ainda que sucintamente, as diretrizes de grande parte delas conduziria a um estado exaustivo, estéril e digressivo. Por esse motivo, elegemos, com meta, trabalhar com conceitos fundamentais para o nosso estudo, procedendo a uma síntese de diversos estudos empreendidos. (LIMA, 2009, p.112)

Lima (2009) seleciona então as duas noções bases: *perfectividade* e *imperfectividade* para abordar seu estudo sobre aspecto. O que destacamos nos estudos de Lima (2009) que nos servirá de maneira basilar para o desenvolvimento do nosso, é o fato dessa autora afirmar que por mais que as ações se apresentem completas, o perfectivo nem sempre apresentará situações acabadas. Observemos o que isso quer dizer com ajuda dos exemplos abaixo:

- (a) Renan sempre escreveu bem.
- (b) Renan sempre escrevia bem.

Em (a), a situação perfectiva é apresentada como *completa*, mas é *não-acabada*, pois podemos acrescentar “e continua melhorando”; já em (b), a situação é



apresentada como incompleta e acabada, pois podemos acrescentar “mas não escreve mais”.

Outro ponto que destacamos nos estudos da autora supracitada que será importante para o desenvolvimento desta tese é a categoria de *telicidade*. Uma ação télica é aquela que tem um final natural ou uma mudança de estado que constitui seu resultado. Já uma ação atélica não tem um resultado a ser atingido. Observemos os exemplos abaixo:

(c) João está fazendo uma cadeira.

(d) João está cantando.

No exemplo (c), não é possível dizer que João realizou a ação de ‘fazer uma cadeira’ sem antes chegar ao ponto final do evento, isto é, a ação precisa ser concluída para sabermos o final. Já no exemplo (d), mesmo que João pare de cantar a qualquer momento é possível afirmar que ele ‘cantou’, por isso podemos dizer que em (c) há um ponto de término para o evento, enquanto em (d) não há esse ponto, logo o primeiro é télico e o segundo é atélico.

É importante ressaltar que um dado verbo pode ser considerado télico em determinado contexto e atélico em outro, a depender de algumas mudanças de outros constituintes oracionais. Isso mostra que predicados verbais télicos e atélicos são definidos a partir dos contextos linguísticos em que se apresentam, logo estão mais relacionados ao âmbito semântico do que ao âmbito gramatical-estrutural.

O que podemos perceber com base nos estudos realizados sobre o aspecto verbal é que ele pode ser considerado uma categoria que está diretamente relacionada ao campo semântico das ações verbais. O estudo que estamos desenvolvendo nesta tese não tem intenção de propor novas categorias para estudar o aspecto, pois não faz parte do nosso campo de estudo, contudo enxergamos nesta categoria verbal elementos que podem ser de grande valia nos estudos com História de Vida e do Ponto de vista. Nos detivemos neste estudo a como as formas verbais em seu valor sintático (os verbos propriamente ditos) e as reproduções semânticas (advérbios, palavras com características temporais) são utilizadas para marcar a presença de um *loop* temporal quando se trata de narrativa em HIVI. Além de estabelecer uma relação entre a aspectualidade e o PDV em narrativas autobiográficas.

Desta maneira, com base em tudo que foi apresentado sobre aspecto verbal, destacamos dois pontos que serviram aos propósitos analíticos da presente tese os quais são: a ideia de *perfectividade* e *imperfectividade* e a noção de *telecidade* e *atelicidade*

### 2.3.2 O PDV narrativo-vivido

A ideia de trabalhar com a teoria do Ponto de Vista (PDV) se faz importante na presente tese, pois partimos da hipótese de que, diferentemente de como ocorre em uma narrativa ficcional, em quem o narrador nem sempre ganha destaque, muitas vezes é simplesmente transformado em um mero observador, na escrita biográfica é por meio do ponto de vista do narrador que os enunciadores conhecerão a história que será contada, pois foi ele quem viveu e pode usar sua voz de autoridade para contar sobre sua história de vida.

A noção que adotaremos nesta tese sobre PDV será a abordada por Alain Rabatel em seus estudos sobre responsabilidade enunciativa e ponto de vista, porém fizemos intervenções que julgamos necessárias para analisar os textos que compõem o universo biográfico. O autor nos explica em sua obra *Homo Narrans*<sup>13</sup> que a noção de ponto de vista é extremamente complexa, a começar pela sua significação:

“A noção de ponto de vista é a mais complexa, tanto ela toma emprestado de domínios variados, indo da vista (‘ter um belo ponto de vista’) à expressão de uma opinião mais ou menos sustentada, mas distinta das verdades científicas (‘compartilho desse ponto de vista’)[...]” (RABATEL, 2016, p.30)

Apresentada essas significações, o autor apresenta uma definição que ele julga geral para os padrões de apreciação antropológicos, mas relativamente preciso no plano de mecanismos linguísticos, sendo estes os que nos interessa estudar:

[...] Em sua forma mais geral, o PDV define-se pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, indo da percepção à representação mental, tal qual elas se exprimem no e pelo discurso[...](RABATEL, 2016, p.30)

Observamos que para o autor, o PDV pode ser definido pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito, quer singular, quer coletivo, visa um objeto. Para

---

<sup>13</sup> Conferir referências.

tanto, o sujeito, que é responsável pela referenciação do objeto, enuncia seu PDV, às vezes diretamente, por comentários explícitos ou indiretamente pela referenciação do material linguístico.

O PDV é um fenômeno enunciativo que se aproxima do que nossa literatura chama de discurso indireto livre na medida em que remete a percepções que em algumas vezes pode não ser do narrador, mesmo que relatada pela interpretação da voz do narrador.

Para entendermos o conceito de ponto de vista defendido por Rabatel (2016) é preciso compreender que este autor foi buscar em Gérard Genette e em seus conceitos sobre narratologia, suas problematizações linguísticas sobre narrativa, narração e PDV, assim como estudou e comparou as definições sobre PDV apontadas por Ducrot.

Em *Discurso da Narrativa*, Genette (1989, p. 23 e 24) nos faz pensar sobre como empregamos a palavra narrativa e não percebemos, nem nos preocupamos com a ambiguidade que esta traz consigo e este autor afirma que para poder possuir um domínio claro nesta área de estudo é preciso distinguir três noções distintas. A primeira é a mais comum, a narrativa designa o enunciado narrativo, seja oral ou escrito, que assume a relação de um acontecimento ou uma série deles. A segunda, a narrativa designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objeto de um discurso. E a terceira, a narrativa designa um acontecimento, o ato de narrar em si mesmo. O autor resume esta três noções, respectivamente, em *história*, *narrativa* e *narração* e afirma que seus estudos se concentrarão no estudo da *narrativa*:

Proponho sem insistir nas razões, aliás evidentes da escolha dos termos, denominar-se *história* o significado ou conteúdo narrativo; *narrativa* propriamente dita o significante, enunciado, discurso ou texto narrativo em si, e *narração* o acto narrativo produtor... (GENETTE, 1989, p.25)

Sobre a perspectiva de estudo sobre a análise do discurso narrativo desenvolvida por Genette (1989), o autor foi buscar em Todorov (1966) seu ponto de partida para desenvolver sua teoria. Genette explica que Todorov propôs três categorias para analisar uma narrativa: *tempo* em que se expressa a relação entre o tempo da narrativa e do discurso; *aspecto* a maneira pela qual a história é percebida pelo narrador, nada mais é que o ponto de vista; e o *modo* o tipo de discurso utilizado pelo narrador. Tomada esse ponto de partida, Genette (1989) desenvolveu suas três categorias: *tempo* em que se concentram as relações temporais entre

narrativa e diegese, *modos* que se encontram as modalidades da representação da narrativa; e *voz* a qual se encontra a própria narração como a definimos, por meio do narrador e de seu destinatário.

Mesmo que os estudos de Genette (1989) fossem centrados em narrativas literárias, sua visão sobre as três noções apresentadas acima suscitou vários outros estudos, como os desenvolvidos por Rabatel (1997a, 1998b) que viu na problemática do ponto de vista um novo viés de discussão sobre os textos narrativos no âmbito da Linguística.

A visão teórica adotada por Rabatel sobre os estudos com narrativas é que nos faz pensar que os estudos linguísticos podem e devem possuir uma dimensão mais sócio-discursivamente construída de sentido levando em consideração as relações dos homens entre si e com o mundo e não buscar nesse modelo de texto somente a estrutura como modelo de estudo. Sobre isso Rabatel (2016) citando Bres (1994) expõe

“... a narrativa não se reduz a um conjunto monológico de estruturas descontextualizadas e de fechamentos internos que remetem a um sentido imanente, a uma estrutura profunda (que recusa toda dimensão ‘psicologizante’ e/ ou ‘sociologizante’, em versão autotélica dura)” (RABATEL, 2016, p.37).

Rabatel (2008) explica que uma das ferramentas que pode ajudar para analisar um texto é a problemática do ponto de vista (PDV), por isso os conceitos sobre PDV apresentados a seguir serão úteis em nossas análises. Também vimos nos pressupostos rabatelianos uma grande vantagem: o fato de que ele também considera, no momento da análise, a interpretação.

Rabatel (2016) é um grande defensor da premissa que a narração pressupõe a argumentação. Todo texto narrativo que escrevemos é repleto de argumentação e a problemática do PDV deveria dar conta dessa polissemia que o termo causa nas ciências da linguagem. O autor afirma que em trabalhos anteriores ele mesmo não conseguiu tratar sobre problemática como deveria e por isso retoma a discussão sobre os tipos de PDV novamente tentando lançar um olhar mais atento às discussões. Sobre isso:

“...Ora o linguista não tem que apresentar julgamentos de valor *a priori* nem de exclusão fora do domínio da Ciência: “inicialmente, compreender”: o adágio spinozista é um guia precioso. Se a expressão de ponto de vista é, neste ponto, polissêmica, visto que mistura percepções, saberes e julgamentos em condutas linguageiras diferentes, é tentador ver o que existe a ganhar ao interrogar essa relação, tanto de modo teórico como prático”. (RABATEL, 2016, p. 121)

Dessa maneira, em nosso entendimento, todo e qualquer enunciado precisa de um sujeito da enunciação e este, por sua vez, se desdobra em um enunciador, a instância que fala e irá pressupor um enunciatário, que é o destinatário da fala, que logicamente, implica afirmar que todo enunciado tem como pressuposto a interlocução entre ambos. Até mesmo em um monólogo, o enunciador e o locutor são a mesma pessoa, mas falam para um enunciatário. Resta que, essa interlocução constrói as especificidades de cada texto, uma vez que o sujeito da enunciação, ao se projetar no enunciado, deixa nele suas marcas. Por isso os pressupostos teóricos de Alain Rabatel defendem uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa.

Como nossa base teórica é alicerçada pelos conceitos rabatelianos, achamos necessário apresentar os diferentes tipos de PDV que existem defendidos pelo autor. Rabatel (2016, p.165) distingue os PDV entre: *représentés*, *racontés* e *assertés* (representados, narrados e afirmados). 1) O PDV representado: expressa percepções, pensamentos e reflexões, isto é, permite às percepções pessoais (e aos pensamentos associados) o modo objetivante das descrições aparentemente objetivas [...]. 2) O PDV narrado: os fatos são narrados segundo uma perspectiva que pode se distanciar da perspectiva do autor, ocultando igualmente, as falas pessoais, mascarando estas últimas por trás de uma narração tão objetiva quanto possível [...]. 3) O PDV afirmado: baseia-se, explicitamente, em ato de fala, em julgamentos mais ou menos construídos que remetem, explicitamente, a uma origem identificável [...].

O PDV “representado” pode ser apreendido a partir das relações sintáticas e semânticas de um enunciador, um processo de percepção e um objeto percebido. Mas o autor esclarece que nem sempre os três componentes ocorrem juntos. O autor explica que o PDV representado “repousa sobre a disjunção do locutor e do enunciador”.

Rabatel (2016, p. 122) explica que algumas vezes o PDV pode exprimir a subjetividade de certas percepções e pensamentos “em enunciados que comportam a terceira pessoa e o tempo passado, enquanto que, em princípio, a subjetividade

está acoplada ao sincretismo tradicional do eu-aqui-agora”. Observemos o exemplo a seguir retirado do livro *Salvando meu filho*<sup>14</sup>:

P1 “Toby detalhou a sala familiar. P2 Às vezes parecia um local de vigília e em outras ocasiões fazia lembrar um clube social ou um grupo de estudos em uma escola de medicina. P3 Alguém contava uma piada enquanto outros esbravejavam o impacto dos esteroides na mielina da coluna espinhal...” (GALLI, 2001, p.69).

Os processos que ocorrem em P2 e P3 correspondem não a uma descrição assumida pelo narrador, mas as percepções e pensamentos *representados* que constroem um sujeito de consciência, este remete a elementos do discurso que representam o PDV de uma pessoa que não é o sujeito falante, segundo Rabatel (2016) citando Zribi-Hertz (1990).

Já o PDV “narrado” nos remete a textos escritos a partir da perspectiva de um personagem que, todavia, não é focalizador (enunciador). O PDV “narrado” visa o desenrolar dos fatos a partir da perspectiva de um dos atores do enunciado, sem dar a esse ator um espaço enunciativo particular. E muitas vezes essa voz se distancia do autor do texto.

Por fim, o PDV “afirmado” está relacionado à noção de opinião “manifestada ou de tese” de acordo com Rabatel (2008, p.104), isto é, uma opinião assumida explicitamente. Uma característica que marca este PDV é o valor persuasivo do *ethos*. Este constrói uma imagem do locutor que desempenha um papel naquilo que quer transmitir, este é atualmente estudado em trabalho com gêneros científicos: resenha, tese, etc.

Porém não é possível afirmar que o PDV afirmado se apresente somente nos gêneros citados acima, haja vista Rabatel (2016) deixa sempre muito claro que o estudo do PDV é em sua origem narrativa, mas defende que toda narração é argumentativa, logo o PDV faz parte da construção da argumentação também. Sobre o PDV “afirmado”, o autor nos explica que podemos percebê-lo claramente em textos narrativos pela interpretação das falas dos personagens ou dos julgamentos do narrador.

Observando o estilo de narrativa que analisamos em nossos estudos, e levando em consideração que o conceito de PDV é oriundo da tradição de estudos narratológicos, talvez fosse necessário desenvolver um quarto tipo de PDV. Eis que

---

<sup>14</sup> Livro heterobiográfico analisado em relatórios PIBIC entre os anos de 2009 e 2010 pela autora da tese enquanto cursava o curso de graduação em Letras na UFC.

surgiu em nossos estudos para o desenvolvimento desta tese, a problematização de um PDV “narrativo-vivido”, este seria construído quando o enunciador apresenta a construção dos fatos com base em sua própria história. O PDV “narrativo-vivido” será talvez a base da escrita biográfica. E para compô-lo será necessário levar em consideração a estrutura da narrativa e a construção aspecto-verbal em textos narrativos.

Para que possamos desenvolver com mais propriedade esse quarto PDV, é importante que retomemos os estudos de Genette (1989) já citados aqui, haja vista que toda base teórica de Rabatel (2008, 2009, 2016) repousa nestes estudos e os aprofunda com as pesquisas desenvolvidas em linguística sobre dialogismo e enunciação.

Concordamos com Genette (1989) quando o autor afirma que “o discurso narrativo é o único que se oferece diretamente à análise textual”, no sentido de que a partir da narrativa podemos desenvolver qualquer outro tipo de tipo textual; posso argumentar, posso descrever, posso instruir, enfim podemos partir da narração para desenvolver outras ideias. O que estamos chamando de PDV “narrativo-vivido” seria a estrutura evocada pelos sujeitos das narrativas autobiográficas para apresentar seu ponto de vista da história que será contada.

Para o autor supracitado, a narrativa é uma produção linguística que assume a relação de um ou vários acontecimentos. Quando analisamos textos desenvolvidos por meio da escrita biográfica percebemos como os acontecimentos giram sempre em torno de um eixo, haja vista, a vida daquele sujeito que profere determinado discurso, está preso em *loop* temporal em que um determinado evento, as rupturas biográficas, marca todo o resto de sua vida.

Dessa maneira, em uma narrativa autobiográfica o ponto de vista construído pelo enunciador nem é por meio de percepções que serão apenas sentidas e não externadas, com acontece no PDV representado, nem por meio de uma personagem que conta uma história e que não é aquele sujeito que narra, como ocorre no PDV “narrado”. Nem tampouco, o foco neste tipo de narrativa será de apresentar a argumentação daquilo que está sendo contado, apesar dessa característica de argumentatividade da narrativa que expressa o PDV afirmado ser pertinente a nossas discussões.

Para desenvolver o PDV “narrativo-vivido” temos que levar em consideração o que Genette (1989, p.31) falar sobre a temporalidade na narrativa. Para este autor, a narrativa é “uma sequência duas vezes temporal”, ou seja, há o tempo do que é contado e há o tempo da narrativa. Em HIVI, a narrativa contada pelo sujeito atravessa além do tempo contado e do tempo da narrativa, o tempo do vivido, pois quando esses sujeitos são convidados a falar sobre si, o que será contado será o passado e esse passado nem sempre será contado no presente, pois a linha temporal na cabeça de uma mãe que perdeu um filho pode ser infinita ou simplesmente viver em *loop temporal*.

O PDV “narrativo-vivido” na concepção que estamos apresentando terá com base a *perspectiva na narrativa*, um compromisso com esta; e também a *legitimidade da narrativa*, isto é, compor a credibilidade daquilo que se é contado, e isto deverá ocorrer por meio do estudo da gramática do verbo, mais especificamente pelo estudo da aspectualidade verbal, bem como por meio de outras marcas linguísticas como pronomes e advérbios.

Como dissemos, para entender o PDV “narrativo-vivido” estaremos sempre retomando a temporalidade da narrativa, pois diferentemente do que ocorre nas narrativas clássicas (romances, contos infantis, epopeia, etc.) em que o discurso narrativo quase nunca inverte a ordem dos acontecimentos, nos estudos com narrativas autobiográficas em HIVI, o que menos importa é a ordem em que o fato é contado, pois o que se quer com a narrativa é contar sua história. Porém, concordamos que pode haver uma espécie de grau zero nesse tipo de narrativa também, isto é, o momento em que a história e a narrativa coincidem temporalmente.

Abaixo explicamos o que estamos chamando de PDV “narrativo-vivido” a partir de um esquema visual para melhor compreensão e em seguida apresentaremos um trecho de uma narrativa autobiográfica não analisada nesta tese, mas pertencente a trabalhos anteriores da autora desta.



Figura 10: Diagrama PDV “vivido”



Fonte: Elaborado pela autora desta tese.

No diagrama da acima (Figura 13) retomamos a ideia que já havíamos lançado na discussão sobre a materialização do PDV “narrativo-vivido”, a qual seja: ocorre quando um E1 (Enunciador 1) que traz em sua narrativa suas perspectivas de vida, além do compromisso em apresentar sua história com o intuito de legitimar aquilo que está sendo contado, apresenta seu ponto de vista naquela narrativa vivida por ele sem precisar criar, desenvolver um personagem para contar sua história. Observemos o trecho abaixo de uma narrativa heterobiográfica já usada para exemplificar outras partes deste trabalho.

*“A história é contada basicamente a partir dos meus próprios pensamentos e lembranças. Um pai lidando com a desgraça de um filho. A história não é nem universal nem emblemática. Também não é política, e talvez nem seja ilustrativa. É apenas uma história. Nela descrevo meu próprio drama: eu tinha trazido meu filho de volta à vida e agora tinha que encontrar uma maneira de matá-lo”. (Galli<sup>15</sup>, 2001, p.7)*

<sup>15</sup> Ver as referências.

Podemos perceber com a leitura do trecho o que foi apresentado no diagrama sobre a materialização do PDV “narrativo-vivido”. O narrador utiliza marcas, estas foram destacadas por nós com os retângulos, para apresentar sua perspectiva e compromisso com o que está sendo contado e deixando claro que é sua história e esta pode até não ser universal, mas ele a viveu e pode contar. Destacamos no trecho também com um único traço os pronomes para marcar a legitimidade na narrativa. Além disso, o trecho em destaque com dois traços apresenta características do PDV afirmado que Rabatel (2016) discute, tendo em vista que o sujeito usa o próprio ato de fala, mesmo que se distanciando no momento da enunciação, para imprimir a sua narrativa a legitimidade merecida.

O fato de trazermos um trecho de uma narrativa que não faz parte do nosso *corpus* só ratifica nossa contribuição para os estudos narratológicos biográficos em Linguística, pois o que estamos desenvolvendo na presente tese, é a proposta de que existe um PDV, que definimos como PDV narrativo-vivido e este é responsável por apresentar análises de textos biográficos.

As narrativas que serão analisadas nesta tese são contadas por mães que perderam seus filhos em situações traumáticas e por mortes violentas. Em ambas os filhos foram assassinados. Diferente dos textos que foram trazidos ao longo desta pesquisa também de pais que perderam seus filhos de formas traumáticas, nas que serão analisadas nesta tese, a vida do filho é até contada, o nascimento, mas o desenrolar temporal das narrativas sempre voltam ao fato de tê-los perdido. É a partir das rupturas biográficas que o PDV narrativo-vivido é validado. Por isso, quando falamos em temporalidade na narrativa autobiográfica em HIVI não nos preocupamos com a linearidade temporal, haja vista já é uma característica descrita por nós em textos escritos, contados no âmbito da HIVI.

Voltaremos a apresentar as análises das narrativas autobiográficas a partir das rupturas biográficas no terceiro capítulo da presente tese. Contudo, antes precisamos o percurso metodológico pelo qual passamos para realizar as análises.

### 3 DECISÕES TEÓRICOS-METODOLÓGICAS

*“Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.”  
(Menga Ludke)*

#### 3.1 Aspectos Metodológicos da pesquisa

A Metodologia, segundo Marconi; Lakatos (2001), aborda o maior número de itens de uma pesquisa, já que “responde, a um só tempo, às questões *como?*, *com quê?*, *onde?*, *quanto?*” (MARCONI; LAKATOS, 2001, p. 105). Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que decidimos utilizar para a execução da pesquisa. Também delimitaremos nossa pesquisa quanto ao método de abordagem, ao método de procedimento e análise do *corpus*.

Antes de passarmos à apresentação dos procedimentos, é necessário um esclarecimento sobre a escolha de um capítulo teórico-metodológico tendo em vista que o capítulo anterior foi dedicado à explanação de toda a fundamentação teórica. Por que aludir “a teoria” nesta seção novamente? A explicação reside no fato desta pesquisa se apoiar nos estudos sobre o método interpretativo para desenvolver esta tese.

#### 3.2 O método (auto)biográfico

Esse novo olhar metodológico com os fenômenos sociais, caracterizou, entre outros, o método biográfico em aplicação nas ciências humanas e sociais. Segundo Ferrarotti (2010), faz-se necessário e importante o uso do método biográfico no campo das ciências sociais, uma vez que a biografia pressupõe a construção de um sistema de relações de uma teoria não formal, histórica e concreta de ação social.

Ainda segundo Ferrarotti, em seu artigo intitulado: *Sobre a autonomia do método biográfico* (2010), o autor assinala que a aplicação do método biográfico fez surgir importantes embates teóricos sobre o reconhecimento científico deste

como método autônomo de investigação. De acordo com o autor, este método atendia à exigência de uma renovação metodológica, pois o uso desse método implicaria ultrapassar um modelo mecanicista de análise. Assim, o método biográfico apresenta-se como mediador entre a história individual e a história social, favorecendo uma pesquisa que se eleva do abstrato ao concreto.

Ferrarotti (2010) especifica dois tipos de materiais que podem ser utilizados na abordagem dos métodos biográficos:

a) Materiais biográficos primários: narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, através de entrevistas realizadas face a face;

b) Materiais biográficos secundários: materiais biográficos de toda espécie, tais como: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais e fotografias, cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir a fins de pesquisa.

Há inúmeros trabalhos que utilizam o método biográfico como objeto de análise social. Com exemplo, no âmbito da educação podemos citar Weber (2019) utilizou o método para analisar relatos da identidade de profissionais docentes. Esta autora destaca em seu trabalho a importância dos estudos de Gaston Pineau como aquele que, ainda nos anos 1980, introduziu o método biográfico nas Ciências da Educação com a publicação do livro *Vidas das Histórias de Vida*.

No âmbito das ciências da saúde, Melbeiro e Gualda (2003), utilizaram o método biográfico para analisar as experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde. As autoras perceberam que as gestantes sempre recorriam as suas memórias autobiográficas, as suas experiências e as suas histórias de vida, na condição de manter os resultados dos eventos significativos considerados positivos ou de fazer uma releitura dos eventos tidos como negativos vividos na HU-USP.

Na presente pesquisa, utilizamos o termo o método autobiográfico para designar a modalidade de estudo de história de vida e de narrativas autobiográficas que já apresentamos no capítulo anterior. De uma forma geral, o método autobiográfico ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito que narra a própria história através do relato individual, resgatando na sua memória as relações sociais vividas em sua trajetória histórica ao longo de sua existência.

### 3.3 Abordagem e procedimentos

#### 3.3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa que constitui esta tese caracteriza-se como:

I. Qualitativa: realização de descrição e interpretação dos dados e não a sua quantificação. Maia-Vasconcelos (2005, p. 24) enfatiza que, ao utilizar a pesquisa qualitativa, o pesquisador deve “privilegiar a narração e, por conseguinte, a percepção da dimensão humana mais característica, a fala”. Além da autora citada, consideramos a caracterização de Paulillo (1999) de pesquisa qualitativa pertinente ao nosso posicionamento. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e se caracteriza por aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos de indivíduos e grupos.

II. Interpretativa: interpretação acerca dos fenômenos observados, analisando, à luz das teorias escolhidas, os dados obtidos, com um estudo fundamentalmente interpretativo para a compreensão de fatores que caracterizem e distingam nosso objeto de pesquisa.

III. Explicativa: explicação de como os fatores aspectuais-discursivos atuam nas narrativas autobiográficas, caracterizando o ponto de vista nestas.

IV. Autobiográfica: valorização e estudo do caráter subjetivo do texto, com a leitura de uma realidade a partir do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado.

Antes de continuarmos apresentando os procedimentos, achamos interessante retomar nossos questionamentos e objetivos para melhor contribuir com a leitura dos nossos leitores que se depararão com seção de análises no próximo capítulo.

Assim, como vimos na introdução desta tese, os questionamentos que impulsionaram a presente tese foram: Como o sujeito que conta sua história se posiciona narrativamente a fim de mostrar seu Ponto de Vista (PDV) em suas narrativas? Como se caracteriza circunstancialmente o luto considerando a distinção entre morte violenta e não violenta nas narrativas? De que maneira o estudo do aspecto verbal contribui para a construção de sentido e estrutura do ponto de vista

em narrativas (auto)biográficas de mães enlutadas? Para responder tais questionamentos, tivemos objetivo principal, analisar o ponto de vista narrativo de mães enlutadas que perderam seus filhos por morte violenta considerando a questão da ruptura (MAIA-VASCONCELOS; 2022). Para desenvolvê-lo partimos dos seguintes objetivos específicos: a) analisar o posicionamento narrativo do sujeito ao contar sua história considerando a noção de PDV de Rabatel; b) descrever a distinção entre o luto por morte violenta e por não violenta levando em conta as circunstâncias do evento e a iteração das ocorrências na narrativa; c) analisar o funcionamento das narrativas autobiográficas observando a noção de ruptura segundo Maia-Vasconcelos (2022) e Bury (1982).

### 3.3.2 Procedimentos metodológicos para coleta de dados

De acordo com Bolívar *et al.* (2001), cada modelo de relato narrativo mostra a perspectiva de um eu, no qual se reconhece – em diferentes proporções – partes de uma realidade. Concordamos com o autor, no que diz respeito a importância de analisar as perspectivas que os textos narrativos podem apresentar em uma pesquisa de/em história de vida.

A princípio quando pensamos esta tese, nosso intuito foi selecionar obras na literatura em que pais narrassem uma experiência traumática pela qual eles passaram ao perder seus filhos de forma trágica. Já tínhamos em mente algumas obras, pois já havia sido feito um levantamento deste material para a realização de uma pesquisa PIBIC na UFC em 2009. Contudo deixamos essa alternativa de lado para realizarmos *entrevistas narrativas*, por se tratar de um método que vem sendo bastante explorado em nosso grupo de estudo GELDA na universidade referida.

Este método é um dos principais instrumentos usados em pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. Assim, nessa perspectiva, a entrevista destaca-se como um dos procedimentos metodológicos utilizados pelo modelo qualitativo na produção de dados na pesquisa social.

De acordo com Silva (2015)

A realização da entrevista narrativa, numa pesquisa social, possibilita a coleta de dados sob dois aspectos: a dimensão narrativa do relato e a emergência de um eu social. Ou seja, é uma narrativa na medida em que o

indivíduo conta a sua história em um determinado momento ou situação. Ao mesmo tempo, o eu social surge na particularidade de cada narrativa, representado por um eu individual. Através desta tensão entre o eu individual e o eu social, se (re)constrói a identidade do sujeito que se narra. (SILVA, 2015, p.99-100)

Outra autora que utiliza a referida técnica e a aperfeiçoou foi Maia-Vasconcelos (2005, p. 12) que nomeou a técnica de escuta ao sujeito, por meio de entrevista, como *clínica do discurso*. Segundo esta autora,

a clínica do discurso é uma forma de escuta que valoriza o que o sujeito tem a dizer, o que ele conhece, sobre o que sente, o que espera de si mesmo e de suas habilidades (...). O sujeito é senhor de sua fala e somente ele poderá decidir que palavras o entrevistador vai ouvir de si.

É importante destacar que a autora supracitada atenta para o fato de que, quando um pesquisador, embora com objetivos específicos, presta-se a ouvir a história de vida de um sujeito que se encontra em uma situação traumática, ele abre uma oportunidade para que a pessoa entrevistada expresse os sentimentos, as lembranças e a dor que sente por conta do que ocorreu em sua história de vida. É realmente um movimento de escuta, ouvir para entender e transcender sua posição enquanto pesquisador.

No entanto a realização das coletas demorou mais que o previsto, sendo necessário ser adiada. Porém, no início de 2020 o mundo foi assolado por um vírus que, simplesmente, parou todos os continentes de maneira pandêmica impedindo o contato físico e social necessário para a realização de um procedimento de contato como é o método de entrevista narrativa. Devido à pandemia de COVID-19 foi preciso partir para um plano B e foi solicitado a Silva (2015)<sup>16</sup> para utilizar suas narrativas autobiográficas de mães que perderam seus filhos de forma trágica. A autora concordou e entramos em contato com todas as mães entrevistadas pela autora. Contudo, conseguimos a autorização de duas mães que compuseram o *corpus* da presente tese. Assim, o *corpus* cedido a esta pesquisa foi confirmado por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com essas duas mães. Em caso de desistência, o TCLE será destruído na presença da pesquisadora que cedeu o corpus, e todos os dados a ele relacionados serão excluídos.

Desta maneira, como foi mencionado acima, o *corpus* da presente tese já foi coletado e se trata de um material riquíssimo no âmbito das narrativas de vida. As duas narrativas que foram analisadas por nós fazem parte de um *corpus* que contém

---

6 narrativas de mães que perderam seus filhos pela forma de homicídio. Este foi coletado através de gravações que resultou num total de 285 minutos de gravação. Após o processo de transcrição, que ocorreu com o auxílio de uma equipe de transcritores da empresa Audiotext que Silva (2015) contratou, o *corpus* escrito resultou em total de 138 páginas de textos, organizados em forma de discurso narrativo, que seguiu mais a temática dos fatos do que propriamente a ordem cronológica de acontecimento destes, fato que discutiremos em nossas análises e já tecemos vários comentários sobre essa temporalidade na narrativa em HIVI.

É importante ressaltar que o presente *corpus* serviu a esta pesquisa, pois nosso intuito desde o início foi trabalhar com mães que perderam seus filhos e analisar seus discursos. Contudo, precisamos esclarecer que o presente *corpus* foi analisado a partir do que nomeamos na presente tese de rupturas biográficas, ou seja, a partir do momento em que essas mães perdem seus filhos de forma traumática. As entrevistas realizadas por Silva (2015) foram feitas somente com informantes do sexo feminino, de faixa etária entre 45 e 80 anos de idade e todas as mães entrevistadas eram domiciliadas em Fortaleza. A autora tinha como principal objetivo caracterizar o discurso do luto materno a partir de narrativas de mães que relatam a perda inesperada e violenta de um filho e suas consequências. O estudo da autora mostrou que narrativas de vida de mães que perderam seus filhos vítimas de homicídio apresentam especificações no que diz tange à sequencialidade, à temporalidade, ao uso de princípios de estruturação e à elaboração semântico-discursiva.

Abaixo apresentaremos a composição de cada narrativa de acordo com os dados que nos foram cedidos por Silva (2015).



Figura 11: Disposição dos sujeitos participantes

SUJEITO PARTICIPANTE (MÃE)	IDADE	PROFISSÃO	IDADE DO FILHO FALECIDO	TEMPO DE FALECIMENTO <sup>46</sup>	CAUSA DA MORTE
SP <sup>47</sup> I	58 anos	Dona de casa	18 anos	12 anos	Homicídio por arma de fogo.
SP II	46 anos	Auxiliar em Serviços Gerais	20 anos	03 anos	Homicídio por arma de fogo.
SP III	77 anos	Dona de casa	37 anos	17 anos	Homicídio por arma de fogo.
SP IV	53 anos	Auxiliar em Serviços Gerais	24 anos	02 anos	Homicídio por arma branca.
SP V	55 anos	Diarista	17 anos	13 anos	Homicídio por arma de fogo.
SP VI	39 anos	Cabeleireira	18 anos	02 anos	Homicídio por arma de fogo.

Fonte: Silva, 2015 pp.105-106

Como explicamos acima, apenas duas das seis mães concordaram em conversar conosco e autorizar que usássemos as narrativas em nossa pesquisa. E ambas pediram para não ter que reviver a história da perda de novo. Em uma conversa com Mãe 01 esta foi bem clara: “Gosto muito de falar sobre meu filho, perco a noção do tempo falando, mas não gosto de ter que viver novamente a perda dele. Olha, eu deixo você usar em seu estudo sim, mas não queira que eu conte de novo”. E foi o que fizemos, conversamos com as duas somente para pedir a autorização para usar as narrativas. Uma delas, inclusive pertencia ao grupo de risco da COVID-19 com mais de 70 anos e preferimos não expô-la ao contato, mesmo que com todas as devidas precauções sanitárias tomadas.

Desta maneira, a disposição dos sujeitos que foram utilizadas na presente tese ficará organizada conforme a tabela abaixo:

Figura 12: Disposição dos sujeitos narrativos da pesquisa

SUJEITO NARRATIVO (MÃE)	IDADE	PROFISSÃO	IDADE DO FILHO FALECIDO	TEMPO DE FALECIMENTO	CAUSA MORTE
SN01	77 anos	Dona de casa (DC)	37 anos	+ de 10 anos	Homicídio por arma de fogo
SN02	53 anos	Auxiliar de Serviço Gerais (ASG)	24 anos	- de 10 anos	Homicídio por arma branca

Fonte: elaborada pela autora com base no desenvolvido por Silva (2015).

Para a presente pesquisa, chamamos nossas mães entrevistadas por Sujeito Narrativo (SN). Além disso, *a idade* e *a profissão* não serão variáveis que influenciarão nas análises dos dados. Entretanto, *a idade do filho falecido* e *o tempo de falecimento* deste filho nós enxergamos como variáveis que implicam narrativas com foco na questão temporal e como esta é capaz de construir a narrativa, logo influenciou nas análises no tocante a aspectualidade. Observaremos nas análises no próximo capítulo desta tese.

Resumindo, nesta tese analisamos 2 das 6 entrevistas narrativas do *corpus* de Silva (2015) e estas foram analisadas a partir do momento de ruptura. Tivemos como intuito, apresentar como a presença do PDV “narrativo-vivido” e a aspectualidade pode caracterizar as narrativas autobiográficas de mães enlutadas.

### 3.3.3 Procedimentos e categorias de análises

Este *corpus*, para nossa pesquisa, serviu para fornecer os dados necessários para analisar narrativas que fazem parte do universo composicional das HIVI, por meio do qual defendemos a existência de um PDV narrativo que é capaz de delinear o melhor caminho para que as análises com esses textos sejam mais satisfatória. Para tanto, observamos e analisamos o presente *corpus* à luz das teorias do discurso e do texto a fim de problematizar por meio de duas categorias: ponto de vista e aspectualidade, a potencialidade e sua funcionalidade para análises linguística-discursivas.

Nosso estudo buscou a ocorrência de fenômenos textuais e discursivos na elaboração da estruturação do PDV “narrativo-vivido”, em narrativas autobiográficas. Para isso, tomamos como base pressupostos teóricos referentes ao discurso e ao texto autobiográfico. Por meio de indícios textuais e contextuais, identificamos e descrevemos fatores que caracterizaram a presença de um PDV que é capaz de ajudar nas análises e exposição de pesquisas no âmbito dos estudos em HIVI.

Sob posse do *corpus* composto pelas narrativas autobiográficas das duas mães, submetemos este a três etapas de análises, a serem descritas a seguir, a primeira etapa compreendeu uma caracterização breve de cada narrativa; a segunda etapa compreendeu a uma análise dos trechos das narrativas autobiográficas observando a categoria aspecto verbal, especificamente as ideias de *perfectividade e imperfectividade*, além da relação semântica *telicidade e atelicidade* em trechos do gênero estudado. E a terceira etapa compreendeu a análise dos trechos levando em consideração a categoria PDV, que estar diretamente relacionada à categoria aspecto. Com esta segunda categoria, procuramos analisar como a presença do narrador e seu PDV “narrativo-vivido”, termo que estamos cunhando nessa tese para explicar o fenômeno do PDV em texto biográficos.

Na próxima seção apresentaremos as análises de trechos das narrativas das mães que perderam seus filhos e como esta construção do PDV narrativo-vivido se desenvolve no âmbito dos estudos linguísticos socialmente construídos em narrativas autobiográficas.

## 4 INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

“Eu enxergo os meus sentimentos sempre na tristeza, na lembrança, eu vou levando a minha vida somente na lembrança, e nunca me esqueci desse dia, para mim está acontecendo hoje, a minha vivência é assim”.

Narrativa da Mãe SN01

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos a partir do confronto dos textos escolhidos para compor nosso *corpus* com os conceitos estudados pelo PDV e com as categorias selecionadas para estudar a aspectualidade verbal que delineamos e dos procedimentos metodológicos descritos.

Os próximos parágrafos foram compostos de interpretações e análises que levaram em conta a estrutura do tipo de texto que estamos estudando, levando em consideração as categorias do PDV narrativo-vivido e da aspectualidade verbal que apresentamos anteriormente como sendo elementos que compõe a estrutura de textos biográficos estudados no âmbito das HIVI.

Contudo antes de iniciar as análises, apresentamos uma breve narrativa de cada um dos relatos analisados para que nosso leitor possa conhecer o contexto que motivou a narração dessas mães, apesar de já deixarmos claro desde o início da escrita desta tese que iríamos trabalhar com texto de mães em situações traumáticas.

Para que haja uma melhor compreensão das interpretações feitas acerca dos fenômenos encontrados, ao analisarmos os dados, recorreremos à exemplificação, através de trechos retirados das entrevistas transcritas, em forma de discurso direto, com a finalidade de facilitar o entendimento do leitor. Estes trechos serão enumerados, mas não darão continuidade ao percurso de análise para que não se torne exaustivo e passivo de incompreensão.

### 4. A caracterização das narrativas autobiográficas das Mães

#### 4.1. Caracterização da vida do SN01:

*“Enxergo meus sentimentos sempre na tristeza... nunca me esqueci desse dia, pra mim esta acontecendo hoje, a minha vivência é assim”.*

Esta narrativa trata da dor de uma mãe que perdeu um filho há dezessete anos vítima de sequestro e assassinato por arma de fogo. Os crimes foram cometidos a mando da esposa, também prima de primeiro grau do jovem. Esta mãe teve oito filhos, dos quais seis continuam vivos. Atualmente ela tem 77 anos e sua profissão é dona de casa, como foi descrita no quadro dos sujeitos narrativos desta pesquisa.

Podemos perceber pela pequena epígrafe no início do tópico como a dor provocada pela ausência do filho é enfatizada por essa mãe, independente dos 17 anos da perda desse filho. Ao iniciar sua narrativa, a SN01 trata da infância de seus filhos, elogiando seu esposo e sendo grata pela vida que tiveram. Contudo a mudança de serenidade para um estado de inconformidade acontece quando ela passar a falar da morte de seu filho causada por alguém da própria família, uma prima do rapaz.

*Trecho 01: (...) ele ficou estudando, trabalhando, e lá ele casou com a prima dele que ele conheceu, e essa prima foi o fim da vida dele.*

E o sentimento de revolta começa a crescer à medida que a SN01 vai relembando o momento em que descobriu quem tinha feito aquela atrocidade ao seu filho.

*Trecho 02: Me agravou demais quando eu soube na certeza que era ela, eu estava em pé no telefone, quase que eu dou um desmaio, porque eu não esperava que saísse da parte dela, me agravou muito e está agravando, cada dia que eu penso que ela teve o coração tão duro, um coração tão cruel que manda fazer isso com o próprio esposo, pai dos seus filhos.*

É possível perceber nessa e na outra narrativa analisada, bem como nos textos que estamos analisando desde 2009 como a presença de um ser divino, de uma crença, até mesmo de uma religiosidade marca a caracterização desse tipo de narrativa. Em alguns momentos essa religiosidade é marcada pela dúvida e até pela raiva de não entender o porquê daquilo estar acontecendo naquela família e o discurso: “Por que comigo, Deus”?, “Por que o meu filho”?, “O que fiz de errado

para receber um castigo desses, Senhor”?. Contudo no caso da SN01, a presença religiosa é o conforto, é o que concede força para continuar.

*Trecho 03: Eu consegui porque Deus dá força para gente resistir, tudo que passa na vida da gente, e no fundo consola a gente, e força para gente suportar e superar, até os dias de vida que a gente tiver aqui nesse mundo.*

Pelos trechos destacados e pela narrativa como um todo podemos perceber que a SN01 demonstra possuir certa inconformidade com a perda do filho apesar do longo período já passado, mas não busca recuperar a figura do filho perdido, por que de certa forma ela já organizou as mudanças que ocorreram com o fato, contudo jamais este filho será esquecido.

#### 4.1.2. Caracterização da vida de SN02:

*“Porque ao mesmo tempo em que ele se foi, deixou, assim, um buraco. Ficou um vácuo, ficou aquele espaço dele ali, que eu procuro por ele todo dia e não encontro.”*

Nesta segunda narrativa, a mãe relata a perda de seu filho em decorrência de uma vingança que o assassino tinha com o pai de seu filho. A morte do rapaz ocorreu por inúmeros golpes de faca em um bar, enquanto ambos bebiam juntos. A mãe inicia a narrativa ponderando que sempre teve problemas com o rapaz. Quando criança apresentou caso de dislexia, depois na adolescência foi internado em uma clínica de reabilitação, mas a mãe afirma que mesmo com o problema com drogas desde muito cedo, este não foi o motivo crucial para sua morte. Esta mãe tem 5 filhos, estando 4 vivos. É auxiliar de serviço gerais e separada do marido.

Diferentemente da primeira narrativa apresentada, em que o tempo da perda do filho era de dezessete anos, nesta o tempo é menor apenas três anos. E afirmamos no capítulo metodológico desta tese, que essa variante poderia ser pertinente à discussão e podemos confirmar essa hipótese, pois o sentimento de dor e a revolta da mãe pela perda de seu filho são muito latentes naquela que perdeu seu filho somente há três anos. O ato de narrar o ocorrido é constantemente entrecortado por pausas repletas de choro e suspiros, que extravasam sentimentos ainda bem vivos na memória desta mãe.

*Trecho 04: “Eu sofro demais com isso. Eu não consigo esquecer. Tive que fazer tratamento pra poder voltar a dormir, que eu não conseguia. Abandonei trabalho, abandonei casa, abandonei o resto dos filhos. Porque eu tenho a impressão de que eu tento me colocar na hora que deram aquelas facadas nele, eu fico tentando sentir o que ele sentiu. Isso é muito ruim, é muito desesperador. Eu tenho a impressão que cada facada que ele levava, acho que ele pedia, pedia a ele, não sei.”*

É perceptível a intensidade da dor que essa mãe relata em seu discurso ao ponto de desta mãe corporificar, em sua fala, essa dor ao colocar-se no lugar do filho numa tentativa de sentir cada golpe sofrido. Para Silva (2015) esse comportamento “reflete a típica proteção maternal”, isto é, o fato da mãe querer proteger um filho, mesmo não sendo mais concretamente possível na situação narrada.

*Trecho 05: “Eu sei que o que ele fez com o meu filho foi desumano, porque ele ainda lambeu o sangue do meu filho. Engoliu, ainda, o sangue do meu filho.”*

A utilização do vocábulo “desumano” e da expressão “engoliu o sangue”, no trecho 05, a narradora fortalece a ideia de revolta perante o comportamento do homicida. Por ser um fato bem recente e com requintes de crueldades, o modo como a mãe narra as ações do assassino chama a atenção do ouvinte de maneira, até mesmo, chocante para a compreensão da intensidade de seu trauma. Este relato se assemelha muito ao que falamos anteriormente encontrados na página da BNCC sobre mães que perderam seus filhos de forma violenta.

O que nos leva a retomar o que já observara Charaudeau (2009), ao explicar que um sujeito constrói o discurso em função de seu ponto de vista acerca das circunstâncias narradas. Assim, o objetivo desse sujeito é convencer e chamar a atenção de seu interlocutor para aquilo que pretende expressar de forma mais intensa. Na narrativa que estamos analisando, a mãe expressa veementemente a crueldade da morte do filho e a grandeza do trauma resultante disso.

Da mesma maneira que vimos na narrativa anterior, o sentimento de revolta parece ser abrandado quando a narradora evoca suas crenças e religiosidade. Mesmo que ela queira vingança, ela precisa abandonar esse sentimento, pois é contra as leis sagradas da religião.

*Trecho 06: “No início, eu queria, de coração, que ele pagasse. Eu não queria que ele tivesse morrido, sabe? Porque a Bíblia fala que o salário do pecado é a morte. E, ali, quando ele morreu, ele pagou pelo que ele fez. Eu, realmente, queria que ele tivesse continuado vivo, que ele tivesse ficado preso. Eu cheguei a ficar cara a cara com ele na delegacia e o delegado soltou ele. Me chamaram pra fazer acareação com ele pra depois soltarem. Aí, no dia, eu fiquei com ódio. Mas, como eu sou testemunha de Jeová, eu não posso guardar ódio.”*

Um último ponto que merece destaque na caracterização dessa narrativa é o sentimento de culpa. Na primeira, a narradora não demonstrou, nem nas entrelinhas, esse sentimento. Porém, na narrativa SN02, a mãe demonstra tal sentimento e afirma que tudo ocorreu devido ao fato de ela ter precisado ser pai e mãe da família. Para Maia-Vasconcelos (2003), em uma situação de dor e sofrimento do filho, a mãe tende a sentir culpa e é envolvida por uma mistura de sentimentos como: amor, ódio, negação e superproteção.

*Trecho 07: “Antes, eu me achava uma supermãe. Hoje, eu me olho no espelho e fico sempre, assim, achando que eu podia ter feito mais pelos meus filhos. Eu me sinto incapaz agora. Mesmo sabendo que eu fiz tudo que pude. Mas sempre fica aquela coisa, “Eu poderia ter feito isso, eu poderia ter feito aquilo”. Na semana que ele veio pra cá, pra Fortaleza, eu estava trabalhando. Era na minha semana de trabalho. Aí, eu fico imaginando, “Eu poderia ter abandonado o meu trabalho e ter ido cuidar dele”. Eu sempre fico imaginando coisa. Hoje em dia, eu me culpo de não ter dado mais atenção pra eles.”*

O que nos chamou atenção na leitura e análise dessa narrativa foi o fato de ao se culpar por aquilo que deveria ter feito, a narradora usa em seu discurso expressões com formas verbais no futuro do pretérito composto: **“eu poderia ter feito”** ou **“eu poderia ter abandonado”**. Pelos apontamentos da Gramática Tradicional, o uso deste tempo verbal tem como principal objetivo o de enunciar um fato que poderia ter ocorrido posteriormente a um determinado fato passado, em outras palavras em nosso contexto de análise, a mãe poderia ter cuidado do filho, para que ele não tivesse sido morto. Já havíamos comentado durante todo o corpo desta pesquisa a importância que as formas verbais possuem no desenrolar da narrativa autobiográfica e se levamos em consideração a temporalidade expressa



por essas formas verbais com relação à ideia de ruptura em uma situação traumática, podemos dizer que esta expressão temporal remete-nos ao que, de acordo com Maia-Vasconcelos (2003), podemos chamar de Futuro Imaginário, ou seja, através de sua fala, a mãe mostra um claro desejo de voltar a uma situação conhecida no passado, o filho em vida, como se pudesse ainda realizar algo em prol deste.

A seguir, dando continuidade aos aspectos analíticos da presente tese, abordaremos as questões da temporalidade e mais especificamente da aspectualidade, levando em consideração as categorias já elencadas.

#### 4.2 A caracterização da aspectualidade: SN01 e SN02

De acordo com os estudiosos da narratologia, a primeira característica de toda narração é a descrição de eventos que ocorrem em uma sequencialidade temporal. Entretanto, já foi afirmado nesta tese, a temporalidade nos textos que compõem a escrita biográfica não possui uma linearidade, pois as memórias são vividas e revividas pelos sujeitos a cada situação em que o fato é trazido à tona como numa espécie de *loop* temporal.

Deixamos claro quando explicamos na seção que trata sobre aspectualidade, que esta área de estudo acaba se confundindo com a noção de construção temporal, contudo iremos no deter neste estudo a como as formas verbais e noções aspectuais são utilizadas para marcar a presença de um *loop* temporal quando se trata da construção de um PDV em narrativas autobiográficas, pois por mais que a ação verbal já tenha acontecido no passado, ela não possui um caráter perfectivo quando analisada em textos com escritas biográficas.

Nos trechos abaixo podemos perceber essa construção:

*Trecho 01 (SN01): “ainda hoje eu choro, porque eu não me esqueci da morte de meu filho com 17 anos que se passou, para mim foi ontem, tenho o meu coração traspassado direito, não para a dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento”.*

*Trecho 02 (SN02): Foi muito traumático pra mim, porque, quando ele morreu, na mesma semana morreu a minha mãe. Aí, foi muito traumático pra mim. E, cada vez que eu falo, eu fico realmente muito ruim. Muito ruim. Por isso que eu evito falar.*

Gramaticalmente os verbos na forma de pretérito perfeito indicam um aspecto perfectivo, ação ocorreu no passado e já foi terminada naquele instante temporal. Porém podemos perceber ao analisar os trechos acima que o valor semântico aspectual dos verbos em destaque apesar de estruturalmente apresentarem perfectividade, a ação verbal na linha do tempo para o narrador não acabou, ela é revivida a cada dia.

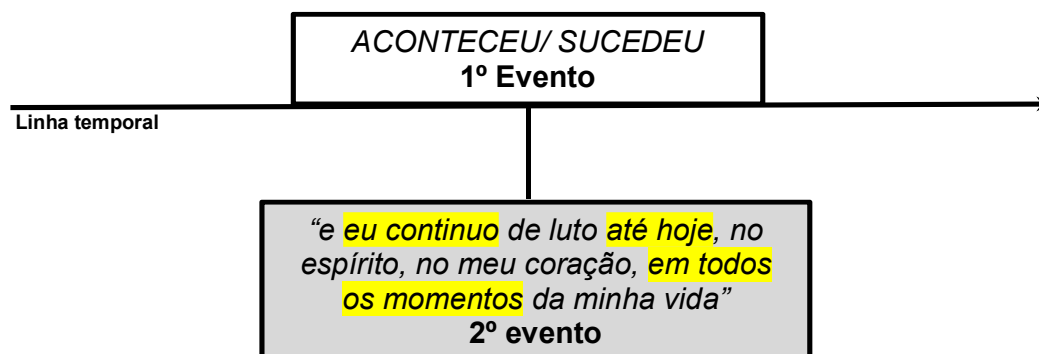
A seguir destacamos mais um trecho e com base nas categorias selecionada de análises: *perfectividade X imperfectividade e telicidade X atelicidade* desenvolvemos um esquema analítico para que seja possível perceber como a construção aspectual do verbo pode nos ajudar a articular a estrutura do que estamos nomeando na presente tese de PDV “narrativo-vivido” encontrado em textos biográficos.

*Trecho 03 (SN01): “foi assim que aconteceu, sucedeu a morte do meu filho, e eu continuo de luto até hoje, no espírito, no meu coração, em todos os momentos da minha vida.”*

*Trecho 04 (SN02): “Porque, (ao mesmo tempo) [00:11:05] que ele se foi, mas deixou, assim, um buraco, pode-se dizer assim. Ficou um vácuo, ficou aquele espaço dele ali, que eu procuro por ele todo dia (e não encontro).”*

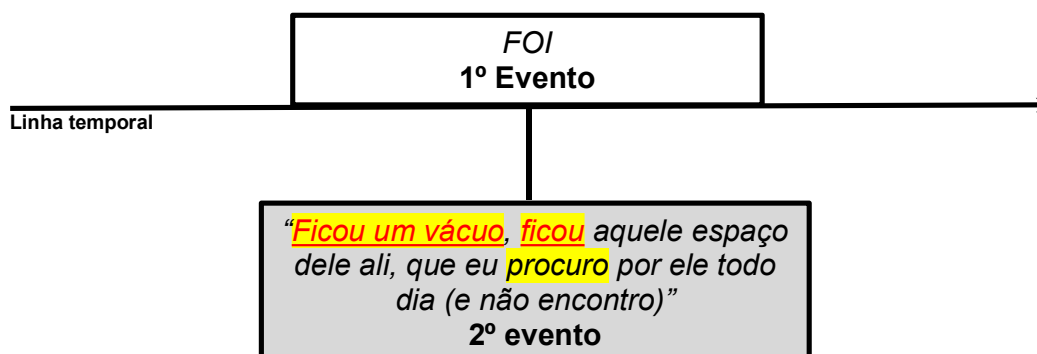
Para analisar os trechos decidimos traçar uma linha temporal dos eventos. As formas verbais destacadas em amarelo nos trechos acima mostram que a ação ocorreu no passado e possui um aspecto perfectivo, isto é, delimitada temporalmente, logo foi acabada. Porém nesta mesma linha temporal outro evento se relaciona ao primeiro, mas este é presente e pode ser caracterizado como contínuo, atético, pois em qualquer momento ele é verdadeiro. Este segundo evento é marcado linguisticamente pelos adjuntos adverbiais: “até hoje”, “todo dia”, “todos os momentos da minha vida”, além do uso do presente do indicativo de modo atemporal. Observemos as figuras 13 e 14, nelas apresentamos a linha temporal de cada um dos trechos das narrativas analisadas.

Figura 13: Linha temporal da narrativa de SN01



Fonte: desenvolvida pela autora desta tese

Figura 14: Linha temporal da narrativa de SN02



Fonte: desenvolvida pela autora desta tese

A linha temporal será utilizada com frequência em nossas análises dos trechos das narrativas, pois acreditamos que haverá uma recorrência de marca de eventos que acontecem ao mesmo tempo na narração das mães. Maia-Vasconcelos (2003, p.87) já havia explicado sobre isso em sua tese, e concordamos com a autora quando ela diz que “história é tempo”, e acrescentamos que além de tempo, é memória e perspectiva aspectual.

Sobre temporalidade, é preciso dizer que o tempo da narração não é o mesmo do fato. Retomamos aqui, para confirmar nosso argumento, o que disse Genette (1989, p.34) quando postula que talvez exista um grau zero da narrativa que seria para o autor “o estado de perfeita coincidência temporal entre a narrativa e a

história”. Contudo o próprio autor não aponta credibilidade sobre essa suposição: “tal estado de referência é mais hipotético que real”.

Continuemos analisando os trechos para perceber a construção aspectual nas narrativas autobiográficas e como esta será importante para consolidação do PDV “narrativo vivido” proposto por nós na escrita desta tese.

*Trecho 05 (SN01): meu esposo já **foi** descansar com Deus, Deus já **levou**, **ficou** eu aqui, sempre insistindo com essa dor, pedindo sempre graças a Deus, força para superar mais e mais.*

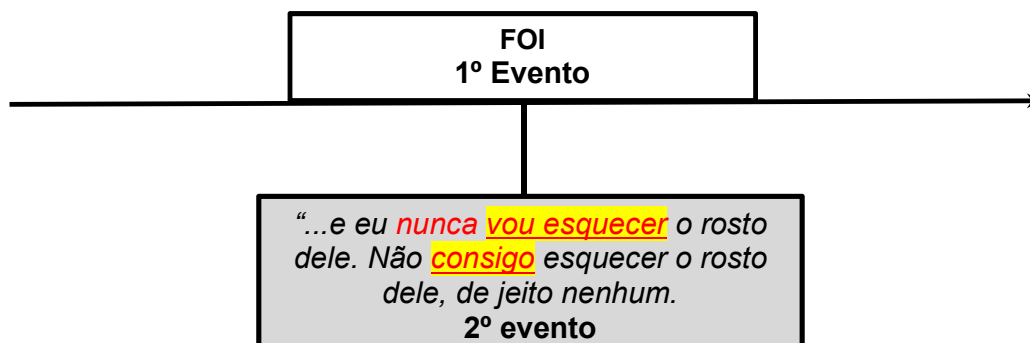
*Trecho 06 (SN02): **Foi** muito traumático. Eu não **esqueço**, não. Eu só vi ele lá no cemitério, na hora, e eu nunca **vou esquecer** o rosto dele. Não **consigo** esquecer o rosto dele, de jeito nenhum.*

Figura 15: Segunda Linha temporal da narrativa de SN01



Fonte: desenvolvida pela autora desta tese

Figura 16: Segunda Linha temporal da narrativa de SN02



Fonte: desenvolvida pela autora desta tese

No trecho 05, as formas verbais perfectivas são utilizadas sob duas perspectivas, uma com valor de ação acabada em *foi* e *levou*, nesta o sujeito enunciator da narrativa expõe que seu esposo não está mais presente ao seu lado e fica subentendido no discurso do enunciator que o esposo não precisa mais sofrer a dor da morte do filho. O outro valor expresso no 2º evento iniciado pela forma verbal *ficou*, a ação se apresenta com uma ideia de continuidade conferindo a esse evento um caráter mais imperfectivo, atético, e o uso do advérbio *sempre* confirma essa ideia de uma ação contínua, que segue sentindo a dor da perda do filho. Situação semelhante que ocorre no trecho 06, em que o 1º evento marcado pela forma verbal *foi* anuncia que a morte do filho quando aconteceu, no passado, marcou essa mãe de uma maneira bastante traumática, porém o 2º evento na linha temporal vem marcar que o 1º evento segue sendo doloroso para ela e o advérbio ***nunca*** contribui para expressar a semântica aspectual do evento que nos aparece como contínuo, atético, o transformando em verdadeiro a qualquer momento que é enunciado.

Genette (1989), em seus estudos sobre o discurso narrativo, apresenta uma categoria que ele chama de *frequência narrativa* e explica que nessa categoria se encontram aspectos essenciais da temporalidade narrativa. Para o autor a *frequência narrativa* seria no nível da língua e compartilhada pelos gramáticos o que este chamam de **aspecto**. Para o autor essa categoria imprime na narrativa ideia de repetição, isto é, um mesmo fato poderá ser falado, retomado, recategorizado diversas vezes em uma única narrativa. E podemos observar que este fato ocorre quando analisamos narrativas autobiográficas estudadas na instância da HIVI. Vejamos os dois trechos abaixo para confirmar nossas afirmações.

*Trecho 07 (SN01): “Mãe sente a tristeza do coração do filho, nem que ela não sabe qual é o tipo de tristeza, mas ela sente”.*

*Trecho 08 (SN01): “... e essas horas foi se passando, e eu muito aflita, chorando, ainda hoje eu choro, porque eu não me esqueci da morte de meu filho com 17 anos que se passou, para mim foi ontem, tenho o meu coração traspassado direito, não para a dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento”.*

Podemos perceber, em ambos os trechos, que a ideia de continuidade construída na narrativa de SN01 se deve ao fato da repetição de ideias e sentimentos vividos e revividos. No trecho 8, quando o enunciador inicia a narrativa informando que as horas se passavam enquanto ele não tinha notícias do filho e isso lhe causava aflição e choro, esse mesmo enunciador repete, reconstruindo temporalmente, porém agora no momento da fala presente, a mesma aflição e choro que sentiu há 17 anos já findados. E permanece repetindo a ideia de aflição e dor e que esta não será marcada por um fim: “*não para a dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento*”.

Sobre o fato Genette (1989) explica

Muito esquematicamente, pode-se dizer que uma narrativa, qualquer que ela seja, pode contar uma vez o que se passou uma vez, *n* vezes o que se passou *n* vezes, *n* vezes o que se passou uma vez e uma vez o que se passou *n* vezes. (GENETTE, 1989, p. 114)

Podemos começar a perceber nas análises das narrativas que a experiência da perda de um filho para uma mãe traz sempre um teor de incompletude, ou seja, a perda em si é relatada como um sentimento contínuo, uma trajetória que durará enquanto viva a mãe for. E o papel da aspectualidade nessas narrativas é exatamente conseguir traçar uma sequência temporal que ajude a desenvolver o contar nesse *loop* temporal vivido por essas mães. Observemos os trechos abaixo:

*Trecho 09 (SN01): Eu vou levando a minha vida somente na lembrança, e nunca me esqueci desse dia, para mim está acontecendo hoje, a minha vivência é assim.*

*Trecho 10 (SN02): Assim, eu não me oponho porque eu sei, você sabe que a Bíblia fala que vai haver uma ressurreição, tanto de justo quanto de injusto. E eu pretendo ver meu filho na ressurreição. Poder abraçar ele de novo. Eu pretendo, de todo coração. Encontrar com ele, com a minha mãe, e abraçar os dois.*

Para que seja possível propor um modo de analisar narrativas autobiográficas, faz-se necessário que desenvolvamos comparações e discordâncias a partir das narrativas analisadas.

Além das categorias das aspectualidade, o outro ponto que analisamos nas narrativas será o ponto de vista que discutiremos a seguir no próximo tópico.

4.3 A caracterização do PDV “narrativo vivido”: SN01 e SN02

Quando pensamos em analisar o PDV nas narrativas autobiográficas queríamos fazer como que nelas fosse percebida a importância que o narrador possui nesse tipo de texto, pois diferente do narrador presente nos estudos literários, apresentado pelo eu-lírico, o narrador em HIVI tem um valor muito mais significativo, pois ele se coloca como responsável por contar sua verdade, sem precisar fantasiá-la, ou extrapolar a verdade como acontece na literatura. Este sujeito se torna autor por meio da circunstancialidade. O narrador em HIVI se apresenta como responsável por contar sua verdade, a partir de seu ponto de vista. Obviamente a verdade aqui mencionada não é uma verdade jornalística e sim a do sujeito que fala, do enunciador da narrativa.

Sobre essa questão da verdade, Vilas Boas (2008, p. 155) afirma que “a ideia de verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade é uma sombra no trabalho dos biógrafos”. Brunner (2014, p. 85) vai além e afirma que, durante um relato autobiográfico, “estamos sempre equilibrando aquilo que foi com aquilo que poderia ter sido”. Não deveria ser uma questão tão discutida por quem analisa esse tipo de narrativa, haja vista a preocupação desse analista é apresentar a composição daquilo que está sendo contado e como o enunciador o apresenta, no nosso caso, como esse enunciador constrói seu PDV.

Na perspectiva que queremos apresentar nesta tese o PDV vai extrapolar a significação proposta por Rabatel (2016) quando ele analisa texto no âmbito do discurso político e explica que o PDV muitas vezes é um fenômeno enunciativo que se aproxima do discurso indireto livre, na proporção em que algumas percepções que não são do narrador são creditadas a ele. A noção que construímos na presente tese, a de PDV “narrativo-vivido” que iniciamos a discussão em páginas anteriores, está muito mais vinculada ao eixo da perspectiva, do compromisso com a verdade que o sujeito constrói ao contar sua história de vida. Novamente, a “verdade” aqui é a verdade do eu que fala e não verdade jurídica ou jornalística.

Dessa maneira, estruturalmente falando, o PDV “narrativo-vivido” desenvolvido por nós na escrita da presente tese, é composto por dois traços, os quais são: **a perspectiva na narrativa e a legitimação da narrativa** e estas garantem a autoridade do sujeito que narra a história, muitas vezes pelo uso dos pronomes, de advérbios de intensidade e modo, principalmente. Vamos observar dois trechos selecionados para explicar a presença do PDV “narrativo-vivido”.

Acreditamos ser pertinente reapresentar a ideia já discutida sobre esses dois traços para melhor compreensão das análises que serão apresentadas posteriormente. Desse modo, o PDV “narrativo-vivido” na concepção que estamos apresentando terá com base a perspectiva na narrativa, um compromisso com esta, falar sobre sua vida; e também a legitimidade da narrativa, isto é, compor a credibilidade daquilo que se é contado sobre a perspectiva da narrativa. Nos estudos da presente tese, a materialização do PDV “narrativo-vivido”, ocorre quando um E1 (Enunciador 1) que traz em sua narrativa suas perspectivas de vida, bem como o compromisso em apresentar sua história com o intuito de legitimar aquilo que está sendo contado, apresenta seu ponto de vista naquela narrativa vivida. Observemos a seguir dois trechos das narrativas do *corpus*.

*Trecho 11 (SN01): Eu enxergo os meus sentimentos sempre na tristeza, na lembrança, e contra ela não tenho mais nada, porque eu já perdoei, eu vou levando a minha somente na lembrança, e nunca me esqueci desse dia, para mim está acontecendo hoje, a minha vivência é assim*

*Trecho 12 (SN02): Mulher, antes, eu me achava uma supermãe. Hoje, eu me olho no espelho e fico sempre, assim, achando que eu podia ter feito mais pelo meus filhos. Eu me sinto incapaz agora. Mas é minha história.*

No trecho 11, SN01 foi questionada sobre como ela se sentia hoje com tudo que aconteceu em sua vida ao perder seu filho. Destacamos o uso dos pronomes como um recurso que mostra que foi aquele sujeito quem viveu a situação. Além disso, uso dos advérbios *hoje* e *assim* ratificam também a relação com a aspectualidade trabalhada no tópico anterior em que na linha do tempo da narração o evento é atético, pois é ilimitado quanto à duração, sendo verdadeiro e vivido a todo o momento pelo narrador. No trecho 12, SN02 foi questionada como se sentia ao olhar no espelho hoje após a perda do filho. E novamente destacamos o uso dos pronomes para garantir a legitimação da narrativa, porém diferente da primeira enunciativa, a segunda se sente culpada, ao ponto de não se achar capaz de continuar a vida, e a linha aspectual aqui é apresentada pelas formas semânticas, o uso dos advérbios: *antes* e *agora*. Mesmo assim, a perspectiva na narrativa apresentada é que sua vida é essa e ela tem consciência que esta é sua história.



A construção do PDV vivido nessas narrativas, ora se apresenta de forma a mostrar que a mãe sempre esteve ali pelo filho, e sempre esteve disponível para ajudá-lo, ora se apresenta de forma que a incapacidade toma de conta da situação narrativa, pois a mãe poderia ter feito mais, sempre fica a ideia de que poderia ter sido melhor. E podemos perceber nos dois trechos apresentados acima essa construção.

Semelhante ao que postula Rabatel (2016) sobre o PDV, nas narrativas autobiográficas é possível perceber que o PDV “narrativo-vivido” também possui um caráter ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que ele participa da construção do mundo narrativo, por meio da perspectiva, isto é, a forma como apresento os referentes do texto, apresentada na narrativa, eles também funcionam como agentes de argumentação por meio da legitimação da narrativa apresentada. É uma qualidade o que o autor atribui aos PDV por ele estudados, de “agente duplo”. Observemos os dois trechos a seguir para continuarmos destacando os dois pontos que constroem o que nomeamos de PDV narrativo-vivido: perspectiva e a legitimação.

*Trecho 13 (SN01): Muita coisa, envelheci mais depressa, adoeci de muitos problemas que eu não tinha, e desse tempo para cá minha vida ela não foi mais aquela como antes, sempre é uma vida de angústia e tristeza.*

*Trecho 14 (SN02): Eu achava que, antigamente, o povo dizia, "não, morreu, acabou". Mas não é assim. Não é, de jeito nenhum. Aí, eu impedi isso de realmente acontecer. De eu excluir ele, deixar ele pra deus. Não quero.*

Em ambos os trechos a perspectiva apresentada nas narrativas é que ao se perder um filho uma mãe nunca voltará a ser completa e essa perspectiva é construída por meios dos seguintes referentes: “minha vida não foi mais aquela como antes”, “mas não é assim...”, “sempre é uma vida de angústia e tristeza”. É fácil perceber como são usadas estratégias argumentativas com o intuito de por meio da perspectiva apresentada, construir também a legitimação da narrativa. Quando SN02 utiliza: “*Eu achava que, antigamente, o povo dizia: "não, morreu, acabou"* para mostrar que esse argumento existe e é aplicado em nossa sociedade,

mas argumenta que não deveria ser aplicado para uma mãe: “*Não de jeito nenhum*” podemos perceber a característica de “agente duplo” dada ao PDV por Rabatel e que também conseguimos visualizar a construção em narrativas autobiográficas.

Outro ponto que encontramos no PDV “narrativo-vivido” é a perspectiva sobre a forma de sentir o luto por mães que perderam seus filhos. No caso das narrativas que analisamos nesta tese, essa perda ocorre por meio de uma situação traumática causada por uma morte violenta. Diferente do que a sociedade tenta passar sobre a ideia de superar, serem fortes e resilientes, os sujeitos de nossa pesquisa deixam sempre claro em seu discurso que a dor nunca será esquecida, a vida parou naquele momento de ruptura. Por isso trouxemos para discussão da presente pesquisa a ideia de rupturas biográficas, uma vez que a linha da vida dessas mães nunca mais será a mesma após a ruptura, a perda. Maia-Vasconcelos (2022) chama esse fenômeno de *Hardening*, ou seja, a autora defende que o sujeito que passa por uma situação traumática, ele “estaciona em um porto de passagem, a partir do qual ele vislumbra toda sua vida e segue vivendo a partir da ruptura”.

O termo *Hardening* tem sua origem e aplicação na Física, e assim como o termo resiliência, é uma característica do metal de se fundir e de se recuperar, porém com algumas diferenças fundamentais. O que Maia-Vasconcelos (2003, 2022) observou foi que os sujeitos que passam por uma situação traumática não se recuperam e seguem “normalmente” a vida, como sugere a ideia passada com o termo resiliência, no processo de choque a frio, que seria o *Hardening* o metal jamais recupera o seu estado original, o que, segundo a autora, acontece com os sujeitos que passam por esses momentos de rupturas.

No trecho a seguir fica claro esse sentimento diante da ruptura, da perda de um filho de maneira tão violenta. O que nos faz retomar a ideia defendida que há uma distinção no discurso de uma mãe que perde um filho por morte violenta de outra que perde um filho por causas naturais ou não violenta. No trecho, SN01 relata o momento em que aguardava notícias do filho, e entrecruzando a linha temporal ela sai do passado para um presente ainda marcado pelo momento da ruptura.

*Trecho 15 (SN01) E essas horas foi se passando, e eu muito aflita, chorando, ainda hoje eu choro, porque eu não me esqueci da morte de meu filho com 17 anos que se passou, para mim foi ontem, tenho o meu coração traspassado direito, não para a*

*dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento.* Quando foi para 11 horas, o telefone toca de (Brasília), dizendo que tinha encontrado meu filho em (Águas Lindas), morto, todo perfurado de bala, nos matos de (Águas Lindas) que é cidade de Goiás.

Com base na leitura do trecho, podemos perceber a presença da PDV “narrativo-vivido” quando SN01 enuncia que por mais que já faça 17 anos da morte de seu filho, para ela o tempo não passou e ela não superou, ela não esqueceu. Concordamos com Maia-Vasconcelos (2022, p.59) quando a autora afirma que não é que não exista superação da dor em caso de perda, mas para algumas pessoas as marcas não se apagam. A ruptura pode até se transformar em um novo começo, mas isso não significa um novo começar, a vida fica parada, enrijecida pela ruptura. No trecho em que SN02 se refere ao momento que tiraram seu filho, a temporalidade volta a passar o evento (presente→passado→presente do passado).

*Trecho 16 (SN02): Matou meu filho sem dó. Agora é só a saudade que fica dele. Não consigo esquecer ele. Sempre que eu chamo os outros pra dentro, pra dormir, eu lembro dele. A hora que ele gostava de chegar em casa, o jeito como ele gostava de me chamar, o outro que perdeu os olhos também me chama. Aí, ele não me deixa esquecer.*

Além do que foi analisado sobre a perspectiva da narrativa e a legitimação na narrativa, um termo com um valor riquíssimo em narrativas orais é o termo “aí”. Gramaticalmente o termo exerce a função, na maioria das vezes que é empregado, de advérbio de lugar. Contudo, discursivamente, o termo ganha outros sentidos. Ainda no *trecho 16* podemos perceber que a ideia contida em seu uso não é lugar: “Aí, ele não me deixa esquecer”. Maia-Vasconcelos (2003; 2022) observou que muitas vezes o termo era um “reduzidor de possibilidades do sujeito”. E o *looping* temporal nas narrativas continuava a aparecer e transparecer.

#### 4.4. Resultados

Conforme conseguimos verificar na interpretação dos dados, algumas variáveis são fundamentais para a particularização da narrativa com rupturas

biográficas. Nos próximos parágrafos, descrevemos como o nível de ocorrência e relevância de cada um destes aspectos auxiliou para a caracterização do objeto de estudo.

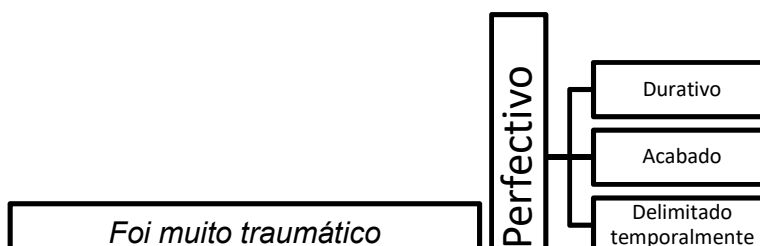
As narrativas autobiográficas que analisamos nesta pesquisa de doutoramento, apresentaram alguns aspectos que para nós são importantes para construir um arcabouço teórico na área da análise linguística de textos narrativos autobiográficos, as quais foram: o PDV narrativo-vivido, a circunstancialidade do evento e as rupturas biográficas. Quando pensamos a tese, hipotetizamos que a aspectualidade seria um recurso que ajudaria na construção de sentido de narrativas autobiográficas e de fato não estávamos erradas, contudo, o que sobressaiu em nossas análises foi a presença do que nomeamos de PDV narrativo-vivido.

Dessa maneira, quando elaboramos os diagramas de linha temporal do discurso das mães que perderam seus filhos, tivemos com foco principal explicar essa alternância de marca de temporalidade, pois enxergamos na categoria **aspecto** uma relação com duração da ação verbal. Diante dos trechos analisados nos deparamos com o fato que desencadeia a iteração e a construção de um discurso em que a ação descrita no discurso ocorre no passado e por isso possui um aspecto perfectivo, isto é, delimitada temporalmente, logo foi acabada. Porém nesta mesma linha temporal outro evento se relaciona ao primeiro, mas este é presente e pode ser caracterizado como contínuo, atético, pois em qualquer momento ele é verdadeiro. Esse evento que é verdadeiro e vívido em qualquer momento foi o que chamamos de **rupturas biográficas**.

Observemos a seguir um trecho em que SN02 comenta sobre o dia em que viu seu filho morto em um caixão. Depois traçamos uma linha temporal para que possamos explicar o conceito de rupturas biográficas cunhado nesta tese que estreitamente relacionado ao conceito de aspectualidade.

Trecho 17 SN02: **Foi** muito traumático. Eu não **esqueço**, não. Eu só vi ele lá no cemitério, na hora, e eu **nunca vou esquecer** o rosto dele.

Figura 17: Linha temporal com a presença da Ruptura Biográfica



### Linha temporal

Como apresentamos na seção **rupturas biográficas**, partimos do conceito de ruptura advindo da Física e este trata de um processo de descontinuidade e desequilíbrio que um objeto sofre ao receber uma determinada força externa. Bury (1982) desenvolveu o conceito em suas pesquisas sobre doenças crônicas. Quando trouxemos o conceito para nossos estudos discursivos em História de Vida também partimos da ideia de um processo de desequilíbrio pelo qual as mães passam ao perder seus filhos e podemos perceber que é por meio da iteração, da repetitibilidade (MAIA-VASCONCELOS, 2022) que o PDV narrativo-vivido dessas mães será construído. Houve uma vida. Com a ruptura biográfica aquela vida que passou não voltará e tudo será revivido por meio do sentimento de perda, de luto pelo filho, em *looping* temporal.

Fica claro no discurso da mãe que por mais que o percurso da linha da vida siga, a sua terminou no momento que houve a ruptura. A história é narrada a partir de seu PDV narrativo-vivido e neste a perspectiva e a legitimidade são peças fundamentais para sua constituição.

Não foi um campo pelo qual enveredamos na presente tese, tampouco tecemos discussões sobre, mas pudemos perceber que a fé marca de forma crucial a presença do apelo divino no discurso de luto. Esta religiosidade, geralmente, aparece quando a mãe, no momento de crise, busca obter força para seguir, mesmo tendo que reviver a cada momento, a cada aniversário, a cada cheiro, a dor da perda de seu filho.

Como dissemos é por meio do PDV que conhecemos a narrativa dessa mãe, por isso o nomeamos neste trabalho de PDV narrativo-vivido. E esse PDV que a mãe constrói para falar de sua perda, de sua dor, acaba mostrando pelo viés da *perspectiva narrativa* uma imagem do filho morto recategorizada. Assim, elevam, na narrativa, as qualidades comportamentais e de caráter do filho, na tentativa de apresentar ao interlocutor o tamanho da injustiça que aconteceu em sua vida. Observemos o trecho a seguir para comprovar o que foi dito.

*Trecho 18: Já o (Eduardo) usava droga, não teve força pra sair. Cheguei a internar ele, e ele não conseguiu. Mas, ele não morreu por conta da droga. Foi pra pagar uma dívida antiga do pai dele.*

O discurso deixa transparecer que por mais errado que o filho fosse, não merecia morrer e não foi morto pelos erros que ele cometeu, mas por erros de outra pessoa. Há momentos que SN02 diz: “O (Eduardo), ele já nasceu com problemas. Ele tinha dislexia. E ele sempre foi muito problemático, desde pequeno... mas não merecia pagar pelos erros de ninguém.” E a mãe sempre esteve ali para ajudá-lo.

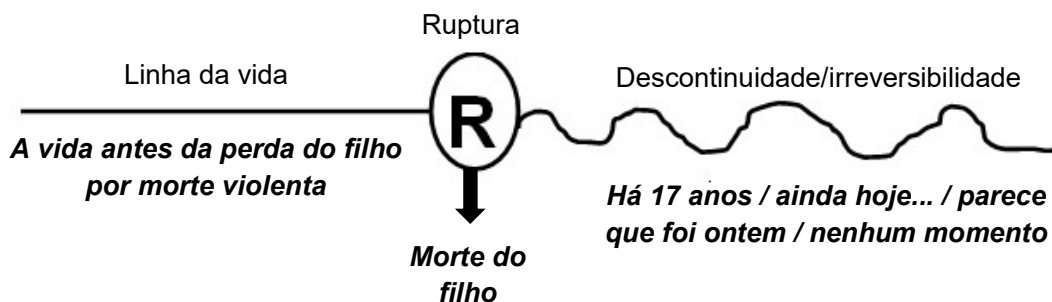
Nos procedimentos metodológicos e apresentação do *corpus* afirmamos que o tempo da morte do filho iria ser uma variável que influenciaria nas análises, haja vista quanto mais recente, mais forte a presença da revolta e da dor e quanto mais distante, mais marcante a iteração do fato, isto é da morte do filho. Vamos observar o trecho a seguir que mostra o aspecto da iteração que trouxemos na tese.

*Trecho 19 (SN01): “...ainda hoje eu choro, porque eu não me esqueci da morte de meu filho com 17 anos que se passou, para mim foi ontem... não para a dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento...”*

Como já dissemos anteriormente este aspecto da iteração está relacionado às rupturas biográficas. Dessa maneira, quando destacamos no trecho acima em amarelo os marcadores temporais eles estão alinhados a ideia de repetibilidade, pois independente do tempo, o evento sempre será vivido com a mesma intensidade por essa mãe. Por isso nas análises de narrativas autobiográficas ocorrerá essa ideia de descontinuidade, pois se rompe a linha da

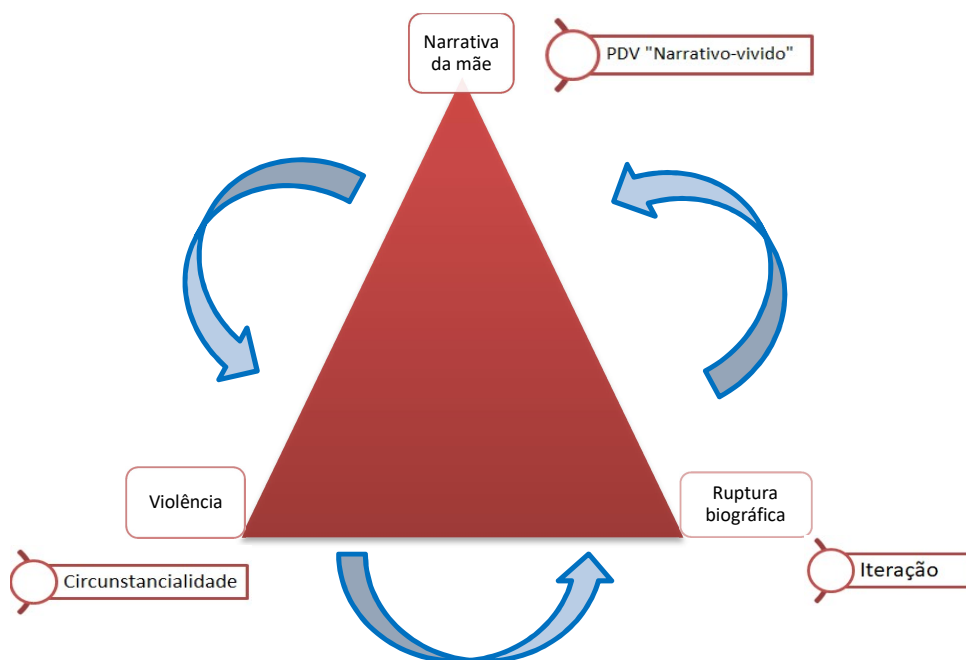
vida; assim como a ideia de irreversibilidade, já que não há como voltar no tempo para esquecer. Observemos a figura a seguir que foi elaborada por nós para explicarmos sobre o conceito de ruptura em nossa tese. Contudo agora mostramos como o fenômeno da iteração pode ser mostrado neste conceito

Figura 18: *Iteração nas rupturas biográficas*



Chegamos a um momento importante na apresentação dos resultados, e estes nos mostraram uma tríade que representa estruturalmente uma narrativa analisada no âmbito dos estudos em HIVI. Essa tríade é composta: **pela narrativa da mãe, pela violência contra o filho e pela a ruptura marcada na perda do filho**. Essa triangulação, que nos permitimos elaborar, servirá para aumentar o arcabouço teórico necessário para pensarmos em uma análise linguística de um texto narrativo autobiográfico. A seguir desenvolvemos um diagrama para explicar desenho. Nomeamos esse diagrama de Circuito Narrativo, haja vista as variáveis que apontamos como peças fundamentais funcionam como um circuito, para compor o ponto de vista narrativo é preciso que a circunstancialidade e iteração estejam presentes para constituí-lo.

Figura 18: Circuito Narrativo



Fonte: Elaborado pela autora da tese.

Observando o circuito da figura 18, podemos perceber que na narrativa da mãe encontramos o que chamamos na presente tese de PDV narrativo-vivido, pois a partir desse PDV que conseguimos analisar o posicionamento desse sujeito que narra sua história. Na outra ponta dessa triangulação, a violência é marcada pela circunstancialidade, que desencadeou essas narrativas e como essas mães, devido à circunstância da perda, resolvem se posicionar a cerca do que ela viveu, se mostrando uma peça fundamental nesse tipo de narrativa. Por fim, a construção do PDV e da noção de iteração que essas narrativas apresentam só é possível devido ao que chamamos na tese de rupturas biográficas, momento chave da vida do sujeito que vai constituir a estrutura em que o evento será narrado. Esses resultados nos permitem concluir que as análises de narrativas autobiográficas marcadas por uma ruptura precisam levar em consideração os aspectos de ponto de vista narrativo, bem como noções de aspectualidade verbal, além de poder contribuir para uma abordagem mais plural do estudo narrativo na área da Linguística.

Como visto, as narrativas autobiográficas de mães que perderam seus filhos de maneira violenta estão repletas de um discurso que passa a ser contado a partir de suas lembranças, iniciando a narrativa a partir dos eventos mais vivos em



sua memória ou que lhes trazem mais emoção. O que nos faz perceber e reafirmar que a estrutura prototípica da narrativa em textos como os analisados nesta tese não segue a ordem canônica do relato. Por exemplo, a resolução, isto é, o desfecho final, é uma parte que não pode ser encontrado nas narrativas analisadas, isto ocorre devido ao que chamamos de iteração, pois a circunstancia do evento é narrada infinitamente, pois esses sujeitos vivem em *looping* temporal narrativo devido às marcas deixadas pela ruptura como já havíamos apresentado anteriormente.

## 5. CONSIDERAÇÕES

A violência em todos os sentidos é um problema que se agrava na sociedade ao mesmo tempo em que parece ser banalizado nas relações humanas, por meio das redes sociais, pelo contato entre camaradas de escola, entre pares no trabalho. O que causaria essa perda de controle das boas relações entre as pessoas, que impulsiona atos violentos sem precedentes? Questões como esta é que nos fazemos todos os dias, talvez, ao ler, nas mídias, notícias de crimes hediondos contra adultos e crianças de forma indiscriminada, por motivos cada vez mais banais: um aparelho celular, um par de tênis, tudo se torna um motivo para matar. Iniciamos assim a conclusão desta tese nos perguntando: quanto custa uma vida? E quanto custa a vida de um filho para a mãe que fica e narra sobre esse ficar?

Em nosso ponto de partida, nos propusemos a investigar o ponto de vista narrativo de mães enlutadas que perderam seus filhos por morte violenta considerando a estrutura de seus relatos e as categorias de iteração (aspectualidade) e circunstancialidade do evento, a partir do olhar teórico de Maia-Vasconcelos (2022). Ainda na introdução desta pesquisa lançamos o seguinte questionamento: *Por que mais um estudo sobre narrativa?* Após o desenvolvimento do trabalho podemos responder tal questionamento sendo preciso levar em consideração um traço essencial do ser humano: somos seres narrativos, nascemos para contar história seja por meio de uma conversa, de uma fofoca, de uma situação informal entre desconhecidos na rua, temos a necessidade de falar. E esta necessidade também se mostra presente quando passamos por situações traumáticas, queremos contar, ou para mostrar que superamos, ou simplesmente para contar o que vivemos.

Acreditávamos quando decidimos escrever esta tese, que o procedimento analítico de narrativas (auto)biográfica proferidas em situação traumática, era constituído por elementos que configuram sua especificidade circunstancial (FREITAS, 2010). Essa categoria circunstancial está, de maneira relativa, para a narrativa assim como o contexto está para o discurso, como defende Maia-Vasconcelos (2022). Assim, tendo em vista que o nosso objetivo principal era analisar o ponto de vista narrativo de mães enlutadas que perderam seus filhos por morte violenta considerando a questão da ruptura e a distinção entre morte violenta

e não violenta precisávamos de um aporte teórico que nos ajudasse a articular uma análise narrativa a construção de um PDV, o que nos levou aos conceitos de ponto de vista narrativo (RABATEL, 2008, 2009), circunstancialidade (MAIA-VASCONCELOS, 2022), iteração dentro dos conceitos de aspectualidade (LIMA, 2009; TRAVAGLIA 2016).

Além disso, também assumimos a noção de discurso presente nos estudos de Bakhtin (2003), bem como abordamos conceitos de escrita biográfica, ponto de vista e concepção de narrativa, a fim de embasar teoricamente a escrita da presente tese. Precisamos retomar que nossa pesquisa não se limitava somente ao estudo das narrativas autobiográficas, mas buscava organizar categorias de análise que pudessem ser utilizadas de maneira mais pluralizada em textos que pertencesse ao arcabouço dos estudos em História de Vida. Por isso, nossa discussão esteve, intimamente, atrelada aos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa do qual fazemos parte, GELDA, e este tem buscado fundamentos teóricos para análise desse campo discursivo como defende Maia-Vasconcelos (2022, p.53), uma vez que para a autora a autobiografia não é um gênero e sim um campo discursivo, “pois envolve uma pluralidade de formações discursivas podendo ser empregado em diversos gêneros textuais”.

No tocante ao percurso metodológico, nossa pesquisa assumiu um caráter explicativo, interpretativo, qualitativo e autobiográfico. Nosso estudo buscou a ocorrência de fenômenos textuais e discursivos na elaboração da estruturação do PDV “narrativo-vivido” em narrativas autobiográficas. Para isso, tomamos como base pressupostos teóricos referentes ao discurso e ao texto autobiográfico. Por meio de das categorias apresentadas: circunstancialidade e iteração, identificamos e descrevemos fatores que caracterizaram a presença de um PDV que é capaz de ajudar nas análises e exposição de pesquisas no âmbito dos estudos em HIVI.

Acreditamos, que as análises nos possibilitaram alcançar os objetivos traçados no início da pesquisa, de modo que poderíamos organizar nossos resultados de acordo com cada objetivo:

- 1- analisar o posicionamento narrativo do sujeito ao contar sua história considerando a noção de Ponto de vista (PDV) de Rabatel;

Sobre o posicionamento narrativo do sujeito, percebemos em nossas análises que as mães têm seu discurso conduzido por uma subjetividade e esta garante que ela possa se posicionar narrativamente sobre os eventos vividos, uma vez ela tem lugar de fala, passou por aqueles acontecimentos. E este posicionamento ajuda as mães a construir conhecimentos, bem como instaura sua identidade. Quando SN02 afirma “antes eu era uma supermãe, mas o hoje eu olho no espelho e fico sempre, assim, achando que eu podia ter feito mais...” O que chamamos de PDV narrativo-vivido se apresenta no momento que esse sujeito reflete sobre sua postura e como a ruptura biográfica o fez mudar de opinião, refletir sobre si.

Uma das principais preocupações da pesquisa era mostrar a presença de um PDV narrativo-vivido e esta definimos com uma estrutura evocada pelos sujeitos das narrativas autobiográficas para apresentar seu ponto de vista da história que será contada. Quando analisamos textos desenvolvidos por meio da escrita biográfica percebemos como os acontecimentos giram sempre em torno de um eixo, haja vista, a vida daquele sujeito que profere determinado discurso, está preso em *loop* temporal em que um determinado evento por meio da circunstancialidade e das rupturas biográficas, marca todo o resto da vida desses sujeitos.

2- descrever a distinção entre o luto por morte violenta e por não violenta levando em conta as circunstâncias do evento e a iteração das ocorrências na narrativa;

Quando resolvemos falar sobre a distinção entre morte violenta e morte não violenta foi hipotetizando que ocorre uma diferença no discurso de quem narra a perda. Além disso, percebemos que algumas ideias emergem do discurso no luto parental, para descrever a distinção entre ambas, por isso foi necessário falarmos de duas dessas ideias que se manifestaram com uma maior recorrência tanto nas narrativas analisadas em nosso *corpus*, como em relatos de mães de uma página da BNCC que também foi mostrado em nossas discussões, as quais foram: o sentimento de culpa e a responsabilização pessoal/outrem. Quando um filho morre, os pais se sentem culpados, (Miles & Demi) e a sua identidade enquanto protetores dos filhos se mostra ameaçada (Young & Papadatou, 2003).

No decorrer de nossas análises também percebemos que o fato de ser o homicídio a causa do luto de nossos sujeitos da pesquisa, a forma com esses

sujeitos sentem e discursivizam essa perda é diferente. E podemos tecer esse comentário, pois já realizamos pesquisas anteriores, em que a perda do filho ocorreu devido a causas naturais. Dessa maneira, foi a partir dessa distinção, que percebemos emergir a categoria de circunstancialidade defendida por Maia-Vasconcelos (2022) em que o sujeito, no caso do estudo em questão as mães, se tornam autor de sua história diante de uma circunstância específica e a partir desta, elas passam a narrar os fatos como uma “designação de sua própria vida”. (MAIA-VASCONCELOS, 2022, p.58.

3- analisar o funcionamento das narrativas autobiográficas observando a noção de ruptura segundo Maia-Vasconcelos (2022) e Bury (1982).

Quando partirmos para as análises das narrativas, deixamos claro que por ser um *corpus* que foi utilizado em outra pesquisa. Para a nossa, o que iria interessar analisar seria a partir do momento de ruptura. Explicamos onde nos apoiamos para explicar tal conceito e com este serviria para, aliado a circunstancialidade, comporia nosso PDV narrativo-vivido. Um dos conceitos que norteou nossas discussões e análises foi o de Maia-Vasconcelos (2003), no qual a autora explicou que o estado de ruptura causa ao sujeito um sentimento de “perda contínua” devido a sua irreversibilidade. E foi exatamente o que encontramos nos discursos articulados pelas mães enlutadas.

E este sentimento de “perda contínua” foi o que chamamos de *iteração*. Travaglia (2012), explica que em língua portuguesa os tempos verbais: presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo são dados como tempos em que o tempo verbal se apresenta como algo que se repete. O autor chama de iteração “o aspecto variante”. Quando explicamos sobre a aspectualidade levamos em considerações algumas categorias que foram pertinentes para construir as linhas temporais desenvolvidas nesta pesquisa. Além disso, pudemos analisar esse aspecto iterativo como um recurso que contribuiu para desenvolver o PDV narrativo-vivido. A iteração nesta tese foi abordada com sabe nos estudos da aspectualidade.

As narrativas autobiográficas que analisamos nesta pesquisa de doutoramento, bem como as que analisamos desde o ingresso na academia, nos mostram que o olhar analítico não pode se limitar a estrutura. Pensar em uma análise linguística de um texto narrativo é perpassa dimensões como Holanda

(2022) observou em sua tese. Para o autor o ato de narrar influencia na organização desses três domínios. Por esse motivo, estudar as narrativas de vida exige uma articulação entre o linguístico, o discursivo e o social. Nosso circuito narrativo também explora um pouco dessa organização que Holanda propôs, contudo desde o início da realização dessa tese de doutoramento, tínhamos uma preocupação em articulá-la aos estudos desenvolvidos no GELDA e contribuir com recursos analíticos para trabalhos futuros no grupo.

Em nossa tese analisamos narrativas de mães, mas nosso intuito desde o início do trabalho foi desenvolver um base analítica que desse conta de textos narrativos no âmbito das pesquisa em História de Vida. O Circuito Narrativo que aqui defendemos pode ser percebido e analisado em qualquer narrativa em que foi vivenciado um trauma, ou como chamamos, uma ruptura. E é possível perceber, mesmo sem as nomeações que atribuímos na escrita deste trabalho, que essa estrutura pode ser reconhecida nas narrativas estudadas no âmbito da HIVI. Para comprovar o que estamos dizendo e generalizar nossos resultados buscamos em *corpus* de pesquisa anteriores desenvolvidas no GELDA o que estamos afirmando.

Por exemplo, Maia (2016) analisou as narrativas tecnoautobiográficas, em que professores precisavam se adaptar as novas tecnologias, o objetivo deste trabalho estava relacionado à construção de um *ethos discursivo*, mas quando lemos algumas narrativas podemos perceber o circuito narrativo que desenvolvemos. Vejamos a seguir:

*“Não sinto medo por não dominar um recurso tecnológico, pois acredito que estamos sempre aprendendo e fico muito feliz quando é um aluno que me ensina a mexer na câmera do meu celular pra que eu possa filmar ou bater uma foto dos trabalhos deles, ou quando os alunos monitores me ensinaram a montar o projetor...Como vê, as vezes são eles que nos ensinam... Tudo isso me traz um crescimento profissional e pessoal, pois vejo que a educação é uma via de mão dupla... Que ensino, mas que também estou o tempo todo aprendendo...”<sup>17</sup> (MAIA, 2016, p. 190)*

Quando esse sujeito se posiciona narrativamente afirmando que sente medo por não dominar um recurso tecnológico, mas que mesmo assim não desisti de aprender e sente feliz ao ter ajuda de um aluno seu para usar a tecnologia efetivamente, temos aqui a presença do PDV narrativo-vivido, faz parte da vivência

---

<sup>17</sup> Trecho retirado da Tese de Maia (2016) - Entrevista clínica de PIEBPL–TAB29. P.190.

desse sujeito esse medo, pois é algo novo e o novo causa essa sensação. E sobre esse algo novo, seria o que nomeamos de ruptura biográfica, uma vez que a tecnologia chega à vida desse sujeito e ocorre a descontinuidade, pois antes não era preciso usá-la e agora precisa se adaptar ao uso. Quanto à circunstancialidade enxergamos a presença no fato desse sujeito ao se adaptar ao uso em seu contexto de sala de aula, mas tendo que levar para sua vida como um todo.

Cientes das lacunas deixadas ao longo do caminho percorrido, para que chegássemos a esta tese, acreditamos que este trabalho, sobre a temática do ponto de vista narrativo, pode suscitar ainda inúmeras as pesquisas, que poderão ser desenvolvidas sob diferentes óticas, em outros campos das ciências linguísticas. Um exemplo, diz respeito a um ponto que gostaríamos de ter aprofundado, a noção que Maia Vasconcelos (2022) já iniciou em seus estudos, a de *Hardening*, pois acreditamos que sujeitos que passaram por uma situação traumática, vivenciaram uma ruptura biográfica não precisam ser resilientes, ser forte e seguir sua vida como se o fato no passado não fosse mais importante. Frases como: “um dia você esquece”, “seu marido queria que você fosse feliz, então viva sua vida” não ajudam esses sujeitos a se sentirem melhor ou querer esquecer o que aconteceu.

Julgamos nosso trabalho relevante e pertinente para o campo das pesquisas linguísticas, tendo em vista que este poderá vir a fortalecer a importância dos estudos narratológicos, levando em consideração as abordagens enunciativas do ponto de vista, bem como estruturais da aspectualidade e iteração.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J.M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J.M. Le prototype de la séquence narrative. *In: Les textes*: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992. p.45-74.
- BAIRD, Julia. **Imagine**: crescendo com meu irmão John Lennon. Trad. Deisa Chamahum Chaves. São Paulo: Globo, 2008.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARTHES *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, Porto Alegre. v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- BRAIT, B. História e alcance teórico-metodológico. *In: FIGARO, R. et al. Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015.
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOLÍVAR, A. *et. al.* **La investigación biográfico-narrativa en educación**: Enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.
- CARDOSO, M. N. F. *et al.* **Autoria narrativa em situação traumática e construção de um depoimento de si a partir do olhar sobre o outro: abordagem científica de autoformação – Primeira Etapa**. Relatório de Pesquisa CNPQ/PIBIC. Fortaleza, 2010.
- CARDOSO, M.N.F. **Responsabilidade Enunciativa e a assunção do ponto de vista do autor em teses de doutoramento**. 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2015.
- CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: 1968
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a.



DELORY-MOMBERGER, C. (2005). **Histoire de vie et recherche biographique em éducation**. Paris: Economica Anthropos.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. I. Magalhães et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio** – Dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARMEZY, N. Vulnerability research and the issue of primary prevention. **American journal of orthopsychiatry**, New York. 1971, 41, 101-16.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Trad. de Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Vega, 1989.

GODOI, E. **Aspectos do aspecto**. 1992. 300f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Instituto de Estudos em Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GONÇALVES, M.A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V.Z. **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: Letras, 2012.

HOLANDA, Samuel Freitas. **O discurso em narrativas de vida hierofânicas: construção do ethos em testemunhos de evangélicos pentecostais**. 2020. 240f - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2020.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre**. Paris: Seuil, 1980.

LIMA, M.C. **A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344**. 2009. 471 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2009.

MAIA-VASCONCELOS, S. F. **Penser L'école et la construction des savoirs: étude menée auprès d'adolescentes cancéreux au Brésil**. 400p. Tese (Doctorat) - Sciences de L Education Université, Université de Nantes, Nantes, France, 2003.

MAIA-VASCONCELOS, S. F. **Clínica do discurso: a arte da escuta**. Fortaleza: Premium, 2005.

MAIA-VASCONCELOS, S. M.; OLIVEIRA, D. M. C. Minha casa não é minha e nem é meu esse lugar: memórias dos idosos ao relato de abrigos de luxo. Gláuks: **Revista de Letras e Artes**. Minas Gerais v. 19, n. 1, p. 101-120, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/143>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MELBEIRO, M.M.; GUALDA, D.M.R. O método biográfico interpretativo na compreensão de experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, REEUSP: 2003 pp. 69-76. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n4/08.pdf> acesso em 14 dez. 2020.

MINAYO, M.C.S. Seis características das mortes mais violentas no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**: Rio de Janeiro, v. 26. 2009.

OLIVEIRA, L. M. de. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo**. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013.

PINEAU, G. ; LE GRAND, J. **Les histoires de vie**. Paris: PUF Que sais-je?, nº 2760, 1993.

PINEAU, G. **As histórias de vida**. Trad.: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. V 1. São Paulo: Cortez, 2016.

RABATEL, A. Schémas, techniques argumentatives de justification et figures de l'auteur (théoricien/ou vulgarisateur), **Revue d'anthropologie des connaissances**. 2010 pp. 505-525.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité... **Langue Française**– La notion de prise en charge en linguistique, n. 162, 2009 pp. 23-27.

SILVA, G. R. da. **O luto materno em narrativas de vida e de morte**: uma abordagem sociológica-discursiva da perda. 2015. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2015.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev. esc. enferm.** USP, 2003, vol.37, nº.2, p.119-126

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

WEBER, V. O método biográfico na investigação das identidades profissionais docentes. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: 2019 pp. 43-56.

WELLER, W. Aportes hermenêuticos no desenvolvimento de metodologias qualitativas. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 287-304, dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3026>. Acesso em: 14 dez. 2020.

WIEVIORKA, M. Quatre figures du nationalisme = la question de la violence. **A paraître dans un ouvrage dirigé par Pierre Birnbaum**. Paris, PUF: 1997.

**APENDICE A**  
**TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA DO SN01**

**TRANSCRIÇÃO**

S1964J2 - Francisca Jônatas 2015-07-29\_16'08'04'

**PARTICIPANTES**

Vozes femininas identificadas: F1

Francisca Rodrigues da Silva

**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

19 minutos e 09 segundos

**MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO**

Padrão

**LEGENDA**

... □ pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] □ palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] □ incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) □ siglas ou nomes próprios.

---

(INÍCIO)

[00:00:00]

F1: Iniciamos a gravação da entrevista com a Sr. (Francisca Rodrigues da Silva), 76 anos, seu filho era (Jonatas Rodrigues da Silva), faleceu aos 37 anos, e há 17 anos que ocorreu o seu falecimento. Dona (Francisca), onde e quando o (Jonatas) nasceu?

Francisca: O (Jonatas) nasceu no Hospital Militar aos 27 de agosto de 1961.

F1: Fale um pouco como foi assim o início da sua família.

Francisca: O início da minha família foi bom, porque eu tive um esposo que se preocupava muito com casa.

F1: Pode falar, estou ouvindo.

Francisca: Todos os anos eu tinha um filho, foi muito bom o nascimento, na infância deles, do nascimento até chegar ao ponto de maior, para mim eu criei esses filhos, mas para mim não sentir nada, o tempo passou muito depressa, hoje eu tenho saudade quando eles eram todos pequenos. E foram estudando, meu esposo foi para (Brasília), lá nós passamos de 10 anos, ele foi logo trabalhando na (Caixa Econômica) como (Office-boy)[00:01:59], voltamos para o (Ceará) ele ficou com o tio dele, e lá em (Brasília) ele ficou estudando, trabalhando, e lá ele casou com a prima dele que ele conheceu, e essa prima foi o fim da vida dele. Bem, casou com essa moça, levou uma vida trabalhando, tanto ela como ele, e estavam bem sucedidos na vida, com um certo tempo eles não se entendiam mais, o tempo quando eu o visitava em (Brasília) eu notava assim a confusão dele, mas eu ficava só aparte, nunca tomei conhecimento. E já passados longos anos, apareceu uma história na vida dela, que ela estava traindo ele, ninguém sabe da verdade, mas ele já muito contrariado, muito triste por essa conversa, ele veio aqui me visitar em (Brasília) já com muitos anos, essa conversa rolando.

F1: Aqui em (Fortaleza)?

Francisca: Aqui em (Fortaleza), que eu já morava aqui em (Messejana). E ele veio com uns dois rapazes, filhos do pastor, para conhecer o (Ceará) que não conhecia, e eu olhava para o meu filho e sentia que o visto dele em era triste, muito triste, ele ria para não ficar sério como os outros, aí eu notava que ele tinha uma tristeza, eu falei para o meu esposo, (João) “o (Pixito)[00:03:50] está com algum problema, mas por quê? Porque presta atenção, o semblante do (Pixito) é triste”. Mãe sente a tristeza do coração do filho, nem que ela não sabe qual é o tipo de

tristeza, mas ela sente, ele veio, passou 3 dias comigo, a gente foi para (Aracati), passamos 3 dias em (Aracati), ele gostou muito. Aí quando voltamos, ele lá no (Aracati) ele falou com o dono da casa, que vinha com os filhos dele passar as férias comigo. E voltar para (Aracati) passar lá uns 15 dias no (Aracati) se o dono consentir, ele disse, então seu (Jonatas) pode vir, a casa está as ordens para o senhor. Tubo bem, ele veio para me fazer essa visita em fevereiro, quando foi em junho enquanto eu esperava ele, pela madrugada às 4 horas da manhã, meu esposo já estava levantado quando o telefone toca, quando o telefone toca a mãe da esposa dele foi quem falou, “(João), como é que está aí?” “Aqui está tudo bem.” “Pois aqui não está não, aqui entraram uns dois bandidos sequestraram o (Jonatas) e a (Lea)”, que era a cunhada dele, aí pronto, eu fiquei muito aflita, não dormi mais, fiquei pensando que meu filho tinha sido sequestrado mesmo, chorando muito e preocupada, ligava para lá e ela dizia que ele ainda não tinha aparecido, não tinha dado notícia. E essas horas foi se passando, e eu muito aflita, chorando, ainda hoje eu choro, porque eu não me esqueci da morte de meu filho com 17 anos que se passou, para mim foi ontem, tenho o meu coração traspassado direito, não para a dor nenhum instante, não me esqueço da dor nenhum momento. Quando foi para 11 horas, o telefone toca de (Brasília), dizendo que tinha encontrado meu filho em (Águas Lindas), morto, todo perfurado de bala, nos matos de (Águas Lindas) que é cidade de (Goiás). E para melhor lhe contar, que essa história foi que a gente pensando, eu liguei para lá, perguntava à ela quem tinha feito essa maldade com o meu filho, ela dizia, não sei, que ela me chamava de tia, não sei tia. Mas quando eu... 11 horas que o telefone toca, que encontraram meu filho morto, eu fui daqui para (Brasília), peguei o avião de 3 horas e cheguei lá, a casa estava cheia de gente, porque ele era muito querido na igreja, muito querido no trabalho, um bom filho, um

bom pai e um bom marido, porque o que ele trabalhava era para dentro de casa, a vida dele era de casa para a igreja e ir para o trabalho. Quando eu chego eu me encontro com o meu sobrinho, aí eu falo, “(Juvenil), quem foi que fez isso com o meu filho?” “Ora, tia, os criminosos estão aqui dentro de casa”, o que isso, não acreditei de maneira nenhuma, de maneira que eu não acreditei que fosse da mulher dele que tinha partido essa intenção de matar meu filho, então vim acreditar em última hipótese, que vim acreditar, mas aconteceu, foi ela que reuniu toda a família para vir buscar o meu filho às 11 horas da noite para levarem, para matar em (Águas Lindas), e foi assim que aconteceu, sucedeu a morte do meu filho, e eu continuo de luto até hoje, no espírito, no meu coração, em todos os momentos da minha vida. Então essa é a minha história que eu tenho que contar da morte do meu filho.

F1: O que mudou na sua vida desde que isso aconteceu?

Francisca: Mudou muita coisa, eu fiquei um pouco triste, abatida, emagreci muito depois disso, adoeci, e até hoje continuo doente, triste e chorando a morte do meu filho.

F1: E na família, assim, o seu marido, com os seus irmãos?

Francisca: Meus irmãos ficaram tudo aflito, o meu marido também ficou muito aflito, emagreceu demais também, foi quando ele começou a adoecer do coração também, não existe tempo, deste abalo que a gente não esperava isso na família, aconteceu. E a minha história que eu tenho que contar é essa daqui.

F1: Quando a senhora se olha no espelho, vê toda a sua vida com essa marca, da perda desse filho, como é que a senhora vê todos esses acontecimentos? O que isso ocasionou de mudança no curso da sua vida?

Francisca: Muita coisa, envelheci mais depressa, adoeci de muitos problemas que eu não tinha, e desse tempo para cá minha vida ela não foi mais aquela como antes, sempre é uma vida de angústia e tristeza.

F1: E como é que a senhora conseguiu tocar para frente, apesar disso?

Francisca: Eu consegui porque Deus dá força para gente resistir, tudo que passa na vida da gente, e no fundo consola a gente, e força para gente suportar e superar, até os dias de vida que a gente tiver aqui nesses mundo.

F1: O fato da pessoa que matou o seu filho ser da sua família, isso agravou? Como o foi o fato de ela ser esposa, e ser da família?

Francisca: Me agravou demais quando eu soube na certeza que era ela, eu estava em pé no telefone, quase que eu dou um desmaio, porque eu não esperava que saísse da parte dela, me agravou muito e está agravando, cada dia que eu penso que ela teve o coração tão duro, um coração tão cruel que manda fazer isso com o próprio esposo, pai dos seus filhos.

F1: E o seu esposo, como é que ele reagiu a esse trauma?

Francisca: Ele reagiu, ele era muito calado, ele não falava nada para ninguém, mas a gente notava a fisionomia dele, que ele estava muito triste, abatido, emagreceu muito, e começou a também ficar doente, e sempre ele ficou resistindo no coração essa dor, como eu também até hoje estou resistindo, mas meu esposo já foi descansar com Deus, Deus já levou, ficou eu aqui, sempre insistindo com essa dor, pedindo sempre graças a Deus, força para superar mais e mais.

F1: Certo. E os filhos do (Jonatas), a senhora consegue ver o (Jonatas) nele? Os filhos do seu filho que faleceu.

Francisca: Sempre vejo, porque todos anos eu vou à (Brasília), e um mora com uma filha minha, a outra mora no canto dela, que alugou uma



(kitnet)[00:12:11] para morar. E eles sofreram muito, se abateram muito, mas estão levando a vida, tocando a vida, uma está estudando, o outro está trabalhando, e estão levando a vida do jeito que Deus permite.

F1: Certo. A questão de como se desenrolou depois da morte do (Jonatas), o que ocorreu? Houve algum julgamento, houve algum desenrolar desse crime, ou foi investigação mais profunda?

Francisca: Não, esse crime ele passou uns 6 meses para ser descoberto, que realmente tinha sido ela, por quê? Porque em (Brasília) com 6 meses que mataram ele, também houve um assalto lá perto da casa dele, e a polícia chegou e pegou os assaltantes, aí bem, agora vocês vão pagar pela morte do (Jonatas), e teve um deles que disse, não foi a gente, mas nós sabemos quem foi, mora em (Águas Lindas) eu sei onde ele mora, então vamos lá. Aí foi descoberto verdadeiramente que tinha sido ela, até aí ela estava suspeita, mas uma suspeita assim quase verdade. Quando a polícia chegou pegou os 2 bandidos, e os bandidos confessaram tudo, que ela tinha ajustado com ele para dar R\$ 1 mil, R\$ 500,00 a cada um, para irem apanhar ele na casa dele e levá-lo para onde fizeram o crime. E ela passou 3 meses presa, colocou um advogado, como era primária, arrumou direito de esperar o julgamento em liberdade.

F1: O julgamento. Uns 3 anos?

Francisca: Esse julgamento veio acontecer com 3 anos, depois que foi descoberto, foi que ela foi julgada, foi condenada a 8 anos e fugiu, passou muitos anos, mais uns 4 anos fugida da polícia, mas minha família procurando na internet.

F1: Na internet.

Francisca: Encontrou o endereço dela que estava em (Goiânia), sendo professora em um povoadozinho, como ela já tinha ordem de prisão, meu filho que é advogado, arrumou um delegado que era conhecido

dele, chegaram lá e deram voz de prisão à ela, e ela está com 2 anos que está presa lá em (Luziânia), no presídio lá, porque (Luziânia) pertence a (Goiás).

F1: A senhora tem sensação de justiça com isso?

Francisca: Não, antes de ela ir presa eu tinha no meu coração muita tristeza e mágoa dela, mas eu confessei a Deus, que no dia que (Joselice) fosse presa para cumprir o que ela estava devendo, eu perdoaria tudo à ela. Isso aconteceu, está pagando o que está devendo, e eu já perdoei, porque se eu não perdoar Deus também não me perdoa a mágoa que eu tenho dela, certo?

F1: Certo. E hoje, como é que a sua família trata de assunto, quando vocês se encontram, como é que esse assunto circula no meio de vocês, e falam sobre o (Jonatas)?

Francisca: Esse assunto quase não é mais comentado, porque eles ficam só com eles mesmo, mas quando fala esse assunto, muito difícil falar, comentar a morte dele, aí sente muito ódio dela, ninguém quer saber notícia dela, o filho dela que sempre alguma vez me vai visitar, mas é muito difícil ele ir, que até o filho também ele é um pouco triste, calado nessa parte, mas no fundo a gente vê que ele sente também a morte do pai.

F1: Certo. E dona (Francisca), a senhora acha que a educação do (Jonatas), com o modo que ele foi criado, influenciou um pouco nessa trajetória de vida dele?

Francisca: Bem, ele foi criado estudando e também ele era muito trabalhador, com uns 14 anos o primeiro trabalho dele, ele foi trabalhar e daí ele não ficou trabalhar assim avulso, até que foi embora para (Brasília), e lá colocaram esse comércio eles dois, e estavam bem sucedidos na vida, ele mais ela estavam bem sucedidos na vida, quando partiu essa tragédia da parte dela, fazer isso com o meu filho.

F1: E para encerrar eu queria que a senhora fechasse assim, como é que a senhora vê tudo isso de uma forma em geral, hoje como que sente, como é que é a sua vida hoje? Como é que a senhora enxerga, vamos dizer assim, o seu sentimento, apesar de tudo isso que a senhora passou?

Francisca: Eu enxergo os meus sentimentos sempre na tristeza, na lembrança, e contra ela não tenho mais nada, porque eu já perdoei, eu vou levando a minha somente na lembrança, e nunca me esqueci desse dia, para mim está acontecendo hoje, a minha vivência é assim.

F1: Obrigada dona (Francisca). Encerramos a entrevista, às 16 horas e 26 minutos, hoje dia 29 de julho de 2015. Obrigada.

[00:19:09]

**APENDICE B**  
**TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA DO SN02**

TRANSCRIÇÃO  
S2075J2 - Ayla | 2015-07-31\_10'29'28'

**PARTICIPANTES**

Voz feminina identificada: F1 e F2

Ayla

**TEMPO DE GRAVAÇÃO**

40 minutos e 24 segundos

**MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO**

Padrão

**LEGENDA**

(inint) [hh:mm:ss] □ palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] □ incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) □ siglas ou nomes próprios.

**INÍCIO**

[00:00:00]

F1: Iniciamos a entrevista com a senhora (Ayla Maria da Silva Ferreira), de 53 anos, mãe do seu filho falecido (Antônio Eduardo da Silva Ferreira), de 24 anos, e há 2 anos do seu falecimento. Pronto. Onde e quando o (Antônio Eduardo) nasceu?

Ayla: Ele nasceu aqui, em (Fortaleza) mesmo. (inint) [00:00:24].

F1: (E quando?) [00:00:26]. Certo.

Ayla: (inint) [00:00:31]

F1: Não, fique à vontade, (inint) [00:00:32]. Respire, o tempo é todo seu.

Ayla: O (Eduardo), ele já nasceu com problemas. Ele tinha dislexia. E ele sempre foi muito problemático, desde pequeno. Até tentei livrar meu filho, tirar ele desse meio. Eu consegui internato pra ele, com a ajuda das minhas irmãs. A gente tinha que manter o local onde ele estava com cesta básica, essas coisas. Não tinha dinheiro. E a gente fez, a família se juntou pra ajudar, lá, a instituição, mas ele não aguentou e fugiu,

sabe? Aí, foi pro interior (inint) [00:01:25] 2 semanas no interior. Aí, a semana que eu recebi a notícia de que ele tinha vindo embora de lá pra cá a pé. Eu não cheguei nem a ver ele. Ele ainda passou pela casa do irmão, que, hoje, se sente culpado (inint) [00:01:40]. Ele (mesmo dizia) [00:01:41], que ele diz que, se ele tivesse ficado com ele, tentado conversar com ele, que ele já vinha embriagado de lá pra cá, talvez estivesse vivo. Mas (inint) [00:01:53] tem que acontecer e tem que aceitar. Aí, um criatura que teve um desafeto com o pai dele, há 10 anos atrás, da época da morte dele, tinha tido uma discussão com o pai dele, prometeu que ia tirar a vida de um deles. E esse criatura perseguiu o (Henrique), que era o irmão dele, por muito tempo. E fui pra delegacia, ele chegou a botar o (Henrique) no hospital e tudo. Mas, aí, ele matou alguém, fugiu, quando ele voltou, encontrou o (Eduardo) já viciado. Aí, ele chamou o (Eduardo) pra beber, o (Eduardo) foi. Deu muitas facadas (nele) [00:02:39]. (Deu muitas) [00:02:41] facadas no meu filho. (Tudo que ele tinha pra cortar, ele enfiou) [00:02:43] a faca. Matou meu filho sem dó. (Por conta de raiva que ele tinha) [00:02:50] do pai dele. É como se tivesse (inint) [00:02:55]. Eu sofro demais com isso. Eu não consigo esquecer. Tive que fazer tratamento pra poder voltar a dormir, que eu não conseguia Abandonei trabalho, abandonei casa, abandonei o resto dos filhos. Porque eu tenho a impressão de que eu tento me colocar na hora que eles deram aquelas facadas nele, eu fico tentando sentir o que ele sentiu. Isso é muito ruim, é muito desesperador. Eu tenho a impressão que cada facada que ele levava, acho que ele pedia, pedia a ele, não sei. Teve gente lá que disse que pediu pra não matar ele, porque ele tinha um filho. (O outro foi, o que não foi que matou) [00:03:44] disse que também tinha um filho, que não sei, (que não fosse por aquilo) [00:03:47] não ia ter pena dele, não. Matou meu filho sem dó. Agora é só a saudade que fica dele. Não consigo esquecer ele. Sempre

que eu chamo os outros pra dentro, pra dormir, eu lembro dele. A hora que ele gostava de chegar em casa, o jeito como ele gostava de me chamar, o outro que perdeu os olhos também me chama. Aí, ele não me deixa esquecer. Na hora da alimentação, é a hora mais ruim, porque eu vou botar a janta, eu sempre boto a dele. Não consigo esquecer. De jeito nenhum.

F1: A senhora bota o prato dele na mesa.

Ayla: Toda vida. Toda vida. E quando eles saem de casa, que eu chamo por um, o nome dele sempre é o primeiro que vem. Não consigo esquecer. E isso (maltrata demais) [00:04:37], porque, por conta disso, eu não consigo mais trabalhar direito. Abandonei emprego. Foi muito traumático pra mim, porque, quando ele morreu, na mesma semana morreu a minha mãe. Aí, foi muito traumático pra mim. E, cada vez que eu falo, eu fico realmente muito ruim. Muito ruim. Por isso que eu evito falar. Procuro meios de não me lembrar. Porque cada vez, fico até doente.

F1: (Sério?) [00:05:07]

Ayla: Cada vez que eu lembro dele. É muito difícil. Sem contar que eu fui mãe e pai pra ele. Quando o pai dele, eu fiquei sozinha com eles, tinha que trabalhar, eu tinha que me desdobrar pra tomar conta deles, educar e alimentar, vestir.

F1: Que idade tinha o (Antônio Eduardo) quando o pai dele foi embora?

Ayla: Tinha 11 anos.

F1: 11 anos.

Ayla: Foi justamente nessa época que ele brigou, lá, com umas criaturas, desafetos. E ele, depois, ele matou uma criatura e fugiu. Quando ele voltou, 10 anos depois, ele vingou a raiva que ele tinha do

pai dele nele. Até pensei, assim, que, como ele era viciado, eu até pensei que ele fosse morrer por conta de drogas. Porque, pelo fato de ele ter dislexia, ele também era muito impulsivo, ele fugia. Ele cansou de ir pro (Maranguape) a pé, pra sair de casa, pra se sentir livre, pra (poder usar a droga) [00:06:15]. Aí, ele fugia de casa, e eu ficava desesperada. E passava 15 dias desaparecido, e eu saía correndo atrás como louca, largava tudo, largava o emprego, pra procurar por ele, pra trazer ele pra casa. Aí, hoje, eu fiquei com trauma e outros, hoje, tão sofrendo. Porque eu quero proteger os outros, eu tenho medo. Ainda ontem, um deles ficou brigando comigo, porque já era tarde da noite e eu queria entrar e ele queria ficar com os amigos. Aí, eu fiquei chamando ele pra dentro de casa, ele disse que eu estava tratando ele como se ele fosse uma criança, e, na verdade, ele já tem 23 anos. Aí, eles ficam com isso. Eu fico com trauma também porque os cuidados que eu tinha com o (Eduardo), que eu corria mesmo, eu corria atrás, eu saía na madrugada atrás dele. Eu ia mesmo. Aí, os outros agora estão sofrendo, porque eu vou também atrás. Apesar do outros não fazerem o que ele fazia.

F1: Aquela sensação de proteger mais ainda.

Ayla: É. Aí, eu quero proteger. Aí, acabo arrumando contenda. Porque eles ficam com raiva, (diz as coisas) [00:07:25] comigo. Porque eu corro atrás de proteger. E qual é a mãe que não quer proteger o seu filho? Apesar de não serem mais nenhum, nenhum são criança, mas eu fico sempre naquela sensação de que vai vir alguém que vai matar, que vai bater, sabe? E (inint) [00:07:45] pra eles. É isso.

F1: Quantos filhos a senhora teve?

Ayla: Tive 5.

F1: 5. E hoje tem 4.

Ayla: Hoje, tenho 4.

F1: Certo. Como foi, assim, a criação deles? A infância? Principalmente a do (Antônio Eduardo). Assim, a infância, porque ele tinha esse problema de dislexia, a senhora falou. E como era, assim, o relacionamento dele com as outras crianças, com os irmãos?

Ayla: O (Eduardo), ele sempre foi muito impossível. Muito. Até tentei fazer um tratamento dele lá no hospital infantil de (Maranguape), mas, aí, quando o hospital foi desativado, o tratamento dele foi parado. Ele dava ataque horríveis. Mas ele sempre foi muito, muito, muito danado. Ele tinha, assim, uma espécie de hiperatividade também, sabe? Ele não ficava quieto. Ele dormia pouquíssimo. Aí, ele deu ataque até à idade de 7 anos. Ele dava ataques horríveis. E, depois disso, ele tinha, assim, momentos de transe na vida dele. Ele ficava, tinha hora que a gente pensava que ele estava parado, sabe? Ele estava vendo estava vendo tudo. Ele só não conseguia, eu não sei que tipo de problema era aquele, ele ouvia tudo, ele não via aquilo que estava passando na frente e nem o que ele estava fazendo. Na verdade, ele ficava tipo parado, assim, sabe? Aí, uma vez eu levei ele pro neurologista, o neurologista disse que era uma espécie de epilepsia que ele tinha também. Que, na hora que ele dava aquilo ali, podia fazer o que quisesse com ele que ele não estava percebendo nada. Mas ele sempre foi muito, assim, foi muito doente. Mas, também, era muito danado. E ele era o mais, assim, agressivo.

F1: Desde pequeno.

Ayla: Desde pequeno. Desde pequeno, ele era agressivo. O negócio dele é que, quando ele queria dizer, ele dizia, não queria saber. Quando ele queria fazer, ele fazia, não queria nem saber. E sempre eu dei mais atenção a ele justamente por conta disso. Porque o médico que tratou ele, o doutor (Luiz), (lá de) [00:09:49] (Maranguape), ele falou que ele sempre ia fazer o que ele queria. Porque, como eu não iniciei o



tratamento dele quando ele nasceu, (esse tratamento) [00:10:00], porque eu só vi descobrir que ele tinha essa epilepsia e essa dislexia quando ele já estava grande. A dislexia, eu descobri quando eu botei ele no colégio e ele não aprendia, de jeito nenhum. Ele não aprendia. Ele era sempre muito agitado no colégio ele não tinha paciência de ficar sentado pra aprender. Aí foi que eu levei ele pro psicólogo, o psicólogo disse que ele tinha a dislexia e que eu ia ter que ter muita paciência com ele. Mas eu não podia, eu não tinha tempo, porque, ou eu trabalhava pra alimentar ele, porque o pai dele é alcoólatra, ou eu trabalhava pra sustentar eles, pra (manter) [00:10:40], pra ter uma casa, ou ia cuidar dele e eles iam passar necessidade. Aí, eu não tinha opção. Eu não tinha opção. Ou eu trabalhava pra alimentar, ou eles passavam fome e eu ficava com eles. E eram 5. Aí, toda vida foi muito, muito, muito difícil pra mim. Continua sendo. Porque, (ao mesmo tempo) [00:11:05] que ele se foi, mas deixou, assim, um buraco, pode-se dizer assim. Ficou um vácuo, ficou aquele espaço dele ali, que eu procuro por ele todo dia (e não encontro) [00:11:18]. Até porque, apesar de todos os problemas que ele me causava, eu preferia que ele estivesse aqui.

F1: Ele absorvia muito da sua atenção.

Ayla: Exatamente. (Preferia que ele estivesse aqui com os irmãos dele.) [00:11:34] Assim, eles brigavam entre si, porque irmãos brigam, mas sempre foram muito amorosos uns com os outros. Comecei a trabalhar cedo, o mais velho só tinha 8 anos. E o mais velho ia tomando conta deles. E eles se criaram assim.

F1: O (Antônio Eduardo) era dos mais novos?

Ayla: Era dos mais novos. O (Eduardo) era o penúltimo.

F1: Então, ele foi, tipo, criado pelos irmãos, assim.

Ayla: Pelos irmãos. E eles eram, assim, sempre eles brigam, porque não tem irmão que não briga, que não discuta entre si. Mas sempre, assim, quando (um está) [00:12:16] com um problema, os outros estão querendo ajudar. (inint) [00:12:22].

F1: E como a senhora tem vivido? Conseguiu, assim, levar, depois disso?

Ayla: Eu (não estou levando) [00:12:31], não, eu estou deixando o tempo me levar. Porque, se for por mim, eu não vou, não. Eu não vou, não. Aí, eu parei de trabalhar, tive que sair do trabalho, porque eu fiquei com uma depressão, e eu tomava conta duma pessoa que tinha (Alzheimer). E você sabe que a pessoa que tem (Alzheimer), ela sempre é agressiva, e eu fiquei com medo de não responder pelos meus atos e fazer alguma coisa com a bichinha, que ela não tinha culpa dos meus problemas. Aí, pedi pra sair. Aí, depois, fui pro (CAPS) fazer tratamento. Aliviou, já consigo dormir, já consigo conviver de novo, porque eu fui pro interior, pra não ter que estar junto ali, com todo mundo. Porque tudo me lembra muito ele. Já agora que eu voltei, está com 3 meses que eu voltei, e estou morando ali de novo, porque, antes, eu não conseguia nem passar perto.

F1: Ali, onde a senhora morava antes?

Ayla: Sim. Mas eu não conseguia nem passar perto. Aí, agora, eu fiquei com aquela coisa, a sensação de que tem sempre alguém querendo fazer alguma coisa, sabe? Ou comigo, com eles.

F1: Entendi.

Ayla: Porque esse criatura, ele perseguiu a gente, chegou a arrombar a minha casa, arrombou a minha casa uma vez, quebrou a cabeça do (Henrique), que é um dos irmãos mais velhos do (Eduardo). Aí, assim, foi uma perseguição na minha vida. Eu estava trabalhando, no meio do trabalho tinha que sair pra ir pra delegacia, porque ele chegou até a

arrombar do quarto lá de casa, atrás de matar o (Henrique), o pai dele. E tudo isso era (problemas só) [00:14:14] pra mim, porque era eu que tinha que sair do trabalho, era eu que tinha que resolver. Mas nunca, nunca, eu jamais imaginei na minha vida que algum dia ele fosse fazer alguma coisa com o (Eduardo). Porque, na época, o (Eduardo) era criancinha, tinha 11 anos. Nunca, jamais eu imaginei que ele fosse fazer isso.

F1: Certo. E os irmãos, como é que lideram com essa situação?

Ayla: Eles evitam falar.

F1: É?

Ayla: Eles evitam. Eles sofrem muito também com isso. O (Everton), que era, assim, mais apegado a ele, porque o (Everton), quando ficou cego, ficou cego dum tiro, e ele prometeu pro (Everton) que ia ser os olhos do (Everton). Aí, pra onde o (Everton) ia, ele ia. Pra onde ele ia, o (Everton) queria ir, ele levava, ele (conduzia) [00:15:05], o (Everton). O (Everton) é o que sente mais falta dele. E, por conta disso, ele sofre muito hoje.

F1: Por causa da ausência.

Ayla: Da ausência. Porque, quando o (Everton) ficou cego, ele levava o (Everton) pra onde o (Everton) queria ir, ele levava. Ficou, sei lá, realmente os olhos dele. E, quando ele morreu, ficou o vácuo na minha vida e na do (Everton).

F1: Quando a senhora se vê no espelho, assim, que tipo de mãe a senhora se vê? O que a senhora vê, assim? Você olha pra (Ayla), hoje, tá aqui, no espelho, o que você conta?

Ayla: Mulher, antes, eu me achava uma supermãe. Hoje, eu me olho no espelho e fico sempre, assim, achando que eu podia ter feito mais pelo meus filhos. Eu me sinto incapaz agora. Mas é minha história.

F1: Mesmo sabendo que fez tudo que podia?

Ayla: Mesmo sabendo que eu fiz tudo que pude. Mas sempre fica aquela coisa, "Eu poderia ter feito isso, eu poderia ter feito aquilo". Ou, no caso, na semana que ele veio, (que ele caminhou) [00:16:07] pra cá, pra (Fortaleza), eu estava trabalhando. Era (inint) [00:16:11] eu trabalhava uma semana, folgava outra. Era na minha semana de trabalho. Aí, eu fico imaginando, "Eu poderia ter abandonado o meu trabalho e ter ido cuidar dele", porque ele tinha esse problema. Sabe? Eu sempre fico imaginando coisa. Aí, foi por conta disso, também, que eu acabei largando o trabalho. O trabalho puxava demais de mim. Hoje em dia, eu me culpo de não ter dado mais atenção pra eles. Aí, agora, eu vou (quietar) [00:16:37], porque, agora, eles estão (inint) [00:16:39]. Já estão tudo adulto.

F1: Como que a senhora enxerga seu futuro, assim, de agora em diante. Há 2 anos atrás em diante (inint) [00:16:51]. O que a senhora imagina?

Ayla: Não tenho perspectiva. Porque, depois que o (Eduardo) se foi, eu adquiri traumas e manias. E eu tenho medo, até, de entrar em depressão outra vez, e (ter que) [00:17:12] fazer besteira comigo mesmo. Muito medo mesmo. O que está me segurando, ainda, é o (Everton), porque ele é muito dependente de mim. Aí, eu ainda estou por eles. Mas, por mim mesma, pra mim, eu não tenho mais perspectiva. Pra mim, o que acontecer, aconteceu, está bom. Não tenho mais vontade de sair, não tenho mais vontade de comprar uma roupa, sabe? Eu não me arrumo mais como eu me arrumava antigamente. Perdi o gosto de viver. Perdi, simplesmente perdi.

F1: E, com relação à pessoa que fez isso, qual é o sentimento da senhora?

Ayla: No início, eu queria, de coração, que ele pagasse. Eu não queria que ele tivesse morrido, sabe? Porque a (Bíblia) fala que o salário do pecado é a morte. E, ali, quando ele morreu, ele pagou pelo que ele fez.

Eu, realmente, queria que ele tivesse continuado vivo, que ele tivesse ficado preso. Eu cheguei a ficar cara a cara com ele na delegacia e o delegado soltou ele. Me chamaram pra fazer acareação com ele pra depois soltarem. Aí, no dia, eu fiquei com ódio. Mas, como eu sou testemunha de (Jeová), eu não posso guardar ódio. E eu não me senti bem com a morte dele. Não me senti. Eu sofri também com a morte dele. E, na verdade, ele só fez isso porque o pai dos meninos causou isso, que ele nunca deveria, que um homem de idade, ele nunca deveria se trocar com um jovem, por causa de bebida. E outra, ele causou aquilo e o criatura também era vítima. Era usuário também. Ele fazia qualquer coisa por um pedaço de droga, (como é o nome daquela? Pedra) [00:19:15].

F1: Crack.

Ayla: Esse negócio aí mesmo. Ele fazia qualquer coisa por isso. Aí, ele era uma vítima também. Também não tinha pai. Também ele só tinha mãe, também. Que também é outra sofredora igual a mim. E, assim, eu não tenho ódio da família dele de jeito nenhum. Eu sei que o que ele fez com o meu filho foi desumano, porque ele ainda lambeu o sangue do meu filho. Engoliu, ainda, o sangue do meu filho. E foi muito difícil pra mim. Mas, hoje, eu já consigo passar pela mãe dele, já consigo cumprimentar ela. Antes, não, porque estava muito recente, mas já tem 2 anos e uma parte desse trauma eu já estou conseguindo superar. Pelo menos a parte de perdoar, a (Bíblia), ela foca muito essa parte aí, que a vingança pertence a Deus. Então, eu não tenho que me vingar dele, eu deixo que Deus faça. Que, quando chegar o grande dia, Deus vai resolver o que vai fazer com ele e com o meu filho também.

F1: Quando a senhora viu ele na acareação, foi que o olhar, o olho daquele que tirou o seu filho, o que a senhora (inint) [00:20:34].

Ayla: Na hora, na hora, deu vontade de eu pegar ele. E eu estava com mais 2 filhos, que eles também, eu tive que segurar os 2. Eu tive que segurar os outros 2, que era pra não ter que fazer (inint) [00:20:45] delegacia, porque, quando o inspetor viu que eu estava em pânico, eu entrei em desespero, ele me tirou. Tirou eu e os 2 meninos da sala. Porque ele ficou desfazendo da cara da gente. Ficou rindo. Aí, logo depois que ele se soltou, 8 dias depois, ele matou um criatura lá embaixo da ponte, ali, do (inint) [00:21:10] (da perimetral) [00:21:10], e arrancar a cabeça do homem, e colocou numa estaca, e dizia que tinha sido o meu outro filho. Tão drogado ele estava que ele disse que era o meu outro filho que tinha matado, o (Edvan). Aí, foi nessa situação aí. Depois disso, ele fugiu. Quando ele voltou, depois de 1 ano, pegaram ele e mataram ele do mesmo jeito que ele matou o (Eduardo). Do mesmo jeito. Mas, assim, eu não me senti bem com a morte dele. Eu estava no interior na época, quando eu recebi a notícia e eu não me senti bem, (inint) [00:21:43] foi impactante pra mim. Do jeito que ele matou o (Eduardo), ele morreu. Exatamente igual. E eu não me senti bem.

F1: A senhora acha que isso não era uma justiça digna pra ele.

Ayla: Não, eu acho que ele deveria ter sido preso. Eu não acho que deveria ter sido dente por dente, olho por olho. Porque a (Bíblia) fala que a vingança pertence a Deus. Mas graças a Deus que não foi nenhum dos meus filhos. Ele criou muitos inimigos, porque ele matou 18 pessoas. E ele já estava sendo procurado e foi um conjunto de pessoas que mataram ele. Tinha (na faixa) [00:22:32] de 8. Cada um deu uma furada nele. Graças a Deus, eu vivia pedindo pra eles não se envolverem. Graças a Deus eles me ouviram e não se envolveram. Teve quem fizesse a justiça por eles. Mas, mesmo assim, eu não me senti bem. Apesar de, no princípio, quando aconteceu, eu desejei, de

coração, desejei a morte dele. Mas, aí, depois, refleti em orações, pedindo a (Jeová) que tirasse, que não me deixasse que aquele ódio amadurecesse dentro de mim. Eu consegui perdoar ele, já falo com a mãe dele. Inclusive quando a gente sai de serviço de pregação, (inint) [00:23:11] encontro com ela, deixo (inint) [00:23:14] com ela. E, hoje em dia, ela já sabe que quem tinha a mancha negra mesmo, na verdade, era o filho dela. Ela já sabe disso. É porque, assim, quando o (Eduardo) morreu, eu e ela que a gente fez de tudo pra dar um enterro digno pro meu filho, apesar dele ter sido enterrado (inint) [00:23:40], mas ele tinha documentação, que eu nunca deixa faltar. Eu sempre procurava manter o documento deles (inint) [00:23:47]. Porque teve uma época, aí, que ele, atrás de droga, ele chegou a empenhar até a identidade. Aí, eu fazia sempre um jeito de ter xérox pra entregar pra ele. Tinha xérox de documento, eu vivia tirando, que era os pros originais ficar comigo. Que era pra, se acontecesse alguma coisa, fosse (preso com alguma coisa) [00:24:07], eu (sempre ter ajeitada) [00:24:08] a documentação dele. E eu tinha sempre isso comigo. Já o filho dela morreu e foi enterrado como indigente, porque não um documento, e nem (teve o direito de vir pra casa) [00:24:19]. O meu, eu não trouxe pra casa porque o (IML) ficou rodando com ele o dia todinho, não foi, (inint) [00:24:29]? Aí, o corpo dele acabou entrando em decomposição, aí nem deixaram a gente levar pra casa. Foi do (IML) pro cemitério. Mas meu filho teve o enterro.

F2: (Na realidade, não foi nem isso) [00:24:37]. É porque, no dia que eu fui buscar o corpo dele, o rapaz do (IML) me orientou a não levar por causa que não era porque ele entrou em decomposição, e por causa do estado que estava. Eles não conseguiram ajeitar o corpo dele pra levar pra casa.

F1: Entendi.

Ayla: Foi facada demais que eles deram (nele. Muita facada) [00:24:58].

F2: Eu nem queria que tivesse aberto lá. Tanto é que foi menos de 5 minutos que passou aberto (o caixão) [00:25:05], pra que eles não sofressem mais (inint) [00:25:08].

F1: É.

Ayla: Foi muito traumático. Eu não esqueço, não. Eu só vi ele lá no cemitério, na hora, e eu nunca vou esquecer o rosto dele. Não consigo esquecer o rosto dele, de jeito nenhum. O rosto dele tinha facada (inint) [00:25:29], no rosto dele. O corpo dele, quem foi reconhecer foi ela, eu não tive coragem. Estava todo (inint) [00:25:36]. Foi muita maldade. Não sei como a pessoa consegue, um ser humano consegue fazer isso com outro semelhante. Não sei, não entendo. É uma coisa que não dá pra entrar na minha cabeça de jeito nenhum. Eu acho que, assim, a humanidade está partindo já, está deixando de ser humano. Estão ficando animal. Estão virando animal. Porque animal não tem raciocínio. Pelo menos não pensa. E o ser humano pensa. Eu acho que deveria pensar antes de fazer qualquer (mal) [00:26:10]. Se tem uma (raiva, se tem) [00:26:12] uma contenda, porque não procura resolver na conversa? Eu acho que os outros, graças a Deus, estão bem e estão conseguindo levar. (inint) [00:26:26].

F1: O que lhe dá força pra levantar de manhã?

Ayla: O (Everton). O (Everton) precisa muito de mim. Apesar dele ser, assim, depois que ele ficou cego, ele ficou muito, vamos dizer, grotesco, porque ele é muito grosso com a gente, sabe? Mas ele ainda está em trauma, ainda, porque só tem 5 anos que ele ficou cego. Daí, ele tem as necessidades dele, ele quer, ele precisa das coisas, eu entrego. Eu estou sempre procurando cuidar dele pra não deixar ele andar sujo, pra não deixar que ninguém desfaça dele. Que o pessoal tem mania de ficar chamando ele de ceguinho. Antes, ele era uma pessoa normal. Ele enxergou até os 18 anos. E eu fico tendo aquele cuidado de pra onde



ele vai, eu quero saber pra onde ele vai. E ele ainda está nessa transição ainda, que o médico disse que ia levar uns 10 anos pra ele poder aceitar que a vida dele não vai mais voltar a ser como era antes. Tem muita coisa, assim, que, pra ele, ainda é muito difícil. Agora foi que ele resolver aprender o (Braille). Agora foi que ele resolveu a sair de casa, a procurar atividade pra fazer. Depois de 5 anos. E ele precisa muito de (inint) [00:27:55] estar lhe motivando a (viver) [00:27:58]. Porque os outros já são tudo adulto, já são tudo pai de família, não precisam mais de mim, já podem seguir a vida deles. Mas o (Everton), não. O (Everton), ele vai ficar sempre dependente, porque ele não tem visão, e ele está em fase, ainda, de, como eu posso chamar? Ele está tentando.

F1: De aceitação.

Ayla: É. Está tentando voltar a viver de novo, agora. Então, pra ele, é muito difícil, e pra mim também, porque não deixou de (não ser) [00:28:34] um trauma também, porque foi tiro e ele ficou cego. E, afinal de contas, a minha vida é só traumas. É só trauma, é muito difícil.

F1: O (Antônio Eduardo) deixou um filho.

Ayla: O (Eduardo) deixou um filho.

F1: Como é? A senhora vê o neto?

Ayla: Não, a mãe dele não (inint) [00:28:59], é de (Maranguape), eu moro aqui, a gente até tentou, porque era o pedaço dele e a gente queria perto da gente, mas ela não deixou, ela escondeu o menino.

F1: A senhora não tem contato com esse neto?

Ayla: Não tenho contato. Eu não sei nem onde ela está morando. Não tenho contato. Eu mandei o (Elvis), meu filho mais velho, lá, que a gente tentava uma negociação da gente passar um tempo com ele, ele passava um tempo com ela, sabe? Que era pra ele não se afastar da família, e

saber que o pai dele tinha família. Mas ela não aceitou. Mas eu não vou brigar com ela, é um direito dela, o filho é dela, apesar de ser meu neto.

F1: Mas a senhora já viu esse neto?

Ayla: Eu já vi ele. Quando o pai dele morreu, ele tinha 3 anos. E é o retrato do pai.

F1: E a família dele veio? A mulher e o filho veio?

Ayla: Não. Nem o pai dele.

F1: Nem o pai dele?

Ayla: Nem o pai. A gente avisou. Eu avisei por telefone. Depois os meninos, no dia do sepultamento dele, os meninos avisaram, mas a família da parte de pai, nenhum compareceu. Foi só eu, ela aí, e os meus filhos, no sepultamento dele. Também foi difícil, porque saber que ele, antes, ele era cheio de amigo, e amigo é só, assim, amigo não existe. Eu digo (inint) [00:30:35] que amigo não existe. Até pra família é difícil, porque, da parte do pai dele, era pra eles terem comparecido. O momento é difícil na vida da gente, a gente precisa mesmo de apoio. Mas o pai dele não deu esse apoio, nem quando ele morreu nem quando o (Everton) ficou cego. O pai dele não compareceu. Aí, é assim, é eu que tenho que tocar o barco só. É eu que tenho que me revezar, pra, na hora (inint) [00:31:06] só filho homem, o certo era ter um pai pra conversar com eles.

F1: São todos homens?

Ayla: Todos homens. Mas eles não tiveram pai. Aí, é eu que tenho que me sentar com eles, conversar. Mesmo já eles depois de casado, como agora. Agora só tem um que vive com a mulher, o resto tá tudo separado. E é eu que tenho que sentar com eles, é eu que tenho que escutar o desabafo deles. É eu que tenho que manter eles com a cabeça fria. Sou eu. Sou pai e mãe.

F1: É muita responsabilidade.

Ayla: Muito grande. Muito grande. Porque homem é danado pra enfiar os pés pelas mãos. E cada um com uma natureza diferente e eu tenho que lidar com essas 4 naturezas. Eu tenho que saber como é a vida de cada um. (inint) [00:32:07] por isso é que eu estou sempre assim, por perto. Estou sempre por perto, que é pra mim ver o que está acontecendo com eles, o que eles estão fazendo, onde é que eles estão errando, pra mim ajudar eles a corrigir.

F1: A senhora acha que esse trauma de perder o filho mudou a sua forma de ser mãe?

Ayla: Acho que mudou, porque eu, agora, fiquei mais alerta com eles, sabe? É como eu lhe disse, estou sempre perto deles. Vou atrás, eu quero as horas que eles saem, eles bebem, e eu quero saber a hora que eles estão, aonde que eles estão, eu vou buscar. Porque eu tenho medo de levarem mais um, sabe? É o medo da perda. Não é o medo de eles fazerem nada, não, porque eles são conscientes. Porque eu criei todos eles na verdade, eles não continuaram comigo porque homem tem a natureza difícil mesmo. Mas, se fosse por mim, todos eles estavam na verdade comigo.

F1: Desde sempre a senhora tem essa religião, testemunha de (Jeová)?

Ayla: Desde sempre.

F1: E a senhora sabe que ela lhe ajudou nesse momento?

Ayla: Foi meu porto seguro, sabe? Assim, é o amor de (Jeová) que está me conduzindo, que está me mantendo em pé. Os conselhos. Quando eu estou muito aflita, eu vou na (Bíblia), (inint) [00:33:32] com as minhas irmãs, que as minhas irmãs todas são, conversei com elas, desabafo também. Também não guardo ódio dentro de mim. Quando está acontecendo alguma coisa, eu converso com elas. Até mesmo problema entre eu e eles eu procuro o apoio delas. Da congregação também. E dão muito apoio. Quando o (Eduardo) morreu, com 6 dias minha mãe

morreu, que foi o dia da congregação (inint) [00:34:00]. Minhas irmãs muitos amorosas, sempre me apoiando, não me deixavam só. Porque foi muito difícil. Ela aí, nem se fala. Ela (largou o) [00:34:13 marido, filho, pra ficar comigo. Sabe aquela irmãzona que tá ali o tempo todo presente? Graças a (Jeová) que eu tenho ela. Se não fosse ela, se não fosse a minha irmã mais velha, eu não sei onde é que eu estaria agora, não. De jeito nenhum. Eu fiquei tão desesperada (inint) [00:34:34] acabei com as minhas coisas, minha casa, espalhei tudo. Eu achava que eu não ia ter mais capacidade de continuar. Agora que eu estou tentando me reerguer. Mas sempre fica aquela marca. Eu olho pras coisas, vejo a mãe, olho pras coisas, vejo o (Eduardo). Fica muito difícil pra mim.

F1: Por conta desses problemas, o seu relacionamento com o (Eduardo) era um pouco diferente do seu relacionamento com os outros filhos?

Ayla: Não.

F1: Não?

Ayla: Não. Eu sempre procurei dar amor por igual a eles, que era pra não ter contendas, com respeito a isso não existia contendas. De jeito nenhum. Meu tempo era pouco com eles, era corrido, mas sempre, quando eu sentava pra conversar, eu botava os 5. Eu nunca conversei só com 1 individualmente, porque estava dando mais atenção pra eles do que pra outros, não. Isso nunca aconteceu.

F1: E era bom o seu relacionamento com o (Eduardo)?

Ayla: Era?

F1: Era. Ele só me chamava de, "Minha coroa". Ele só me chamava de, "Minha coroa". Tudo que ele ia fazer, quando ele queria alguma coisa, ele só me chamava de (Aya) quando ele queria alguma coisa. (Ele nem me chamava de mãe) [00:35:51] por conta de minha mãe. Quando eu tive o mais velho, eu morava com a minha mãe. Aí, ele aprendeu a me

chamar de (Ayla). Que, na verdade, ele chamava de (Aya), e os outros sempre foram acompanhando ele. E ele só me chamava de (Aya) quando ele queria alguma coisa. Mas, quando ele estava muito aflito, ele chegava pra mim, pedia pra (inint) [00:36:14], foi o único que não aprendeu a ler, por conta da dislexia. Pedia pra mim ler a (Bíblia). Tinha temor. Ele tinha (inint) [00:36:25] de Deus. Ele sabia que, quando ele fazia alguma errada, ele não conseguia dormir. Ele ia lá onde eu estava, se deitava comigo, pedia pra mim ler a (Bíblia) pra ele, eu lia. E, aí, ele dormia. Quando ele queria alguma coisa diferente, ou uma roupa, ou um calçado, ele chegava pra mim, me abraçava, me beijava. Aí, dava a facada, dava o golpe. E tinha aquele jeitão dele. Louco por (reggae), era doido, dança um (reggae). (inint) [00:36:58] hoje, eu não consigo escutar mais, porque (eu lembro do meu filho) [00:37:01], é difícil.

F1: A senhora procura evitar as coisas que fazem lembrar?

Ayla: É.

F1: Por quê?

Ayla: Porque traz aquela lembrança dele, e eu procuro ele e ele não está. Aí, eu vou sofrer, de repente, em 2 vezes, porque tudo, (os meninos) [00:37:19] também abandonaram essa mania, que todos eles gostava, eles já não fazem mais. Aí, à noite, eles perderam o hábito também de sair à noite. Quando eles saem, eu vou buscar. Aí, ficou difícil pra todos nós. Pra mim e pros outros. O pai dele, eu não sei. Não sei qual é o sentimento do pai dele com respeito à falta dele, eu acho que (inint) [00:37:44]. Eu não sei. (Desculpa aí) [00:37:47], mas não sei.

F1: Ele vive próximo a vocês? Não?

Ayla: Ele mora lá no (Maranguape).

F1: E isso aconteceu aqui, em (Fortaleza)?

Ayla: Aconteceu aqui, em (inint) [00:37:57], no conjunto (São Cristovam), precisamente.

F1: Conheço. Trabalhei lá muitos anos.

Ayla: Eu fico pedindo força a Deus todo dia, amanheço o dia pedindo força além do normal pra continuar. Pedir a Deus pra que me aconteça coisa nova, que é pra ver se sai aquela coisa da cabeça. Aí, quando eu estou muito atormentada, eu vou lá pra casa dela, ou então viajo pra (inint) [00:38:24], que é a minha terra natal, e lá mora minha irmã mais velha. Cheguei hoje de lá. Fiquei perturbada no final de semana, e voltei pra lá.

F1: É um refúgio?

Ayla: É o meu refúgio. O meu porto seguro é lá na casa dela, na casa da outra. E é assim, eu fico tentando me remendar meus pedacinhos com elas. Uma segura daqui, outra segura dali. Quando eu estou querendo cair, elas me levantam. E eu estou seguindo.

F1: Está certo. (Ayla), obrigado, viu? Porque eu sei que não é fácil, é uma ferida. Ayla: É uma ferida que não fecha.

F1: Que não fecha. E, assim, não é todo mundo que quer abrir pra uma pessoa que não é da família, que não é conhecida. E, assim, você falar, se propor a falar sobre isso, eu fico muito grata a todas as mães, porque é sem obrigação, e é de coração mesmo, e é uma verdade que elas acabam contando pra gente.

Ayla: Assim, eu não me oponho porque eu sei, você sabe que a (Bíblia) fala que vai haver uma ressurreição, tanto de justo quanto de injusto. E eu pretendo ver meu filho na ressurreição. Poder abraçar ele de novo. Eu pretendo, de todo coração. Encontrar com ele, com a minha mãe, e abraçar os 2.

F1: (Intensidade) [00:00:01] que a senhora tem que falar?

Ayla: (inint) [00:00:02]. Eu achava que, antigamente, o povo dizia, "não, morreu, acabou". Mas não é assim. Não é, de jeito nenhum. Aí, eu impedi isso de realmente acontecer. De eu excluir ele, deixar ele pra

deus. Não quero. Eu quero lembrar dele do jeito que eu o vi no caixão. De jeito nenhum.

F1: A senhora sonha com ele?

Ayla: Sonho. Sonho muito com ele. E no sonho que eu tenho com ele, ele está sempre muito feliz. A última lembrança que eu tenho dele (inint) [00:00:42]. E eu espero realmente que... eu não quero esquecer dele. Eu não quero ter uma lembrança sofrida dele. Eu sempre o vi sofrer demais, porque ele lutou muito. Ele lutou muito. Tanto que ele pediu ajuda. Ele só teve força. Não é? Mas, o que me conforta também é que ele não morreu pela droga. Não é? Porque tem gente que morre pela droga, ele não. Ele era viciado, não teve força pra sair, mas ele não morreu por causa da droga. Ele morreu por causa de vingança.

F1: Isso lhe alivia?

Ayla: Alivia-me. Assim, se ele tivesse morrido por conta de droga, eu não me perdoaria. Eu fico sempre achando que eu poderia ter feito mais alguma coisa. Mas eu estou em paz. Porque o que eu podia fazer pra ele, não deixava faltar nada. Quando ele arrumava dívida, eu dava um jeito de pagá-la. Era pra ele não ser morto por conta das drogas. Sabe? Por isso, ele não morreu. Ele morreu por causa da vingança da criatura lá, que queria porque queria descontar o que o pai dele havia feito pra um amigo dele. E ele conseguiu.

F1: Ele queria vingar um amigo?

Ayla: Um amigo. Que, por sinal, não morreu. Foi só um risco de faca que o pai dele deu, por conta de bebida. Criou uma contenda, eles foram lá, batiam na casa, derrubaram a parede da frente, pra atrair e matar o pai dele. Não conseguiram. Aí, o (Henrique) foi quem pegou o peso todo da culpa, também. Porque ele foi agredido, quebraram a cabeça do (Henrique). Tem (B.O.), o delegado viu que não foi por droga que o (Eduardo) morreu. (inint) [00:02:53] ele morreu por conta disso. Se tiver

que morrer, vai morrer porque ninguém nasceu pra (semente) [00:03:00]. Mas o (Paulo) não vai ser. (inint) [00:03:05]. Porque a gente não tem pra onde correr. A droga, nesses dias, fica viciado. E, graças a deus, não foi por conta disso. Ele tinha um amigo... o (Henrique) chegou a ficar tão viciado em crack que ele tentou suicídio. Mas, ele teve força pra sair. Já o (Eduardo) usava droga, não teve força pra sair. Cheguei a internar ele, e ele não conseguiu. Mas, ele não morreu por conta da droga. Foi pra pagar uma dívida antiga do pai dele.

F1: O que a senhora sente em relação ao pai dele, por conta disso?

Ayla: Aí, eu vou precisar fazer uma... sabe, porque o pai dele chegou a furar o (Henrique). Pai dele era ruim. Chegou a me botar em hospital, pancada na cabeça, ele me batia muito. Então, por isso que eu pedi a medida protetiva, pedi pra botar ele pra fora de casa. Ele corria atrás do menino com faca. Aí, eu não tenho... (inint) [00:04:16] com o pai dele. Eu quero distância dele, tanto que eu não (inint) [00:04:20] como odeio. Não gosto de lembrar o tempo e o sofrimento que passei com ele. Passei 23 anos da minha vida tendo que aguentar (inint) [00:04:28], passando necessidade. Por isso, eu tive que abandonar meus filhos cedo pra trabalhar. Trabalhava em casa de família. Tinha dia que eu saía 5 horas da manhã, chegava 10 horas da noite. Quando eu saía, eles estava dormindo, quando eu voltava, eles estavam dormindo. Passou muito tempo em que eu não tinha contato com eles, porque eu tinha que sair muito cedo. Saía 5 horas da manhã, estavam todos dormindo. Quando eu voltava, 10 horas da noite, eles estavam todos dormindo. Aí, eu não acompanhei o crescimento deles, a adolescência deles, não acompanhei. E é isso aí que me faz falta hoje, que me dói hoje. Eu fico achando que trabalhei demais e não cuidei deles.



F1: E eu fico muito grata pela senhora ter (pego) [00:39:52] um pedaço do seu tempo, do seu trabalho, pra conversar comigo. A senhora quer dizer mais alguma coisa?

Ayla: Está doendo demais.

F1: Viu? Eu agradeço demais a sua participação na pesquisa. Como eu disse, nada informa os seus dados. É um trabalho mesmo é científico. E agradeço muito. Obrigado, viu?

Ayla: Não, por nada. Disponha.

F1: Encerramos a entrevista da senhora (Ayla Maria da Silva Ferreira) às 11 horas e 9 minutos.

[00:40:23]